

CARLOS GOMES DE OLIVEIRA

LAZER NO PRETO E BRANCO: HISTÓRIAS DE INTEGRAÇÃO DO NEGRO PELO LAZER E ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL VOLUNTÁRIA NO CLUBE PALMARES EM VOLTA REDONDA – RJ.

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa Associado UEM/UEL de
Pós-Graduação em Educação Física–
UEM/UEL para obtenção de título de
Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel

**Maringá
2012**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR., Brasil)**

Oliveira, Carlos Gomes

0482L Lazer no preto e braço : histórias de integração do negro pelo lazer e animação sociocultural voluntária no Clube Palmares em Volta Redonda - RJ / Alexandre Marcelo Coutinho Guedes. -- Maringá, 2011. 192 f.: il., color., fotos, tabs.

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Educação Física, 2012.

1. Lazer em clubes. 2. Integração sociorracial. 3. Animação sociocultural. I. Pimentel, Giuliano Gomes de Assis, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Educação Física. III. Universidade Estadual de Londrina. IV. Título.

CDD 21.ed. 790.06

AHS-000902

CARLOS GOMES DE OLIVEIRA

**LAZER NO PRETO E BRANCO: HISTÓRIAS DE
INTEGRAÇÃO DO NEGRO PELO LAZER E
ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL VOLUNTÁRIA NO
CLUBE PALMARES EM VOLTA REDONDA - RJ**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Educação Física e Sociedade, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 16 de fevereiro de 2012.

Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves
Soares

Profa. Dra. Larissa Michelle Lara

Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel
(Orientador)

DEDICATÓRIA

FAMÍLIA

*Pai: **Jovelino Gomes de Oliveira** (in memoriam). Foi cedo, mas as lembranças que guardo me indicaram um caminho de justiça e lealdade principalmente aos amigos.*

*Mãe: **Laura Marcelina de Oliveira**. Não mediu esforços para garantir a educação dos seus filhos, não deixando faltar amor, carinho e compreensão.*

*Irmã: **Nadira Aparecida de Oliveira** (in memoriam). Sempre foi parceira, cúmplice e que nesse momento está lá no reino dos céus olhando por mim.*

*Esposa: **Valdete da Graça** que é parceira, companheira desde 1984 e que esteve comigo nos momentos alegres e também difíceis da minha vida, mas sempre juntos.*

*Filho: **Matheus Gomes de Oliveira**. Um guerreiro, batalhador e sempre soube dar a volta por cima de cada adversidade e não foram poucas, mas sempre encarou tudo com muita fé e alegria. Uma inspiração, um exemplo, um verdadeiro campeão, um filho de ouro e como diz o seu nome, **UM PRESENTE DE DEUS**.*

A DEUS

Por ter me guiado, me colocado no caminho do bem, por eu estar vivo, cheio de esperança na vida, nas pessoas, no futuro e pronto para iniciar uma outra etapa da vida sempre na intenção de fazer o bem não importando a quem.

AGRADECIMENTOS

Durante a minha formação acadêmica, tive o apoio de muitas pessoas que me ajudaram de inúmeras maneiras e sem elas eu não teria conseguido chegar nesse estágio de elaboração da dissertação.

Aos companheiros de mestrado e GEL, Patrícia Herold e Juliana Victor, pois tivemos a honra de sermos os primeiros orientandos do Prof. Giuliano.

Aos meus alunos e colegas do Centro Social Urbano, Alexandre da Silva, Antônio Jacinto e Geremias Nogueira, por entenderem esse momento e me apoiarem na continuidade dos propósitos.

A Professora Yara Maria Küster que me fez entender que a Educação física não era só esporte e me encaminhou para esse mundo maravilhoso do lazer.

Ao casal João Marin Mechia e Ivonete Marin que me “adotaram” e me ajudaram a enxergar novas possibilidades de atuação na carreira profissional e como pessoa.

Ao grande parceiro batalhador e sempre justo nas suas atitudes Professor Luiz Carlos Chioderolli que apontou os caminhos para que esse período fosse feito dentro da legalidade e tranquilidade na Secretaria de Esportes e Lazer.

Ao amigo Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira, meu primeiro técnico de basquetebol na cidade de Maringá, pessoa que me mostrou vários caminhos e me deu oportunidades profissionais que mudaram o rumo da minha vida profissional e sempre acreditou que eu poderia ir muito mais além.

Ao meu “irmão” Claudio Kravchychyn que não cabe nesse trabalho tudo que já fez para auxiliar no meu caminho, mas um dos principais, foi praticamente me retirar das ruas de Campo Mourão. Alguns dos amigos daquela época hoje já não estão vivos.

A uma pessoa que foi mais do que uma secretária, foi uma benção na vida dos mestrandos. A competentíssima Guisela Ratz Scoarize,

Devo um super agradecimento ao Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel, mais que orientador, um amigo de longa data, que acreditou em mim desde 2004 quando compartilhou todo o material de Recreação que possibilitou minha entrada nas turmas de Recreação e Lazer do Centro de Ensino Superior de Maringá - CESUMAR – e onde escrevemos o nosso primeiro trabalho juntos, que possibilitou o começo de um novo rumo na minha vida acadêmica.

Também quero expressar aqui a minha gratidão e admiração a cada um dos entrevistados do Clube Palmares de Volta Redonda – RJ, principalmente ao Sr. João Estanislau Laureano, Jeferson Virotte Laureano pelas dicas, Maria da Glória pelas conversas informais encorajadoras.

OLIVEIRA. Carlos Gomes de. **Lazer no Preto e Branco:** histórias de integração do negro pelo lazer e animação sociocultural voluntária no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ. 2012. f. Dissertação Mestrado em Educação Física – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2012.

RESUMO

Este estudo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física–UEM/UEL na linha Práticas, políticas e produção de conhecimento em Educação Física, trata da problemática da questão do lazer e do auxílio na recuperação da memória do Clube Palmares, que foi criado em 1964 para ser um espaço de inclusão do negro no lazer, em Volta Redonda, Rio de Janeiro. O clube foi fundado diante da negativa dos negros serem aceitos nos clubes sociais da cidade, numa época de racismo menos nuançado.

O objetivo geral desse trabalho é o de investigar a memória do Clube Palmares, e entender a sua importância na integração racial e na promoção de práticas culturais ligadas ao corpo, com um olhar no contexto político, social, econômico, quanto aos objetivos específicos, verificar como são desenvolvidas as intervenções por intermédio das possibilidades e limites da animação sociocultural no contexto do clube Palmares; disponibilizar este material para auxiliar novos trabalhos de pesquisa que busquem uma aproximação da problemática dos fundamentos do lazer em clubes sociais negros na tentativa de lutar por um equilíbrio entre o entendimento da teoria e a prática das atividades sistematizadas do lazer, atendendo as necessidades da população em geral.

Os sujeitos da pesquisa são os integrantes do Clube Palmares e dependentes e na linha da ação participante, a coleta de dados históricos ocorreu mediante fonte oral, pela entrevista de sete pessoas que participam ativamente do clube. O trabalho foi complementado por documentos (fotos, blogs e recortes de jornal). Um levantamento foi realizado sobre a história do negro e algumas das principais ocorrências envolvendo o clube durante a sua história de lutas conseguidas por estratégias e por conscientização do negro sobre a sua real importância para o desenvolvimento do País.

Por meio de ações diagnósticas durante as visitas realizadas ao Clube Palmares ficou claro que as lideranças possuem um grande conhecimento sobre a realidade da comunidade. Existe uma hierarquia na entidade e o respeito dos seus membros para com os sócios fundadores, é muito grande e a facilidade de diálogo favorece a circulação das hipóteses que necessitam ser discutidas.

A estratégia de animação sociocultural do clube em realizar as intervenções por dinâmicas reflexivas visavam o trabalho coletivo com muito planejamento. Os jovens do clube começaram a atuar mais ativamente graças às experiências centradas na (ASC).

PALAVRAS-CHAVE: Lazer em clubes; Integração socioracial; Animação sociocultural.

OLIVEIRA. Carlos Gomes. Leisure in Black and White: stories of the integration of african descendant into leisure and sociocultural Club volunteer at Palmares in Volta Redonda - RJ. 2012. f. Master's Thesis in Physical Education - Health Sciences Center, State University of Maringá. Maringá, 2012.

ABSTRACT

This study developed at the Post Graduation Program in Education Associated in PE, physical education-UEM/UEL in practice lines, politics and knowledge production in Physical Education, covers the issue from the point of leisure and aid in memory retrieval of Club Palmares, which was created in 1964 to be a space of inclusion of african descendant in entertainment, in Volta Redonda, Rio de Janeiro. The club was founded as a refusal from the system which did not accept them in the social clubs of the city, in a time of racism less nuanced.

The goal of this paper is to investigate the memory of Palmares Club, and understand its importance in racial integration and promotion of cultural practices related to the body, with a view at the political, social, economic, besides developing an intervention through the possibilities and limits of the sociocultural context of the club with the objective of training new leaders for the perpetuation of its name.

Making this material available so that it can assist in new research projects that seek an approach to the problem of the foundations of leisure in african descendant social clubs in an attempt to strive for a balance between understanding the theory and practice of systematized leisure activities, serving the needs of population in general. The research subjects are members and dependents of Palmares Club and they also participate in the line of movement. The historical data collection occurred through oral sources, it occurred the interview of seven people who participate actively in the club. The work was supplemented by documents as photos, blogs and newspaper clippings.

It was made an african descendant survey related to their history and some of the major events involving the club during its period of glory struggles achieved by strategies and awareness and about the real importance of these people to the development of the country.

Through diagnostic actions during the visits to the Palmares Club, it became clear that the leaders have a great knowledge about the reality of the community. There is a hierarchy of authority and respect from its members towards the founding partners, the dialogue between them are very fluent and easy which promotes the circulation of hypotheses that need to be discussed.

The strategy of social and cultural animation activities of the club to perform a dynamic reflective intervention aimed at the collective work with a lot of planning. The youth club started to act more actively due to initiatives focusing on (ASC).

KEYWORDS: Leisure in clubs; Integration socioracial; Sociocultural animation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Loteamentos dos funcionários do alto escalão da CSN.....	51
Figura 2 -	Colégio Trajano Medeiros na década de 60.....	56
Figura 3 -	Diretoria do Palmares nos anos 60.....	58
Figura 4 -	Muro do Clube Palmares em 2010.....	67
Figura 5 -	Eventos em 1960.....	70
Figura 6 -	Apresentação de Afoxé Educadora Janayna da Silva.....	77
Figura 7 -	A diretoria do Palmares, em 2002, e o novo Bar.....	79
Figura 8 -	Missão Afro no Palmares em 31.01.2010.....	90
Figura 9 -	Dinâmicas da infância.....	96
Figura 10 -	Dançando o Jongo.....	96
Figura 11 -	Programação e divisão das tarefas.....	98
Figura 12 -	Danças recreativas.....	98
Figura 13 -	Maquiagem negra.....	99
Figura 14 -	Fachada atual do Ponto de cultura Dara Palmares.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparaçao das etapas de planejamento.....	88
Quadro 2 - Cronograma de atividades realizadas a distânci.....	100

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

3 D's -	Descanso, diversão e desenvolvimento.
ABNT -	Associação Brasileira de Normas Técnicas.
ASC -	Animação Sociocultural.
CGT -	Comando Geral dos Trabalhadores.
CNCSN -	Comissão Nacional dos Clubes Sociais Negro.
CRFB -	Constituição da República Federativa do Brasil.
CSN -	Companhia Siderúrgica Nacional.
EUA -	Estados Unidos da América.
FNB -	Frente Negra Brasileira.
GEL -	Grupo de Estudos do Lazer
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
ONG -	Organização Não Governamental.
PELC -	Programa Esporte e Lazer da Cidade.
TCLE -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
UDN -	União Democrática Nacional
UEM -	Universidade Estadual de Maringá
UEL -	Universidade Estadual de Londrina
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO.....	15
2- MARCO TEÓRICO INTRODUTÓRIO.....	19
2.1 CHEGADA DO NEGRO AO BRASIL E A LUTA PELOS DIREITOS SOCIAIS.....	19
2.2 TEORIAIS RACIAIS E VISÃO DE RACISMO.....	23
2.3 GRUPOS E CLUBES SOCIAIS.....	31
2.3.1 Clubes Sociais Negros.....	34
2.4 ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E SEUS COMPONENTES.....	35
3. PROPÓSITOS METODOLÓGICOS	39
3.1 METODOLOGIA.....	45
4. PERCURSO HISTÓRICO DO CLUBE PALMARES.....	50
4.1 CONTEXTO DO SURGIMENTO DO CLUBE PALMARES.....	50
4.2 REUNIÕES.....	55
4.3 PRIMEIRO BAILE OFICIAL E PARCERIAS.....	58
4.4 DIREITOS DIFERENTES.....	63
4.5 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO CLUBE.....	66
4.6 FASES DO CLUBE.....	70
4.6.1 Décadas de 1960 e 1970.....	71
4.6.2 O Clube na Ditadura Militar.....	75
4.6.3 Década de 1980, a questão do movimento negro.....	77
4.6.4 Década de 1980. O Grupo de Dança Afro e MPB.....	79
4.7 REESTRUTURAÇÃO.....	89
5. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NAS E PELAS FESTAS.....	89
5.1 COMEMORAÇÕES DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER.....	93
5.2 MOTIVAR AS CRIANÇAS, JOVENS E OS ADULTOS PARA O PALMARES DO PRESENTE.....	96
5.2.1 Cronograma das Atividades de ASC.....	96
5.3 GESTÃO NO PALMARES.....	106

6. CONCLUSÃO.....	111
7. REFERÊNCIAS.....	113
ANEXOS.....	125

1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física-UEM/UEL, na linha Práticas, Políticas e Produção de Conhecimento em Educação Física, trata da problemática da questão do lazer e do levantamento da história do Clube Palmares. A ideia é situar a memória dessa entidade na integração e na promoção de práticas culturais ligadas ao tempo livre, com um olhar no contexto político, social e econômico.

Na linha da pesquisa participante, agimos sobre o presente clube tendo como norte a reflexão sobre sua história de lutas. As conquistas realizadas pelos seus membros foram, em grande parte, conseguidas por estratégias e por conscientização do negro sobre a sua real importância para o desenvolvimento do País.

As atividades como sarau, recital de piano, roda de samba entre outras foram importantes para proporcionar momentos de descontração e alegria, em momentos em que era necessária uma afirmação da identidade negra. As ações concretas e positivas denominadas animação sociocultural culminaram na participação dos Palmarinos¹ de uma maneira enriquecedora e democrática.

A ideia teve início nas reuniões realizadas no Grupo de Estudos do Lazer de Maringá – GEL, ligado à Universidade Estadual de Maringá, onde o coordenador e professor Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel relatou que, em um encontro do PELC² realizado em Brasília, teve contato com o presidente do Clube Palmares, de Volta Redonda – RJ. A história desse clube serviu de motivação para conhecer um pouco mais sobre o grupo e contribuir de alguma maneira para o desenvolvimento cultural e esportivo da entidade.

O Clube Palmares teve a sua origem com a iniciativa de dois jovens negros, que após se sentirem rejeitados por outras associações, que em 1964 eram consideradas pela sociedade volta-redondense como famosas. A ideia inicial foi a da recuperação da autoestima. Assim, fundaram um espaço destinado à integração do afrodescendente na sociedade.

¹ Nome dado aos Escravos que viviam no Quilombo dos Palmares e termo assumido posteriormente para denominar os então os integrantes do Clube Palmares.

² Programa Esporte e Lazer da Cidade – Núcleos de Esporte Recreativo e de Lazer. Projeto desenvolvido pelo Governo Federal por intermédio do Ministério do Esporte, gerenciado pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer.

No início, os trabalhos de aproximação com os membros do clube não foram fáceis. A desconfiança foi o maior obstáculo a ser transposto. Sem confiança, a coleta dos dados empíricos por intermédio da história oral do grupo, teve muita resistência, o que acabou interferindo na obtenção da memória do Clube. Para situar o clube no tempo e espaço, procurou-se respaldo teórico. Com isso, foi possível dar suporte a cada fase e ações tomadas pelos seus membros.

Os temas da ação afirmativa e de outras medidas legais antidiscriminatórias devem no entendimento de Sansone (1998) ser repensados nesse novo contexto das relações raciais. É, ademais, necessário relacionar as medidas legais contra a discriminação racial no Brasil, (racismo e a desigualdade racial), mas há muita mestiçagem e pouca identidade étnica organizada ou organizável, por exemplo, em termos eleitorais.

Pela percepção de alguns integrantes da comunidade do município de Volta Redonda, esses direitos foram negados de forma implícita, escondida, mascarada, caracterizada pelo pior tipo de racismo existente, em que a possibilidade de defesa fica ofuscada. O fato foi constatado quando alguns jovens, ao tentarem encaminhar suas propostas para ingressarem nos clubes, não eram aceitos, sempre com alegações que iam do quadro social completo até documentação indevida, em análise pelo conselho.

Em um dos vários encontros realizados por esse grupo, na Praça Brasil, veio à tona o assunto comum entre eles: a vontade de ingressar no quadro social de alguns clubes, incluindo-se nessa lista o Clube da Companhia Siderúrgica Nacional, onde muitos desses eram funcionários.

Constatou-se que todos que tiveram a filiação negada eram negros. Com isso, as perguntas que se faziam eram: como isso é possível? Eles não alegaram que o quadro de associados estava completo? Também, no entendimento desses sujeitos, alguns brancos não apresentavam requisitos tão favoráveis como a condição financeira, quanto os negros que foram recusados. Inclusive alguns deles eram subordinados a João Estanislau Laureano e Nazário Ernesto Dias na Companhia Siderúrgica Nacional.

Com essa provável negação dos direitos, o grupo de amigos concluiu então que essa exclusão não se tratava de uma mera coincidência, e sim, de uma prática discriminatória. A partir desse momento, a realidade veio à tona para os dois. Chocados com a situação, só restavam três opções para eles: 1. Ou se

acomodavam e aceitavam a situação; 2. ou partiriam para a briga com atitudes drásticas, extremistas; 3. Ou poderiam buscar possibilidades de fundar uma associação, ou clube, em que pudessem realizar encontros sem exclusão social, recebendo todos os interessados do município de Volta Redonda, sem distinção de sexo, cor, raça, religião e ideologia partidária. E foi assim que tudo começou.

Sabendo-se dos papéis que os grupos sociais representam na sociedade, como e por que motivo um clube de afirmação da cultura afrodescendente foi criado e sofreu oposição e discriminação?

O objetivo geral desse trabalho é o de investigar a memória do Clube Palmares, e entender a sua importância na integração racial e na promoção de práticas culturais ligadas ao corpo, com um olhar no contexto político, social, econômico, quanto aos objetivos específicos, verificar como são desenvolvidas as intervenções por intermédio das possibilidades e limites da animação sociocultural no contexto do clube Palmares; disponibilizar este material para auxiliar novos trabalhos de pesquisa que busquem uma aproximação da problemática dos fundamentos do lazer em clubes sociais negros na tentativa de lutar por um equilíbrio entre o entendimento da teoria e a prática das atividades sistematizadas do lazer, atendendo as necessidades da população em geral.

A justificativa para desenvolver esse tema, vem da relevância social do lazer e pelo auxílio na recuperação da memória do Clube Palmares e a intenção de buscar raízes culturais da população afro no Brasil, de uma maneira acadêmica, teve início no estudo de línguas minoritárias do Brasil, oferecido pelo Departamento de Letras, da Universidade Estadual de Maringá, onde mostrou-se a história de vários Quilombos do Brasil. O caso mais aprofundado foi o do CAFUNDÓ, localizado no município de Sorocaba, São Paulo e um pouco sobre a história dos índios Pataxós, na Bahia.

A oportunidade de investigar e auxiliar no resgate da memória do Clube Palmares, dando ênfase a sua condição de espaço de lazer em determinado momento histórico do País, a luta contra o racismo e a promoção da integração social do cidadão afrodescendente na sociedade, serviram de inspiração para o tema.

Esse estudo estará proporcionando à comunidade Palmarina mais uma possibilidade de ter a sua história contada e perpetuada relatando como a animação

sociocultural, pode melhorar as relação dos membros do clube, possibilitando assim, o surgimento de novas lideranças.

Como funcionário público há 20 anos, com 17 desses dedicados à comunidade atendendo no Centro Social e Urbano Deputado “Rivadavia Vagas”, como coordenador de esportes, espaço este considerado o maior Centro Esportivo de Maringá – Paraná, adquiri experiência para a identificação das preferências e gostos da maioria da população local pelas atividades tidas como culturais, artísticas e esportivas.

Esses fatores auxiliam e favorecem na hora tomada de decisões relacionadas à organização e administração de eventos, permanentes e de impacto, voltados à comunidade. Isso faz com que possa ser colocada à disposição de entidades, como o Clube Palmares, a elaboração de metas e possibilidades culturais e esportivas para determinadas faixas etárias.

Para facilitar a leitura, este texto foi organizado e dividido em quatro partes. Na primeira será apresentada a questão racial, que serviu para concretizar o embasamento teórico sobre a história do negro, sua luta pelos direitos sociais, teorias raciais, clubes sociais e os clubes sociais negros e a animação sociocultural e fechando com a história oral.

Na segunda parte faremos uma abordagem dos propósitos metodológicos e ferramentas do estudo. Na terceira parte será contemplado o percurso histórico do Clube Palmares, e o contexto do seu surgimento: As suas primeiras reuniões, a escolha do nome, o primeiro baile oficial, as parcerias, a percepção dos membros sobre a negação dos direitos, as dificuldades, fases do clube e a continuidade dos propósitos.

A quarta parte do trabalho apresentará a utilização da Animação Sociocultural nas, e pelas festas, como as comemorações do Dia Internacional da Mulher e como é feita a motivar as crianças, jovens e os adultos para a continuidade dos propósitos dos Palmarinos. Será apresentado o cronograma das atividades de (ASC) e como acontece a gestão no Palmares.

2- MARCO TEÓRICO INTRODUTÓRIO

2.1 CHEGADA DO NEGRO AO BRASIL E A LUTA PELOS DIREITOS SOCIAIS

Trazido como imigrante forçado e, mais do que isto, como escravo, o negro africano e os seus descendentes no entendimento de Miranda e Maria (2007), contribuíram com todos aqueles ingredientes que dinamizaram o trabalho durante quase quatro séculos de escravidão.

O negro teve uma grande participação nas mais diversas áreas do Brasil, participando ativamente da construção econômica. Porém, após a abolição da escravatura ele foi excluído de participar ativamente da apropriação da riqueza gerada pelo trabalho escravo.

As abordagens realizadas neste capítulo tratam da temática do negro, apresentando como ocorreram as lutas para alcançar o direito à liberdade, as dificuldades de inserção na sociedade, o direito ao lazer, até chegarmos a uma de nossas ferramentas do estudo que é a animação sociocultural.

A história do negro no Brasil é uma temática complexa que, segundo Lima (2007) é um exercício de busca às nossas raízes culturais, nas quais estão inseridas 49% da população brasileira. Ao estabelecer as diretrizes desses estudos, deve-se levar em conta a desinformação sobre a África, sua história e sua complexidade cultural, que geram sentimentos de desagregação no povo afro-brasileiro e desenvolvem um processo de negação da sua origem em função de uma história expropriada do continente africano.

Os comentários de Albuquerque e Filho (2006) e Araújo (2009) apontam que entre o século XVI e meados do século XIX é impossível precisar o número de escravos trazidos durante o período do tráfico negreiro. Acredita-se que 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. As péssimas condições a que eram expostos faziam com que a expectativa de vida deles fosse baixa, sem contar os que eram mortos nas tentativas de fuga. Assim, o tráfico foi a maneira encontrada para garantir a reposição dos negros no mercado, o que garantiu o crescimento econômico do País.

Para Araújo (2009), os negros trazidos para o Brasil como escravos, do século XVI até 1850, destinados à lavoura canavieira, à mineração e à lavoura cafeeira, pertenciam a dois grandes grupos: os sudaneses e os bantos. Os primeiros, geralmente altos, foram, sobretudo, para a Bahia. Os bantos, originários

de Angola e Moçambique, predominaram na zona da mata nordestina, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

Na África existiam grupos que promoviam ataques em terras próximas com a intenção de aprisionar alguns aldeões para futuramente vendê-los. Com isso, comunidades deixaram de existir economicamente. Os derrotados viravam escravos, para servirem ali mesmo ou para serem embarcados para outras regiões.

Toda história apresenta vários lados, mas a do negro, no Brasil, foi escrita e contada sob a ótica do europeu, enfatizando as atitudes dos colonizadores e enalteceu feitos como massacre de crianças, mulheres, tornando isso como um fato heróico para a formação da nação brasileira. Pouco realmente foi registrado e enfatizado positivamente nesta parte da história. A “história oficial brasileira” não destaca em algumas produções literárias a real participação do negro para a construção dessa nação.

Pelas mais variadas formas de embarque e tramitação pelo território brasileiro, o contrabando e a migração interna realimentaram o fenômeno da miscigenação no Brasil. Sem que se possa oferecer um balanço exato da extração de homens, mulheres e crianças da África para o Brasil, pode-se, contudo, afirmar que em maior número vieram as etnias sudanesa e banta.

Com isso percebe-se que a chegada do negro se deu de forma desastrosa e em péssimas condições. Isso demonstrou, em pouco tempo, como seriam as condições de vida desse povo que, por mais forte que fosse e da forma como foram escravizados na África, apresentaria aqui uma baixa expectativa de vida.

Com relação à luta negra pelos direitos sociais, Diniz e Borghi (2010), afirmam que essa temática foi tratada com desdém pela maioria da elite brasileira transmitida de maneira inferior e desvalorizada, principalmente em relação à sua resistência.

O escravismo no entendimento de Diniz e Borghi (2010) era um regime de constante terror, coerção física e mental dos escravizados, portanto criminoso. O terror e a violência constantes permitiram a dominação sobre a população escravizada. Os autores acima citados apontam que o negro lutava pelo direito ao lazer, muito antes da própria liberdade. Após a realização de suas tarefas diárias, eram raros os momentos onde os negros podiam aproveitar o tempo considerado livre, para a manifestação da cultura com o consentimento dos seus senhores.

A lei Áurea foi assinada oficialmente pela Princesa Izabel há cerca de 120 anos. Essa medida, teoricamente, tornou ilegal a prática da escravidão em nosso País.

Ao estudar Fernandes³ e Castilho⁴, fica evidenciado que a sociedade da época, por suas convicções altamente escravocratas, não desejava a inclusão do negro nas escolas, no mercado de trabalho, no atendimento à saúde. Muitos acreditavam que esses direitos eram permitidos apenas aos brancos. O resultado foi o total abandono que os negros se encontraram após a abolição, o que fez com que mesmo libertos continuaram por muitos anos a exercer as mesmas tarefas em troca de comida. Isso fez uma grande diferença na questão do engrandecimento socioeconômico e cultural existentes até os dias de hoje.

A influência das teorias raciais, na visão de Oliveira (2005), se mostra por meio de preferências étnicas da elite cafeicultora no Estado de São Paulo. Logo após a abolição formal (1888) os afrodescendentes entrariam em desvantagem no mercado de trabalho em relação ao imigrante europeu, principalmente o italiano.

Atraídos para o Brasil, nesta época, vinham com a possibilidade de se tornarem donos de terras, principalmente no sul do País e era motivo e incentivo para se aventurarem em nossas matas, desbravarem a terra para o cultivo principalmente de café e a produção de vinho. Houve crescimento dos investimentos externos diretos e de empréstimos ao país e Ferreira et al (2010), afirma que o governo monárquico buscava, nesse momento, financiar o seu déficit orçamentário.

Mais de 500 anos após a descoberta do Brasil, a ascensão dos negros na escala social se deu vagarosamente e cheia de ressentimentos, mesmo que publicamente as pessoas sejam “treinadas” a manifestar a sua inconformidade com as práticas discriminatórias. No Brasil de hoje, não pega bem declarar abertamente, que existe a discriminação ou preconceito.

No final do século XIX, Vainfas (2002) comenta que houve, no Brasil, a disseminação de conceitos de superioridade racial que tinham se desenvolvido e adquiridas grande prestígio no exterior. O pensamento científico brasileiro da época,

³ FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva. **Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira**. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354 Disponível em www.africaeafricanidades.com – acesso em 15/10/2010.

⁴ CASTILHO, Flávia Acosta. **A discriminação do negro no Brasil e a aplicação do estudo da História e cultura afro brasileira na escola**; PDE, Paraná, 2008.

fortemente marcado pelo Positivismo⁵, adotou "teses científicas" de darwinismo social e eugenia racial para defender o branqueamento da população como fator necessário para o desenvolvimento do País.

Com a abolição, os primeiros anos do século XX poderiam ser considerados por Oliveira (2005) como período de forte antagonismo quanto ao papel social do negro. De um lado, tem-se um mercado de trabalho definido por preferências étnicas, permeado pelas teorias raciais do século XIX e por outro, a tentativa de difundir a ideia de que no País não havia problemas raciais, mas sim, oportunidades para todos que as quisessem, brancos ou negros.

Podemos pensar que essa ideia corria paralela à concepção de branqueamento como um desdobramento das teorias raciais, pois conceber o país como nação em que há oportunidades para todos, independente de sua etnia, de certo modo eximia as autoridades (para a decepção dos abolicionistas) de qualquer reparo aos ex-escravos pelos danos causados no período da escravidão ao mesmo tempo em que a culpabilidade pelo não acesso do negro ao mercado de trabalho, por exemplo, recaía sobre as antigas concepções racistas de "preguiça", de "vadiagem", atribuídas a sua "natural" inferioridade, deixando assim, poucas brechas para possíveis contestações por parte dos negros. (OLIVEIRA 2005, p. 42).

Dentre as questões mais intrigantes no Brasil de hoje, Sansone (1998) comenta que as que mais se destacam são aquelas que dizem respeito ao tipo de política pública que pode ser pensada para combater a discriminação racial, e qual pode e deve ser o papel do poder público no sistema de relações raciais.

Oliveira (2005) cita que o Decreto de 14 de dezembro de 1890, assinado por Rui Barbosa, que o governo ordena que se queime toda a documentação relativa à escravidão, seja em arquivos, promissórias, recibos, registro de compra e venda de cativos etc. Era uma forma de se promover o fortalecimento dos laços de fraternidade, pautados numa "igualdade racial" e afastar para sempre a memória documental acerca do "nefasto regime" superado.

Podemos conceber a intenção desta medida no momento em que a avaliamos como boa paga pelo fato de o Brasil ter sido o último país independente da América a ainda adotar um regime escravocrata. A intenção de mostrar o Brasil como uma nação que prescindia de ódios raciais foi bastante reforçada pela elite letreada do século XIX quando comparada ao processo abolicionista dos Estados Unidos e o racismo institucionalizado que o país apresentava. (OLIVEIRA, 2005, p. 35).

⁵ O positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. De acordo com os positivistas somente pode-se afirmar que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos. Almeida, (1996).

Na virada da década de 1940, a Unesco⁶ transformou o Brasil em “laboratório”. E de acordo com Lopes (2007) o objetivo era determinar os fatores econômicos, políticos, sociais, culturais e psicológicos favoráveis e desfavoráveis à existência das relações harmoniosas entre as raças e os grupos étnicos.

Para Guimarães (2004) a geração brasileira formada pelo projeto UNESCO, que a rigor comanda esse campo de estudos dos anos 50 até os 70, buscará entender o preconceito de cor de um modo inovador, encravando-o no âmbito das transformações estruturais da sociedade brasileira em sua transição de sociedade de castas para a de classes, ou de sociedade tradicional para a moderna.

Guimarães (2004) cita Charles Wagley, Donald Pierson e Gilberto Freyre, ao falar que essa geração não restringe sua análise ao campo da cultura ou da interação social. O autor diz:

“não se trata de simples abertura (classes) de relações sociais antes fechadas (castas) que teriam sido propiciadas, sem grandes fricções, seja pela maior miscibilidade dos luso-brasileiros ou sua tolerância racial, seja pelos costumes católicos ou pelas supostas características intimistas do sistema escravista. Do mesmo modo, as queixas de preconceito e o seu registro, mais abundantes no Sul que no Norte, não se devem a valores introduzidos por imigrantes recentes, mas às características próprias ao processo de mudança social. Aliás, nesse ponto, me permitam notar a ironia de ser justamente o Norte berço do racismo científico brasileiro, que é, nessa leitura culturalista, isentado de preconceito, enquanto o Sul passa a ser a referência geográfica para estes e outros antibrasileirismos”.

Para Guimarães (2004), o racismo brasileiro, entretanto, não deve ser lido apenas como reação à igualdade legal entre cidadãos formais, que se instalava com o fim da escravidão; foi também o modo como as elites intelectuais, principalmente aquelas localizadas em Salvador e Recife, reagiam às desigualdades regionais crescentes que se avolumavam entre o Norte e o Sul do país, em decorrência da decadência do açúcar e da prosperidade trazida pelo café.

No entendimento de Gonçalves (1998) são grandiosas as dificuldades dos negros de se inserirem no mercado de trabalho na ordem competitiva. Isso pela falta de noção de indivíduo, pois a escravidão sempre os tratou como mercadoria à disposição dos caprichos dos senhores de escravo; não os educou para viver como homens e mulheres livres. “Entram”, assim, para a história do capitalismo com enorme déficit cultural.

⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura com objetivo de auxiliar a formulação e operacionalização de políticas públicas que estejam em sintonia com as estratégias acordadas entre os Estados Membros da UNESCO.

"A elite social e política brasileira, que era majoritariamente branca, passou a considerar como certo que o país não se desenvolvia porque sua população era, em sua grande maioria, composta por negros e mestiços. A imigração não era considerada somente um meio de suprir a mão-de-obra necessária na lavoura, ou de colonizar o território nacional coberto por matas virgens, mas também com meio de "melhorar" a população brasileira pelo aumento da quantidade de europeus". (VAINFAS, 2002, p. 152).

A questão da integração, de acordo como relato de Lopes (2007) assumiu maior importância no momento em que o País, vivendo em "regime democrático", debatia o padrão de desenvolvimento econômico e social adequado à realidade brasileira. Foi esse processo, aparentemente ambíguo de crença na moderna "democracia racial" e na existência do problema do negro, que definiu a escolha do Brasil para o projeto da Unesco.

Controvérsias têm surgido nos EUA nos últimos anos com relação ao uso das políticas públicas. Sansone (1998) diz que a partir do reconhecimento da diferença de gênero e/ou cor ou etnia, na concessão de empregos ou oportunidades educacionais para a promoção da ascensão social de grupos vítimas de discriminação, torna-se possível superar o racismo.

O mesmo autor cita ainda que primeiro deve-se assumir que há "race", quer dizer, diferenças raciais substantivas; se o sucesso de políticas direcionadas à redução dos obstáculos para a ascensão social de alguns grupos específicos pressupõe políticas de reconhecimento e defesa da "diferença".

Estudos de Oliveira (2005) auxiliaram e tornaram mais claras a visualização da forma como a possibilidade de acesso aos bens sociais do negro ocorreu nos Estados Unidos. Verificou-se que as relações raciais tomaram dimensões jurídicas, diferentes das ocorridas no Brasil em função da forma como o preconceito se manifestou e se manifesta, sempre velado, dificultando a sua percepção.

Diferentemente dos EUA, Oliveira (2005) diz que no Brasil a ausência de divisões étnicas por intermédio de um plano jurídico ou mesmo a inexistência de um conflito explícito de maior dimensão (salvo as fugas em massa com ajuda dos caifazes⁷ e abolicionistas nos últimos anos precedentes à escravidão) expressou uma suposta "convivência amistosa" inter-racial.

Baseado no que foi dito acima, verificou-se que para os negros, de acordo com a forma como foi trazido ao Brasil, houve poucas possibilidades de ascensão,

⁷ Caifazes - Idealizado por Antônio Bento de Sousa e Castro. Esse movimento organizava fugas de escravos no final do século XIX.

pois a sociedade altamente escravocrata da época não admitia direitos como educação, saúde e moradia adequada ao negro.

2.2. TEORIAIS RACIAIS E VISÃO DE RACISMO

Entre os fatores que sustentam a evidência dos anos 1960 da discriminação por cor, no ingresso de negros em clubes sociais, é forte a questão das teorias raciais, que, mesmo após a abolição da escravatura no Brasil, serviam de ideologia para tolher o afrobrasileiro no acesso a direitos sociais e, especialmente, à ascensão social. Assim, forma-se, a partir da República Velha, um discurso, tomado como científico, para abrigar o preconceito, possibilitando que o racismo fique 'invisível' em ações como a ocorrida com os trabalhadores qualificados 'de cor' da Siderúrgica Nacional de Volta Redonda.

As imagens negativas atribuídas à figura do negro, como o mito da "vadiagem", da "preguiça", ou da "mulata sensual" estão extremamente arraigadas às doutrinas raciais que penetraram no cenário brasileiro a partir da segunda metade do século XIX, sendo selecionadas, redimensionadas e adaptadas por cientistas, médicos e antropólogos brasileiros, num momento em que a busca pela identidade nacional constituía-se como principal questão durante a Primeira República. (OLIVEIRA 2005, p. 6).

Segundo Quijano (2007) etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que, por sua vez, veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito raça foi primeiramente usado na zoologia e na botânica para classificar as espécies animais e vegetais.

Raça, no sentido biológico do termo, não existe. Para Escobar e Santos (2009), mas prevalece sob o ponto de vista de uma construção histórica, cultural e política das elites dominantes que se utilizam de um discurso racial para manipular ideologicamente as diferenças fenotípicas entre os grupos humanos. É uma maneira de legitimar a dominação das "raças" superiores sobre as "raças" supostamente inferiores, impedindo que determinados grupos, como negros e indígenas, tenham mobilidade social em uma sociedade que se diz pluriétnica e multicultural como a brasileira.

Teorias raciais, como o Darwinismo Social, o Racismo Científico, a Antropometria e as Teorias evolucionistas, são apresentadas por Oliveira (2005) que comenta que todas tiveram grande influência no Brasil na disposição de políticas,

em preferências étnicas, no imaginário das elites e na questão da mão-de-obra durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

O que vem a ser um grupo racial? De acordo com Santos (1980, p. 11), a pergunta parece tola, pois ninguém confunde um preto com um branco, um índio com um japonês e se for um bom observador, não confundirá, também, um judeu com um italiano. Nenhum desses grupos de pessoas é, porém, uma raça. Pretos e brancos são apenas conjuntos de indivíduos que têm essas cores – nada mais.

Guimarães (2004) trata o racismo, restringindo-se à época moderna, que começa com a geração de 1870, nas escolas de direito do Recife e de São Paulo, e nas escolas de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Tal recorte não é arbitrário: tem a ver com a maneira como ele comprehende o que seja o racismo moderno. O autor diz ainda que o racismo surge na cena da política brasileira como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, consequentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados.

Freysinger e Harris (2006) dizem que em muitas sociedades, a raça é relacionada com a renda e riqueza, acesso a cuidado médico, a qualidade de educação, o estado relativo da pessoa e o acesso a várias formas de lazer e recreação. Quer dizer, raça estratifica poder e privilégio.

O poder público tem atingido pouco as práticas cotidianas e Sansone (1998) diz que isto leva a uma defasagem entre idealização, teoria e discurso racial por parte do Estado e a realidade das relações raciais. Uma defasagem que se constata em diferentes épocas da história. O autor ainda comenta que os pesquisadores progressistas insistem que a pobreza é produzida por condições estruturais as quais os pobres/negros não sabem responder, enquanto um número significativo de pesquisadores conservadores enfatiza que são os pobres/negros que criam a própria condição de atraso.

José Geraldo da Costa, professor de história do Clube Palmares, nos concedeu uma entrevista, a nº. (VI) e nela ele diz que

"[...]Aí vêm as políticas inclusivas que são várias. As cotas são apenas uns dos aspectos das políticas de ações afirmativas. Nós temos políticas que podem ser aplicadas na área da saúde, da educação, da geração de emprego, renda, do acesso à terra. Boa parte dos campões, por exemplo, nos canaviais do nordeste, os bôias-frias são negros. As políticas de ações afirmativas são um conjunto amplo, porque não basta o Estado me dizer que teve culpa e que reconhece a sua culpa no processo. Bem! Então vamos recuperar esse tempo perdido, você recupera esse tempo perdido

com ações, no campo educacional, artístico, cultura, psicológico, certo, no campo da religiosidade porque essa nossa religiosidade ainda continua tendo problemas”.

Guimarães (2004) comenta que o racismo da Escola de Medicina da Bahia e da Escola de Direito do Recife, entrincheirado nos estudos de medicina legal, da criminalidade e das deficiências físicas e mentais, ganhou força, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, em direção a doutrinas menos pessimistas que desaguardaram em diferentes versões do “embranquecimento”, subsidiando desde as políticas de imigração, que pretendiam a substituição pura e simples da mão-de-obra negra por imigrantes europeus, até as teorias de miscigenação que pregavam a lenta, mais contínua fixação pela população brasileira de caracteres mentais, somáticos, psicológicos e culturais da raça branca.

Preferências étnicas como as da elite cafeicultora no Estado de São Paulo após a abolição formal (1888) fez com que os afrodescendentes tivessem desvantagem no mercado de trabalho em relação ao imigrante europeu. Um dos motivos que contribuíram para essa situação, foram relacionados as imagens negativas atribuídas à figura do negro no cenário brasileiro a partir da segunda metade do século XIX, com apoio de alguns cientistas da época.

Muitas pessoas agem de uma maneira racista, preconceituosa, mas não se enxergam assim. As pessoas possuem visões diferentes e o que pode ser considerado racismo para alguns, ou até mesmo discriminação, pode ser, na verdade uma caracterização de injúria ou calúnia.

Para demonstrar a diferença existente de racismo e injúria, Barros (1997, p. 191) diz que a injúria é a ofensa à dignidade e ao decoro, por meio da imputação de uma qualidade negativa. Seu traço característico é a imputação de uma qualidade negativa, como, por exemplo, ladrão, desonesto, coxo etc. Não se confunde com a calúnia e difamação. Nesse caso, a honra é ofendida pela atribuição de um fato determinado, ao passo que na injúria nenhum fato é imputado à vítima, sendo, por isso mesmo, delito menos grave que aqueles outros.

O art. 140 do Código Penal Brasileiro é apresentado por Oliveira (1994) e define injúria como sendo a ofensa à dignidade ou decoro de alguém, onde a penalidade pode ser a detenção de (um a seis meses) ou multa.

De acordo com a Convenção Internacional para a Eliminação de todas as Normas de Discriminação Racial da ONU, ratificada pelo Brasil, diz que:

Discriminação Racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com a finalidade ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e/ou exercício, em bases de igualdade, aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública Art. 1.

Pela forma de analisar, o racismo pode ser velado, talvez se torne mais cômodo desviar o olhar, fingir que não escuta ou fingir que não se sente. Nesse sentido, Diniz e Borghi (2010) dizem que “um dos mecanismos⁸ utilizados pela classe dominante branca, em função de negar o racismo, foi a construção de um mito, o da Democracia Racial, que nos faz crer que não há distinções de raças no País por sermos um povo mestiço e por isso homogêneo.”

Os estudos de Santos (1990) evidenciam o entendimento de que o Brasil não é uma democracia racial, esse é um assunto tido como polêmico e difícil. Não é politicamente correto admitir que as oportunidades não sejam iguais para todos.

A própria realidade desmascara o mito: IBGE⁹ (2006) mostra que a maioria dos desempregados são negros; o mercado de trabalho é ocupado estrita e massivamente por brancos; também são os brancos que têm mais possibilidades de acesso às universidades, e apenas 2% dos estudantes da universidade pública são negros. Nesse sentido, a identidade negra no Brasil passa a ser constituída tendo como suporte a negação de sua existência.

Muito se pergunta sobre o verdadeiro significado de racismo, de preconceito e discriminação racial. Talvez esses questionamentos fiquem um bom tempo sem resposta motivada pela falta de clareza de que isso realmente existe em nosso País e o que é pior, algumas pessoas o cometem e nem percebem que estão tomando essas atitudes.

Apoiados em Castilho¹⁰, fica evidente o entendimento de que as práticas racistas e discriminatórias tratam-se de ideologias das classes dominantes e dirigentes, amplamente aceitas pela sociedade, e com isso é aceitável produzir no discriminado uma sensação de menos-valia imposta pelo dominador.

⁸ Forma de tornar a convivência mais tranquila, evitando assim a prática do racismo aberto.

⁹ Constitui no principal provedor de dados e informações do País, que atende às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal.

¹⁰ CASTILHO, Flávia Acosta. **A discriminação do negro no Brasil e a aplicação do estudo da história e cultura afro brasileira na escola;** PDE, Paraná, 2008.

Sobre o que é ser negro no Brasil, convivendo com o preconceito, discriminação, racismo e quejandos¹¹, Santos (1990) diz o seguinte:

Frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Essa ambiguidade marca a convivência cotidiana, influí sobre o debate acadêmico e o discurso individualmente repetido é, também, utilizado por governos, partidos e instituições. Tais refrões cansativos tornam-se irritantes, sobretudo para os que nele se encontram como parte ativa, não apenas como testemunha. Há, sempre, o risco de cair na armadilha da emoção desbragada e não tratar do assunto de maneira adequada e sistêmica.

Muitos clubes em São Paulo do início do século XX, sendo eles de elite ou das colônias, no entendimento de Domingos (2003), não aceitavam que os negros se tornassem sócios. Havia inclusive estatutos que deixavam bem evidente essa questão com cláusulas discriminatórias que regulamentavam internamente a segregação.

O racismo a paulista era volátil: ora se amparava nos costumes, ora se respaldava nas normas regimentais. Os dois métodos de segregação tinham o mesmo fim: isolar os negros e subalternizá-los hierarquicamente em relação aos brancos. (DOMINGOS, 2003, p. 173).

Castellani Filho (1994), em seu livro que conta a história da Educação Física, apresenta uma situação onde fica evidenciado que os negros recebiam um tratamento diferenciado. Os alunos da Escola Nacional de Educação Física, situada no Rio de Janeiro, recebiam as aulas práticas de natação no Clube Guanabara. O autor comenta que possuíam um colega de turma negro, Floriano Manhães que curiosamente vinha sendo reprovado nas aulas de natação e o motivo é porque ele era negro.

Pelos relatos, no clube Guanabara constava nos estatutos que negros não podiam utilizar a piscina, com isso todos os alunos brancos entravam na aula e Manhães ficava do lado de fora do portão. Sem saber que era essa a razão pela qual o negro era barrado os alunos ficaram indignados com a situação e com isso todos os alunos se recusaram a fazer a aula naquele dia. A solução encontrada foi convencer o Professor da turma a ministrar as aulas na praia da Urca e assim frequentando as aulas, Floriano teve condições de fazer as provas e ser aprovado.

Diante do exposto, fica evidente que a situação da privação da prática de determinadas atividades em entidades como clubes, não era vivenciada exclusivamente em Volta Redonda, mas sim em outras localidades do Brasil

¹¹ Que tem a mesma natureza de outrem; semelhante.

Na sociedade atual, acredita-se que não é politicamente correto expor a verdadeira forma de pensar quanto à ascensão do negro, afinal é legal que ele tenha cargos melhores e de maiores prestígios. Muito tempo ainda será dedicado a discussões sobre o papel de cada um na sociedade. Temáticas sobre como é ser negro, no mundo, no Brasil, se existe alguma diferença na convivência de diversas etnias quanto às oportunidades de estudo, crescimento intelectual e profissional.

Pereira (2010) diz que a construção diferenciada da cidadania no Brasil aconteceu, como na maioria dos países, desde o início da sua história. O encontro entre colonizadores e colonizados sempre se deu com referência em relações hierarquizadas, com a imposição do padrão civilizatório daqueles que ocupam o território e subordinam os povos locais.

Com isso, o racismo brasileiro, historicamente falando, na visão de Braga et al (2006, p. 30) serve como base legitimadora e fornece interpretações naturalizantes acerca de uma ordem social forjada ao longo de um passado escravista, que, no presente, insiste em privilegiar certos setores étnico-raciais e de forma sistemática e múltipla, discriminando, excluir, segregar e oprimir os demais.

A Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) em seu Art. 4º diz que.

A (CRFB) rege-se nas suas relações internacionais onde um dos seus princípios, o VIII, expressa o total repúdio ao terrorismo e ao racismo, sendo que no seu título II que fala dos direitos e garantias fundamentais, capítulo I, sobre os direitos e deveres individuais e coletivos, aponta o art. 5º, que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade e um dos seus termos, o artigo 5º, inciso XLII aponta que a prática do racismo constitui-se crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.

A legislação brasileira já definia, desde 1951, com a Lei Afonso Arinos (lei. 1.390/51) os primeiros conceitos de racismo, apesar de não classificar como crime e sim como contravenção penal (ato delituoso de menor gravidade que o crime). Os agitados tempos da Regência, na década de 1830, assinalam o antirracismo no seu nascedouro quando uma primeira geração de brasileiros negros ilustrados dedicou-se a denunciar o “preconceito de cor” em jornais específicos de luta, repudiando o reconhecimento público das “raças” e reivindicando a concretização dos direitos de cidadania já contemplados pela Constituição de 1824. (AZEVEDO, p. 300, 2005).

A legislação atualmente assume um caráter progressista. No caso da Lei Caó, nº 7716, de 1989, é iluminante, torna mais claro: por um lado, declara o racismo crime inafiançável. De outro, por uma série de motivos, se tem revelado muito difícil condenar alguém por crime de racismo.

Na entrevista (VI) o Professor José Geraldo da Costa afirma que [...] “A constituição de 88 caiu! Até 88 isso (Inaudível). O que que eu estou querendo dizer com isso meu camarada, amigo. O estado brasileiro, eu responsabilizo o estado, o poder público, ele adotou um conjunto de procedimentos, que violaram a integridade de uma porção importante da sociedade brasileira que são os jovens e mulheres e crianças afrodescendentes. Não se tinha um projeto de nação que incluía, um projeto de nação que excluía e junto com isso, junto com a exclusão social, psicológica, moral, nós temos todo esse estado de degradação, e buscamos hoje é um movimento de consciência negra, um movimento que luta por igualdade, por justiça”.

Pelo que foi apresentado, tem-se a noção de que as pessoas agem de uma maneira racista, preconceituosa, sem perceber ou querer perceber isso. Baseado em Braga constatamos o estado não tomou as providências necessárias para que ocorresse uma gradativa diferença das condições sócio-econômicas e com isso o racismo serve como base para tornar legítima a desigualdade.

2.3 GRUPOS E CLUBES SOCIAIS

As pessoas estão se organizando e reivindicando seus direitos, isso na perspectiva de Pimentel (2003). A organização dos grupos marginalizados ou descontentes com a exploração tem sido chamada de Movimentos Sociais. São ações coletivas feitas para combater a injustiça social e a exclusão econômica. Entre os movimentos sociais mais conhecidos temos os dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Pastoral da Criança, Meninos de Rua Negros, moradores da periferia, indígenas, estudantes e proletários.

Pessoas buscam, além da ascensão social, frequentar lugares onde o convívio possa ocorrer de forma agradável, com troca de experiências que podem ser enriquecedoras em benefício de uma comunidade. Esses espaços podem ser os clubes sociais. Neles procuramos ter relacionamentos e experiências concretas e agradáveis, no nosso tempo fora das obrigações.

Os grupos sociais, para Maia (2010) diferem-se quanto ao grau de proximidade de seus membros e o tipo de valores que lhes são repassados, como também, o grau de identificação e interesse em participar, ou não, dos grupos.

Na questão da possibilidade de participar pela identidade, Pesavento (2003) diz que as identidades são, no caso, ficções criativas que situam o indivíduo no espaço, no tempo, no social e no mundo. As identidades podem dar conta dos múltiplos recortes do social, sendo étnicas, raciais, religiosas, etárias, de gênero, de posição, de classe, de renda, ou ainda profissionais.

Para formar movimentos sociais existe uma ligação entre eles pelos locais de convívio onde as experiências são trocadas. Na terminologia padrão, existem dois tipos básicos de grupo social: grupo primário e grupo secundário. Para Gonçalves (2010), os primários predominam os contatos mais pessoais, diretos, como a família, os vizinhos etc. Os grupos secundários são mais complexos, como as igrejas e o estado, em que predominam os contatos secundários, neste caso, realizam-se de forma pessoal e direta, mas sem intimidade ou de maneira indireta como cartas, telegramas, telefonemas etc. Os grupos intermediários são aqueles que se alternam e se complementam nas duas formas de contatos sociais (primários e secundários). Exemplo: escola.

Peruzzo (2004 p. 39) diz ainda que as ideias dos movimentos sociais e populares foram sendo assumidas por mais atores sociais, como as ONGs, o poder público, as igrejas e até algumas empresas privadas. Muitos canais se puseram à sua disposição. O próprio Estado já incorpora algumas de suas propostas. Isso talvez ajude a explicar certa estagnação dos movimentos populares nos anos 1990.

Esses grupos desenvolvem atividades para os membros de sua localidade e normalmente possuem sede, mas alguns atuam em bares, onde é discutida a possibilidade de programação, que vai de eventos esportivos, culturais até artísticos, com objetivo de promover a integração dos seus membros.

Com apoio de Peruzzo (2004) tornou mais evidente o entendimento inicial quanto aos movimentos sociais e populares. São aqueles que se apresentam fundamentalmente as expressões ligadas aos bens de consumo, envolvidos na questão da terra. Ressalta ainda que estão relacionados com as condições gerais e são motivados por desigualdades culturais, dedicados à questão trabalhista, votados à defesa dos direitos humanos, e os vinculados a problemas específicos como o movimento nacional de meninos e meninas de rua.

Cobra (1992) diz que uma pessoa participa de muitos grupos sociais: a família, os clubes sociais e a empresa em que trabalha. A posição dessa pessoa em cada grupo pode ser definida em termos do papel e do status social. Assim, um profissional pode representar na família o papel de pai, e na empresa desempenhar o papel de gerente.

No entendimento de Silva (2009) os diversos espaços nas cidades, públicos ou privados, compõem um cenário dinâmico de sociabilidade. Os bares, as praças, os parques, as quadras de esportes, as igrejas, os clubes sociorrecreativos, os cinemas, os escritórios, as escolas, as casas, a própria rua e outros lugares, constituem um sistema repleto de significados para cada grupo social são apropriadas.

Em espaços como os citados acima, graças ao seu grande poder de sociabilização, fez com que João Laureano e Nazário Dias tivessem a ideia de iniciar o Clube Palmares. A impossibilidade de frequentar alguns desses mesmos locais fortaleceu ainda mais a ideia, de se criar um novo ambiente em que se pudessem praticar a socialização, sem restrições aos negros.

Em 1951 surge o Renascença Clube situado em uma casa no bairro Lins de Vasconcelos, na zona norte do Rio de Janeiro com um pequeno grupo de negros - cerca de 40. Giacomini (2006) acrescenta que os membros do clube desenvolviam as atividades recreativas semelhantes a dos demais clubes tradicionais de classe média da região, como o Tijuca Tênis Clube ou o América Futebol Clube, ambos no bairro da Tijuca. Situação essa muito semelhante ao Palmares, de Volta Redonda, que tinha nos escritórios um local para combinar os próximos eventos sociais e que organizava os seus bailes em casas de famílias, nada muito grande, mas o suficiente para a mobilização de seus membros.

Silva (2009) acredita que é na convivência entre o público e privado que transitam executivos, professores, alunos, vendedores, médicos, bancários, operários, policiais, padres, mendigos e outros personagens que representam as formas de sociabilidade e o funcionamento de uma sociedade.

Praticamente, essa foi a base que originou a formação do Clube Palmares de Volta Redonda, onde nos momentos de lazer, os papéis deixam de existir, dando lugar a convivência social.

Pelo entendimento de Silva (2009) em ambientes com essa característica, desprendida das obrigações profissionais, familiares, políticas ou sociais é que surge

uma nova dimensão das experiências humanas: a do lazer. Assim, a executiva passa a ser a espectadora no cinema, o professor torna-se o companheiro das partidas de futebol, o aluno assume a figura do espectador e ator nas conversas no grupo de amigos.

Os estudos sobre o comportamento humano e suas influências revelaram que cada indivíduo se identifica mais, ou menos, com os grupos existentes, e quanto maior essa identificação, maior o poder de influência que esse grupo tem sobre o comportamento de cada um.

Para Silva (2009) entender os clubes sociorrecreativos como fenômeno urbano, especificamente sobre a dinâmica das relações no lazer e as formas de sociabilidade com a cidade, permite estabelecer conexões entre a vida dentro e fora dos clubes, auxilia na percepção da transferência de hábitos adquiridos nos clubes para outros momentos ou ambientes da vida dos associados além analisarmos se as experiências vividas nesses ambientes fazem parte de um sistema dinâmico de trocas numa relação de interinfluências contribuindo para a construção de significados e modos de vida das pessoas.

2.3.1 Clubes Sociais Negros

Os Clubes Negros surgiram como um contraponto à ordem social vigente e Escobar e Santos (2009) afirmam que esses constituírem-se num local de sociabilidade e de lazer para a população negra, que era impedida de frequentar os tradicionais “clubes sociais brancos”. Além disso, tinham como objetivo angariar fundos para o pagamento da liberdade dos negros escravizados, auxiliar nas despesas com funeral e na educação de seus associados, atuando de forma incisiva na luta contra a escravidão e a discriminação racial.

A Comissão Nacional dos Clubes Sociais Negros (CNCSN) define esses espaços como associações de convívio social do grupo étnico afrobrasileiro. Estes possuem um caráter voluntariamente constituído, benficiente, recreativo e cultural, e desenvolvem atividades em espaços físicos próprios. Para a comissão e, autores como Oliveira da Silveira (2009) os Clubes Sociais Negros surgiram em todo Brasil, especificamente, no período pós-abolição da escravatura de 1888, com o propósito de expressar sua cultura, ter seu momento de lazer e movimento de resistência ao sistema escravista do século XIX.

Os preconceitos raciais, a ignorância e a timidez, muitas vezes, acabam desencorajando as pessoas de diferentes nacionalidades, de participar. Essas atitudes, porém, vão sendo gradualmente eliminadas por intermédio dos esforços de dirigentes competentes, muitas vezes recrutados pelos grupos raciais. (BUTLER, 1949, p. 401).

Escobar e Santos (2009) citam o Floresta Aurora, de Porto Alegre, fundado em 1872, como o clube social negro mais antigo do Brasil em atividade. A maior parte desses espaços, que se proliferaram pelo País como demarcadores de “fronteiras étnicas”, é encontrada também em Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Foram construídos e idealizados, em especial, no período pós-abolição. O Rio Grande do Sul tem a maior expressividade, com 53 clubes sociais negros, mapeados e cadastrados pelo Museu Treze de Maio, de Santa Maria, por meio de pesquisa realizada no período 2006-2009.

Este fenômeno contribuiu na constituição de um movimento político, a Frente Negra Brasileira (FNB) transformado em partido político, em 1936, e dissolvido em 1937, pelo governo Vargas - Romão (1999). Além de seu caráter político, a FNB, criou uma escola primária, buscando dar conta da tarefa que a escola oficial não propiciava.

A apresentação desse tópico nos mostra que os clubes sociais negros foram os primeiros atos de coletividade e negação da escravidão e desenvolvimento da cultura afrobrasileira antes mesmo da abolição da escravatura. Estes espaços formam locais de convívio social com um caráter voluntário.

Com a intenção de desenvolvimento cultural da raça negra algumas entidades tiveram como prioridade a criação de escolas para melhorar a condição intelectual do negro e também para realizar transmissão da cultura afrobrasileira de uma forma que as escolas tradicionais não davam conta ou não queriam dar conta.

Nesse contexto, a atuação do Palmares fez com que ele se tornasse um ponto de afirmação da etnia, convívio social e desenvolvimento da cultura do negro, por meio de ações educativas desde a sua origem.

2.4. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E SEUS COMPONENTES

A sociedade para Souza (2008) é marcada por profundas contradições no que diz respeito ao acesso e a garantia às necessidades humanas e principalmente em relação à educação, saúde, trabalho, lazer e demais direitos sociais dos diversos

extratos sociais. Também, essa mesma sociedade é marcada por dispositivos cada vez mais sofisticados de processos excludentes e de controle de conduta corporal dos indivíduos, reiterando a manutenção dessa ordem social.

O comentário de Guilett (2006) é que o surgimento da animação sociocultural, (ASC) primeiramente durante os períodos de resistência à ditadura, de mudanças ou de transições políticas, econômicas e culturais (na Espanha, Portugal, Hungria, Cuba, Chile, Líbano etc.) representou uma forma de destruir velhos grilhões e afirmar uma esperança que se responde às aspirações de transformação social, e que nos remetia à obra de Paulo Freire: A Pedagogia da Esperança.

Um ponto marcante da animação sociocultural, de acordo com Lacerda e Souza (2009) é a luta por uma comunidade mais consciente, que reflita sobre o que é produzido e sobre o que está sendo acessado, incluindo as propostas dos próprios animadores. Algo que deve ser visto com preocupação, pois não existe interlocutor neutro. Cada pessoa carrega intencionalidades em suas intervenções e, mesmo que a intenção seja ajudar a solucionar os problemas de um determinado grupo, nem sempre tal atitude estará em consonância com as necessidades e desejos da comunidade.

Uma das funções do animador sociocultural é desenvolver diversas atividades de entretenimento com uma dimensão recreativa educativa sendo que para isso ele deve fazer uso de recursos materiais e humanos que permita o desenvolvimento de ações que permitam atingir o seu objetivo pré-estabelecido e chegar a uma conclusão.

De acordo com o entendimento de Guilett (2006) incontáveis estruturas integram os animadores para permitir à formação, a inserção, a prevenção, a reeducação de públicos formados pelas dificuldades econômicas: pobres e desfavorecidos, jovens desempregados, sem-teto, analfabetos, deficientes físicos, aposentados. Trata-se, porém, de uma mudança de metodologia e abordagem, e não somente de cultura. Certamente pediremos cada vez mais a estes animadores que privilegiem conduta individual de ordem psicológica que não é de maneira nenhuma o pedestal onde se apoia a animação em geral.

A animação sociocultural, de acordo com Melo (2006), sustenta-se em três pilares: o caráter cultural, a dimensão social e a esfera educativa. O que mais se destaca, é o primeiro. A situação histórica e que atualmente é entendida como um conjunto de normas e valores que “guiam” as pessoas e suas relações, são normas

e valores que costumam destacar determinados tipos de manifestações, notadamente as ligadas às artes. Assim, de forma geral, a cultura acaba sendo vista como um fator de distinção social, sendo poucos aqueles que podem acessar determinadas manifestações.

Nesse sentido, Guilett (2006) diz que a animação, como recreação, é complementar à escola, sobretudo enquanto atividade voluntária ou escolha na qual “o participante gera aprendizagem de vida e não somente aquelas que dizem respeito à sua própria atividade”. A animação pode auxiliar neste sentido um processo de liberação do indivíduo ao longo de sua vida e sobre seus aspectos afetivos, cognitivos e psicomotores.

As estratégias de (ASC) constituem-se em ferramentas poderosas para que ocorra uma participação por completa do indivíduo, onde ele além da diversão, possa também adquirir o conhecimento. Mas o lazer pode ser manipulado para alienar as pessoas e distraí-las da realidade. Isto é o que pensa Pimentel (2003). Para ele, os movimentos sociais procuram dar um caráter contestador ao tempo livre. Para ter-se um lazer consciente é preciso que os outros momentos da vida também sejam. Por isso, o lazer não é encarado como um paliativo do dia-a-dia massacrante, e sim, como um momento para as pessoas pensarem, sobre diversos conteúdos entre eles a cultura.

Ao se falar sobre a (ASC), Correia (2008) comenta que se trata de uma das estratégias que a educação não formal recorre para implementar processos de intervenção social e comunitária condizentes com o processo de democracia cultural na vertente comunitária, uma vez que permite, a organização e envolvimento comunitário, cooperação, diálogo e negociação, como forma de levar os indivíduos a serem sujeitos agentes de mudança, isto é: agentes do seu próprio desenvolvimento, ou agentes de desenvolvimento local.

Na tentativa de se intervir sobre o social deve-se ter a noção exata de que os procedimentos metodológicos estejam devidamente enquadrados em perspectivas paradigmáticas. O animador sociocultural tem que ter competência para fazer com que as pessoas acreditem na sua proposta para que aconteça a aderência à atividade. Isso tem muito a ver com a empatia, liderança, carisma e organização.

O Sujeito, no entendimento de Lacerda e Souza (2009), age por meio da animação sociocultural, pela mediação, ou seja, ação pela comunicação, zelando

para que os meios de conversação sejam de mão dupla: tanto para a comunidade, quanto para o animador. Importante ressaltar que a partir dessa mediação novas perspectivas poderão surgir, alterando as necessidades e desejos da comunidade e as expectativas dos animadores. A mudança, assim, é um fator presente na Animação Sociocultural, numa tentativa de sempre mostrar alternativas.

Para Fachada (2008), assume-se uma necessidade de um trabalho diversificado, quando se pretende promover a aprendizagem, num sentido integral e integrado. Por um lado existem momentos em que se procuram abrir oportunidades e encorajar pessoas a envolverem-se em determinada atividades, experiência, projeto e por outro, tenta-se criar um ambiente em que as pessoas possam desenvolver competências específicas (na esperança também de que possam vir a articulá-las com sentidos e finalidades mais vastos).

De acordo com Lacerda e Souza (2009), a estratégia de Animação Sociocultural pode ser realizada com mais eficiência em associações de bairros, igrejas, grupos de jovens e outros com características de pequenos grupos, desde que as ações aconteçam com atividades propostas não só pelo animador, mas também pelo grupo estudado.

O animador precisa estimular alguns saberes, Isso no entendimento de Pimentel (2003), pois o saber comunicar-se estaria relacionado a argumentar e expor o ponto de vista. Também neste aspecto é importante tomar cuidado com gírias, insegurança e o uso inadequado das palavras. O animador nem precisa gritar, até porque acaba demonstrando perda de controle. É preciso saber liderar, valorizando o trabalho de equipe (e não euquipe). A função do líder é facilitar o grupo a decidir por si.

Frequentemente poderão surgir problemas das mais diversas naturezas durante a intervenção, com isso na visão de Almeida (2008), estes tendem a se complicar ainda mais quando o animador não projeta com suficiente clareza os seus objetivos: estes se encontram diretamente relacionados com o grau de conhecimento que se possui a cerca do referido assunto a ser abordado.

Para facilitar as possibilidades das ações é preciso avaliar as situações envolvidas para que se possa indicar, seguramente, todos os objetivos da intervenção, e um plano de atuação com indicadores de possíveis resoluções. As atitudes devem ser planejadas nos detalhes para que se torne possível avaliar antecipadamente os prováveis resultados finais.

Por outro lado, Fachada (2008) diz que o animador, por intermédio de suas estratégias, deve estimular as pessoas a refletirem sobre os seus sentimentos, experiências e ideias. Convergem assim, a animação (atitudes) a educação (conhecimentos) e a formação (competências). No desenvolvimento desse tipo de trabalho, é possível adotar abordagens passivas (prestar serviços, trabalhar para clientes; relação diferenciada) ou abordagens ativas (pessoas como sujeitos; como participantes; interação).

Para se obter mais ganhos nos estudos dos fenômenos socioculturais, Pimentel (2010) diz que se deve abandonar o olhar que classifica e generaliza e, inserido no universo estudado, compreender e articular as verdades locais.

Uma forma de facilitar o entendimento sobre as possibilidades de intervenção da Animação Sociocultural, segundo Melo e Alves Jr. (2003) é recorrer à classificação proposta por P. Besnard. O autor consegue delinear três grandes perspectivas de atuação: uma diretamente relacionada com a manutenção da ordem social; a outra entende serem necessárias reformas nessa ordem; enquanto a terceira tenta promover uma transformação completa dessa estrutura.

Partindo da premissa que o Clube Palmares (CP) é um espaço de lazer com perspectiva política em sua trajetória, entende-se que a ASC nesse clube tem a intenção de auxiliar no desenvolvimento do caráter cultural, na dimensão social e a esfera educativa realizadas de uma maneira não formal, fora do ambiente escolar.

O clube atua na perspectiva de atingir os objetivos, mostrando sempre alternativas para melhorar a realidade da comunidade com a noção exata dos procedimentos metodológicos para isso.

De que forma poderemos nos utilizar de atividades recreativas nos momentos de lazer dos palmarinos? Como poderemos levar o divertimento e o aprendizado? Que conteúdos devemos dominar para atender o equilíbrio das características e dos interesses dos indivíduos?

Para isso, faz-se necessário o entendimento e esclarecimentos de alguns equívocos na forma como algumas pessoas entendem a recreação e o lazer e qual a real importância dessa ferramenta inserida na (ASC) para a integração das pessoas na sociedade.

O lazer é um conjunto de ocupações que para Dumazedier (1979) o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação

desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Marinho e Pimentel (2010) entendem o lazer como um fenômeno decorrente das conquistas trabalhistas, materializado na forma de limitação da jornada de trabalho, das férias e dos fins de semana remunerados, que constituem ainda hoje, os períodos de tempo institucionalizados para os descansos, passatempos e diversões.

Como componente geral de convergência entre os diversos termos, Guerra Filho (2004) diz que se pode considerar o lazer como a ausência de qualquer atividade concreta, ou seja, a liberdade de não fazer coisa nenhuma.

O entendimento do lazer de modo isolado, sem considerar as mútuas influências que podem ocorrer, e certamente ocorrem, com as várias esferas da vida social, de acordo com Marcelino (2008) tem provocado uma série de equívocos quando se estuda a questão. Quanto mais complexa se torna a sociedade, maiores são as necessidades de inter-relações entre os vários componentes da vida social para o seu entendimento.

A palavra lazer, no Brasil, resguarda no entendimento de Aquino e Martins (2007) seu sentido relacionado à sociologia do lazer de Dumazedier (1972; 1979) que levou à vulgarização da teoria dos “3 D’s”¹². Essa sociologia explica que o lazer é exercido à margem das obrigações sociais em um tempo que varia segundo a forma de intensidade de engajamento do praticante. O lazer encontra-se submetido a um lugar de destaque, com funções de descanso, desenvolvimento da personalidade e diversão.

Muitas vezes adotado equivocadamente de forma isolada, para definir lazer, Melo (2003) trata o prazer como algo que deve ser considerado essencial para o ser humano. Espera-se que as atividades de lazer sejam sempre prazerosas, mas esse sentimento não deve ser compreendido como exclusividade dos instantes de lazer.

Já para Mascarenhas (2003) o lazer é considerado um fenômeno moderno, resultado das tensões entre capital e trabalho; é um tempo e espaço de vivências lúdicas e lugar de organização de cultura.

A incorporação do termo “lazer” ao vocabulário comum, para Marcellino (1998) é, portanto, convencionado e tem um caráter de “novo, de recente e que essa

¹² Essa teoria apresenta o lazer com a possibilidade do Descanso, Diversão e do Desenvolvimento longe das obrigações do trabalho, no tempo livre. Surge então a relação 3 “D’s”.

percepção iniciante, nos leva a uma simples associação do lazer como experiência individual vivenciada, restrita aos conteúdos de determinadas atividades.”

No Brasil, no sentido corriqueiro, Aquino e Martins (2007) apresentam as palavras ócio e lazer como semelhantes. O termo tempo livre também está carregado dos mesmos sentidos, embora fique evidente, já nas primeiras aproximações, que os fenômenos lazer e ócio necessitam de um tempo liberado ou livre e resguardam relação com liberdade.

O lazer no seu significado de tempo livre, não é novo, sendo que para Marcellino (1998) é preciso considerar que os enfoques históricos sobre lazer esbarraram em seu valor oposto ao trabalho: “O que ocorre nesses casos, com maior frequência, é a mitificação do trabalho, gerando, quase sempre, uma atitude de desconhecimento de outras dimensões do humano, sobretudo das possibilidades pela vivência do tempo de lazer”.

Na realidade do Palmares, será apresentada como o lazer fez parte da comunidade e de que maneira as ações como os bailes, apresentação de corais, cantores, palestras educativas foram importantes para a integração do negro na sociedade volta redondense. Devemos nos basear em exemplos positivos de programas de recreação e lazer para integrar as pessoas.

Butler (1949), afirma que os Estados Unidos foram considerados um País extremamente racista, e excluía o cidadão considerado não branco de uma série de direitos. Com uma mudança na forma de pensar do povo americano, aos poucos, negros, índios, asiáticos e latino-americanos começaram a ser tolerados e isso fez com que ocorresse a inserção na sociedade americana por meio da participação de programas de lazer.

O mesmo autor diz ainda que o programa de recreação para a comunidade é uma ferramenta muito poderosa para a absorção da nacionalidade dos grupos racial na vida americana. Estrangeiros, pessoas não tidas como brancos, são incentivados a participarem no programa, e não como membros de uma determinada raça ou grupo de nacionalidade, mas como os vizinhos e membros da comunidade.

3. PROPÓSITOS METODOLÓGICOS

A primeira parte do trabalho apresentado serviu para visualizar a situação que o negro se encontrava à época do surgimento do Clube e o que poderá ser feito, a partir de agora, para contribuir no aspecto da integração dele à sociedade. Isso se deu por intermédio da (ASC) se buscou compreender o Palmares como opção de lazer, situando-o no contexto histórico, político, econômico e social e como essas estratégias auxiliaram no desenvolvimento de novas lideranças, visando a perpetuação do Clube.

A aproximação com o Clube começou bem antes da entrevista com o então Presidente do Clube Palmares e sócio fundador o Sr. João Estanislau Laureano, concedeu na sede em Volta Redonda, município do Rio de Janeiro, no dia 26 de março de 2010, às 13h30. Na verdade, foi em um encontro de políticas públicas ligadas ao PELC, Programa Esporte e Lazer da Cidade – Núcleos de Esporte Recreativo e de Lazer e realizado na cidade de Brasília – Distrito Federal.

João Estanislau Laureano, sócio nº 4 do Palmares, estava assistindo a uma palestra relacionada à temática da inclusão étnica e o lazer, e dialogando com o Prof. Giuliano Pimentel, parte da trajetória do Clube foi transmitida. As curiosidades, conquistas, fracassos, esperança num futuro melhor por intermédio da integração do negro na comunidade volta-redondense também foram expostos por ele.

Após o ocorrido fui convidado a manter um contato formal com os dirigentes do Clube onde foi realizada uma entrevista individual semiestruturada que de acordo com May (2004), nesse tipo de entrevista, o entrevistador está livre para ir além das respostas. O questionário teve um roteiro formulado sobre o tema: “origens do clube”.

Para tornar o ambiente mais descontraído para a entrevista, foram realizados questionamentos envolvendo temas como: família: posição, poder econômico, casamento, carreira, amigos, espaço físico, ambiente político, formação profissional e influências para tal, ingresso no esporte, influências pessoais, perfis dos pais, família, amigos e professores.

Posteriormente, por intermédio da pesquisa participante, mais dados foram incorporados à coleta. A utilização da história oral com os integrantes que originaram o Clube, serviram como os principais recursos para registro. Juntamente com a entrevista, foram acrescentadas questões individualizadas, com nome, idade, visão

do Clube, da diretoria, o que poderia fazer para melhorar a situação atual da entidade e a cidade onde mora.

Com base nos conhecimentos de Carvalho¹³, detalhes sobre a forma mais adequada de se socializar com o entrevistado utilizando os questionamentos que envolviam os familiares, sobre a sua posição, poder econômico, casamento, carreira e outras situações para que o entrevistado ficasse a vontade, se tornaram perceptíveis.

A visão dos fatos nas primeiras conversas informais mostrava uma imagem diferente da que se conseguiu formar após as entrevistas e convivência com o grupo. Com isso, novos acontecimentos foram responsáveis pela formação de ideias sobre a comunidade.

A pesquisa teve como ferramenta a (ASC), utilizando a pesquisa participante, de caráter dialético emancipatório. Essa metodologia tem como princípio fundamental uma forma de participação, sendo que pesquisador e população são sujeitos de um mesmo processo de exercício de cidadania objetivando transformação social. (HEROLD, 2010).

Para Brandão (1986) a pesquisa participante trata de um enfoque de investigação social por meio do qual se busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade e ela tem como objetivo, a promoção e a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Estes são os oprimidos, os marginalizados, os explorados. Trata-se, portanto, de uma atividade educativa de investigação e ação social.

Sob a perspectiva da ASC, nos meses de março de 2010 a dezembro de 2011, foi realizada com os integrantes do Clube Palmares de Volta Redonda - RJ, a intervenção em encontros e atividades todos filmados, fotografados e relatados em diários de campo e utilizados na pesquisa.

O contato inicial foi fundamental para a familiarização com a realidade do Clube e conhecer melhor o seu presidente e um dos fundadores. Nesse encontro foi aplicada uma técnica de Diagnóstico Rápido Participativo, em que o entrevistado relatou por intermédio de uma entrevista semiestruturada, a história do Clube.

As primeiras intervenções aconteceram no sábado e domingo 26 e 27 de março de 2010, nos períodos da manhã e tarde e contou – na perspectiva da

¹³ CARVALHO, Karine Dalsin e Marco de. **Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas.** Projeto Garimpando Memórias. Universidade federal do Rio Grande do Sul. Escola de educação física. Centro de memória do esporte: Porto Alegre. 2010.

pesquisa participante – com a participação ativa dos integrantes do grupo no planejamento. O cronograma compreendeu os meses de maio a agosto.

Foram desenvolvidas ainda atividades físico-esportivas como aquelas sistematizadas do lazer, dinâmicas de grupos e danças variadas. As atividades culturais por intermédio de clipes, também foram feitos pelo professor e historiador José Geraldo da Costa. Leituras e debates posteriores visando também a ação-reflexão, para que a atividade não aconteça (fazer por fazer) foram desenvolvidos conjuntamente, além de trabalhos manuais como a confecção de cartazes informativos, máscaras e *folder's* para divulgar a programação.

Na tentativa de buscar informações que pudessem se tornar valiosas na forma como eles entendiam a cidade, clube e mundo, realizei algumas em locais onde a influência da raça negra é considerada marcante na Cidade de Volta Redonda como o memorial Zumbi dos Palmares.

Aproveitando a característica do clube em desenvolver atividades que estejam voltadas para o desenvolvimento e não apenas diversão e descanso, percebe-se que a (ASC) como estratégia de caráter formativo e diagnóstico, auxiliou na formação de novas opiniões e coleta dos dados.

A compreensão dos dados obtidos na ASC se tornou a base do trabalho em complemento à parte obtida pela história oral com os membros fundadores e foi a responsável por obter dados sobre a história do Palmares, além de perceber como é o perfil do associado e a visão que ele possui do clube para o futuro.

3.1 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado no Clube Palmares, situado na Avenida Roma, s/nº, no Jardim Europa, cidade de Volta Redonda – RJ, na região do Vale do Paraíba Fluminense, a cerca de 130 km da capital Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa participante que para Brandão (1984), mostra um enfoque de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade com o objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação.

A pesquisa participante segundo Lakatos e Marconi (1991), fica marcada pelo planejamento ou por um projeto anterior à prática, sendo que só será construída junto aos participantes (objetos de pesquisa). Esses auxiliarão na escolha

das bases teóricas da pesquisa de seus objetivos e hipóteses e na elaboração do cronograma de atividades.

No primeiro momento foi imprescindível o conhecimento da localidade do Palmares, suas características principais, para, posteriormente, aprofundar em detalhes que pudessem surgir com as entrevistas. Todo processo está baseado no conhecimento da população pesquisada. Com essa estratégia foi possível conhecer a situação particular e iniciar uma mudança pelas ações positivas pautadas na realidade concreta do grupo, em benefício da comunidade da localidade em estudo.

A população estudada teve uma participação ativa durante todo o processo composto por proposta de pesquisa, levantamento e coleta dos dados, planejamento e intervenção na realidade da população. Esta terá acesso a todo processo, numa tentativa de reduzir as limitações da pesquisa tradicional durante a coleta de dados,

Pela realização da terceira visita foi possível conhecer a realidade da comunidade e as pessoas que fazem essa história, além de perceber algumas situações que se confrontaram e com isso foi possível analisar com calota os dados. Com isso foi possível evitar distorções das informações. A ajuda da atual diretoria foi fundamental, pois tornou-se mais fácil a aproximação com o grupo pesquisado o que facilitou a definição das possibilidades de atuação para traçar a estratégia mais adequada.

Foi utilizada a história oral em que eram feitas entrevistas com pessoas que passaram pelas várias fases do clube, para que pudessem testemunhar sobre acontecimentos.

Fazer um levantamento da história com alguns relatos de pessoas envolvidas com o Clube Palmares da Cidade de Volta Redonda no estado do Rio de Janeiro, entender o método, utilizá-lo de maneira consciente e conseguir tirar o máximo possível das informações foram os propósitos que justificaram a adoção da História oral no estudo. Neste aspecto, buscou-se ainda formar uma narrativa que apresente as fases que o Clube viveu e tudo o que ainda tem para frente, incluindo agora a participação dos jovens.

Buscou-se respaldo teórico em diversos autores para a realização do procedimento da forma mais adequada possível, entre eles, Janotti (2009) e Freitas (2006). Entende-se que este método de pesquisa tende a privilegiar a realização de entrevistas com as pessoas que fizeram parte ativamente, ou não, de acontecimentos e que podem contribuir com suas narrativas orais que servirão como

fonte de pesquisa. Este método apresenta um caráter multidisciplinar e por isso tem sido utilizado em diversas áreas.

Por tratar-se de uma metodologia usada em pesquisas históricas e sociológicas que tem como objetivo a valorização de relatos de indivíduos, por intermédio de entrevistas com pessoas que viveram o ocorrido, constatou-se então que possibilidades de entrevista não faltam no Palmares.

Poucos documentos existem para relatar a história, as prováveis discriminações, negações aos direitos que os integrantes do clube viveram. Por intermédio desses relatos pode-se contribuir com divulgação da memória do clube, seus eventos, atividades educacionais, artísticas e algumas prováveis perseguições.

Para servir de apoio aos relatos foram usadas fotos dos membros do clube, que narram, pelas imagens, parte da cronologia do Clube e principalmente servem para recordar o ocorrido e constatar todas as melhorias ocorridas durante esses anos de vida.

A história oral é uma forma de valorização da memória dos indivíduos ativos, e isso leva Janotti (2010) a afirmar que se trata da questão primordial da verdade do testemunho, geralmente confundida com a epistemologia da história. No discurso historiográfico, o relativismo do compromisso com a verdade parece ter tomado um espaço excessivo. Tudo depende de meias verdades, da opinião e de circunstâncias específicas. Segundo a autora, não se ousa usar a palavra verdade sem colocá-la entre aspas. Deve-se analisar muito bem as informações e quando se abordar um mesmo assunto. O ideal é fazer uma confrontação para que as distorções sejam minimizadas e assim, chegar a dados mais próximos à realidade e em casos de situações polêmicas, abordar os dois, ou tantos quantos lados existirem.

A história oral é dividida em três gêneros distintos que para Freitas (2006), são a tradição oral, a história de vida, a história temática. No Clube Palmares essa divisão se confunde facilmente e em alguns momentos os gêneros se misturam e a temática se transforma em história de vida e na tradição oral ocorre que em alguns depoimentos a tendência é ir se encaminhando para a história de homens que fizeram do Clube a sua vida.

Uma das características das entrevistas orais é que são carregadas de fatos que a história escrita, por muitas vezes, desconhece. Muitas vezes, são transmitidas a todo o momento. Por isso, Freitas (2006), diz que uma sociedade oral reconhece a

fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também, como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que se pode chamar elocuções-chaves, isto é, a tradição oral. O termo pode ser definido, de fato, como um testemunho transmitido, verbalmente, de uma geração para outra.

No que se refere à história de vida, Freitas (2006), afirma que pode ser considerada um relato autobiográfico, do qual a escrita que define a autobiografia – está ausente. Neste quesito é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo indivíduo, sobre o próprio indivíduo. Esse relato, que não é necessariamente conduzido pelo pesquisador, pode abranger a totalidade da existência do informante. Para tanto, seriam necessárias inúmeras horas de gravação.

Na história temática, Freitas (2006) afirma que a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva por exemplo.

Não são apenas os velhos que detêm o monopólio do contar. Para Sebe (2009) atualmente há importantes trabalhos sobre narrativas de crianças, adolescentes e jovens e como o grande foco onde serão envolvidas as estratégias de Animação Sociocultural (ASC) são os jovens, se faz necessário ouvi-los também para saber o que pensam, sabem e pretendem com relação à sua atuação dentro do Clube e de que maneira podem contribuir para a perpetuação dessa entidade. E pensando nisso optamos por ouvir a educadora de danças afro Janayna da Silva e o educador de inclusão digital Murilo. Dois jovens que forma alunos das oficinas do Palmares e hoje eles são responsáveis pela orientação de várias pessoas.

Para o início da pesquisa, foi feita uma consulta para descobrir a real disponibilidade dos palmarinos. Depois foi feita a escolha dos entrevistados. A ideia foi buscar pessoas que viveram na época, que participaram de decisões do Clube. São trabalhadores, diretores, alguns vizinhos.

Com um plano traçado para a obtenção de novos testemunhos, a cada fato novo surgido após uma entrevista, pode-se reformular a entrevista dos próximos sujeitos, ou até mesmo refazer algumas perguntas em momentos oportunos para sujeitos que já tenham contribuído com o estudo. Para isso, foi apresentado um

roteiro com um questionário semiestruturado, com liberdade de atuação e direcionamento junto ao entrevistado.

Nesse contexto, coletar depoimentos, por intermédio da história oral, daqueles que participaram da construção do Clube ou se utilizam dele, irá constituir o processo de divulgação da memória.

Afinal, testemunhar não é apenas dizer o que viu ou ouviu, mas é também a construção de um discurso sobre o factual. (JANOTTI, 2010, p.15).

O Clube, ao longo dos anos, passou por fases que contavam com um quadro social que ajudava na manutenção do espaço, situação que não acontece no presente, pois toda a renda do clube é feita por meio de promoções.

Visitas constantes tornaram possível a realização das tarefas pertinentes à pesquisa. Entrevistas gravadas em áudio e vídeo, além de fotografias, documentos e cadernos de campos, auxiliaram no esclarecimento de como é o Clube e de que maneira as atividades ocorreram.

Pesavento (2003) diz que as imagens são utilizadas pelos historiadores como ilustração de algo como, paisagem ou retrato que enquadrava um fato ou personagem, ou então, na sua versão pictória, como expressão superior da cultura em um momento dado, em utilização similar à de uma história da arte.

A população desse estudo foi composta pelos integrantes do Clube Palmares de Volta Redonda, que em dias da roda de samba chega a atingir 500 participantes.

A amostra contou com sete pessoas, que de uma forma ou de outra, têm, ou tiveram, participação ativa na formação do Clube. São sócios e funcionários que atuam diretamente nas oficinas e foram entrevistados, por intermédio da história oral, para tentar realizar o resgate da memória do clube Palmares e ajudar no entendimento do funcionamento atualmente.

Baseados em Becker (1987) a coleta de dados ocorreu durante a participação do pesquisador no cotidiano dos eventos do Clube Palmares de Volta Redonda, e em conversas à parte com alguns membros.

No que se refere à análise dos dados, para que a pesquisa se considere operacional, atendendo a determinados princípios fundantes, e assim indicar que a investigação sobre a prática educativa poderá ser realizada, Franco (2005) acredita que tem que se analisar os dados da realidade social; da historicidade dos

fenômenos, da práxis, das contradições, das relações com a totalidade; da ação dos sujeitos sobre suas circunstâncias.

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa, o estudo procurou respeitar todas as fases para a realização de pesquisa com seres humanos, em que os aspectos éticos foram contemplados após esclarecimentos sobre o objetivo do estudo e sua metodologia. Foi respeitado o que preconiza a resolução nº 196, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional da Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos, relativa às normas éticas.

Todos os envolvidos neste estudo - clube e os associados - foram consultados antecipadamente e receberam um termo de consentimento livre e esclarecido, para que os sujeitos da pesquisa ficassem cientes do teor do projeto e as etapas do desenvolvimento. Os participantes precisavam apenas, declararem cientes para aceitar a participação voluntária no estudo.

4. PERCURSO HISTÓRICO DO CLUBE PALMARES

Várias são as formas institucionalizadas de utilização do tempo livre na sociedade, entre eles, os clubes sócios recreativos que para Silva (2009), são manifestações representativas de uma categoria atribuída ao tempo que a sociedade adquiriu. É a instituição de que existe um espaço, um local específico que autoriza ser usufruído por práticas características em determinado tempo.

4.1 CONTEXTO DO SURGIMENTO DO CLUBE PALMARES

Corria o ano de 1727, quando os jesuítas, após demarcarem a Fazenda Santa Cruz, na baixada que ainda hoje guarda este nome, cruzaram a Serra do Mar abrindo caminho para a colonização do Médio Vale do Paraíba. No ano seguinte foi aberta uma estrada ligando Rio de Janeiro a São Paulo. (PORTALVR.COM. s/d).

Somente em 1744, no entanto, os primeiros desbravadores denominaram a curiosa curva do Rio Paraíba do Sul, de Volta Redonda, quando a região era explorada apenas por garimpeiros em busca de ouro e pedras preciosas. Grandes fazendas foram instaladas na região, com alguns nomes que ficaram até hoje, como Três Poços, Belmonte, Santa Cecília, Retiro e Santa Rita. Entre 1860 e 1870, a navegação pelo Rio Paraíba do Sul viveu seu período áureo entre Resende e Barra do Piraí. Ao mesmo tempo, os trilhos da Estrada de Ferro D. Pedro II chegam à Barra do Piraí e Barra Mansa. Por volta de 1875, o povoado de Santo Antônio de Volta Redonda começa a ter grande impulso, contando perto de duas dezenas de estabelecimentos comerciais. As primeiras aspirações de autonomia do lugarejo surgem em 1874, quando os moradores pleiteiam a elevação do povoado à categoria de freguesia. Somente no ano de 1926 Volta Redonda conseguiria o seu estabelecimento definitivo como oitavo distrito de Barra Mansa. (PORTALVR.COM s/d).

Sobre Volta Redonda, Bezerra et al (sd) comentam que a localidade foi palco de atuação de movimentos políticos e sociais, por se tratar de uma cidade tipicamente operária onde foi implantada a maior usina siderúrgica da América Latina, na década de 40: a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A inauguração marcou o surgimento do Sindicato dos Metalúrgicos, entidade sob a qual os trabalhadores se organizaram em sua luta por melhores condições de trabalho e de vida.

Fontes e Lamarão (2006 p.18) dizem que a cidade que outrora constituía o 8º Distrito do Município de Barra Mansa teve, em 17 de julho de 1954, concretizada a emancipação político administrativa, passando a m8nicípio. Seu primeiro prefeito foi Sávio Gama, e a sua primeira obra foi abertura de uma avenida, que serviu de via de penetração ao bairro do Retiro, terreno de sua propriedade, o que permitia o

acesso a novos loteamentos, os futuros bairros do Açude, Vila Brasília, Coqueiros, Pau d’Alho, entre outros.

Volta Redonda tratava-se de uma típica cidade, igual a muitas outras, desenvolvida ao redor da sede da prefeitura, da praça e da igreja, como são características tradicionais do interior do Brasil. Esse ritmo de desenvolvimento, porém, foi alterado pela presença da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) que passou a ser o centro das atrações na região.

Na visão de Carvalho e Bacelar (2009) as medidas efetivas para a implantação da CSN tiveram início em 1931, com a criação, no governo Vargas, da Comissão Nacional de Siderurgia. Após 10 anos de disputas internas e externas, agravadas pela Segunda Guerra Mundial, foi realizada, em 9 de abril de 1941, na cidade do Rio de Janeiro, a Assembleia Geral de constituição da Companhia Siderúrgica Nacional, que segundo o estatuto aprovado nessa assembleia (1941, art. 4), seria uma sociedade anônima com domicílio no Rio de Janeiro, “que tem por fim a fabricação e transformação de ferro gusa, de ferro, de aço e seus derivados, bem como o estabelecimento e exploração de qualquer indústria que, direta ou indiretamente, se relacione com esses objetivos.”

De acordo com Fontes e Lamarão (2006) pelo Decreto-Lei nº 3.002, de 30 de janeiro de 1941, Vargas aprovou o plano para a instalação da usina, autorizando a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional a criar a Companhia Siderúrgica Nacional. A empresa foi efetivamente fundada em 9 de abril do mesmo ano, contando com um capital social de 500 milhões de cruzeiros antigos, pertencendo à categoria de sociedade de economia mista. Na prática, construiu uma empresa de propriedade e direção governamentais.

Embora formalmente a CSN tenha sido criada como uma empresa de direito privado, com os relatos de Carvalho et al (2009) foi fundada em 9 de abril de 1941, por ato do então Presidente da República, Getúlio Vargas e começou a operar na cidade de Volta Redonda – RJ, em 12 de outubro de 1946, data oficial da sua inauguração. É a primeira usina siderúrgica integrada a funcionar no Brasil, sendo considerado um marco no processo de industrialização brasileira. Sua produção de aços planos e não planos, à época, viabilizou a implantação das primeiras indústrias nacionais do parque fabril brasileiro.

Três períodos, claramente diferenciados, marcam a evolução político-industrial e urbana do município. Num primeiro momento, que se estende de 1941 a 1954, a CSN centraliza e dirige o desenvolvimento de Volta Redonda, implantando e administrando a usina e o núcleo urbano,

o qual, durante esses anos, não passava de um distrito do município de Barra Mansa. Em seguida, entre 1954 e 1967, com a emancipação político-administrativa do distrito e a consequente criação do município de Volta Redonda, proprietários de terras e comerciantes fazem valer mais livremente seus interesses; a expansão “natural” da cidade ganha novo ímpeto, ao mesmo tempo em que a CSN continua mantendo sob controle seu vasto patrimônio urbano. E, finalmente, a partir de 1967, a Companhia dá início à transferência de seu patrimônio e encargos urbanos à Prefeitura Municipal, redefinindo suas responsabilidades na evolução urbana de Volta Redonda. (FONTES E LAMARÃO, 2006, p. 242).

O desenvolvimento atraiu mais pessoas que buscavam empregos com melhores salários e também a integração social, e com isso, coube à Companhia oferecer infraestrutura para abrigar essa população, conforme demonstrado na figura 1 abaixo que, demonstra a infra estrutura oferecida para os funcionários do alto escalão.

Fontes e Lamarão (2006) apontam que no início de 1942, começaram as obras das vilas residencial e comercial, projetadas pelo arquiteto Atílio Correia Lima, obedecendo, ambas, a um mesmo plano diretor. Esse plano previa loteamentos bem cuidados, estrutura viária hierarquizada, amplos espaços abertos com áreas ajardinadas, equipamentos urbanos centralizados, além de um cinturão verde de preservação. Nos bairros residenciais foram estabelecidas diferenças quanto ao tamanho dos lotes, às taxas de ocupação e aos tipos de residências, criando espaços estratificados por categorias profissionais e por faixas salariais.



Figura nº 01. Loteamentos dos funcionários do alto escalão da CSN. Fonte: Doadas a Flávio Costa. (s/d). <http://moleskinelectronico.blogspot.com/2010/10/volta-redonda-rj-anos-40-50-e-60.html>

Obedecendo a esses critérios, seriam criados, ao longo dos anos, bairros para as categorias profissionais superiores, como Vila Santa Cecília (1942) Laranjal e Bela Vista (1945) bem como bairros para os funcionários e trabalhadores menos qualificados, primeiramente Conforto (1942) e, posteriormente, Jardim Paraíba, Nossa Senhora das Graças, Sessenta e Monte Castelo, entre 1952 e 1962. Com a conclusão da usina em 1946, parte da força de trabalho empregada nas obras – cerca de 7.000 trabalhadores no momento de “pico” – foi mantida, sendo utilizada em diversas seções da siderúrgica. Para tal, esses trabalhadores tiveram de receber treinamento especial, já que nunca haviam trabalhado com máquinas. Parcela significativa da mão-de-obra não aproveitada permaneceu na cidade, à margem do mercado de trabalho, defrontando-se com sérias dificuldades para sobreviver. A favela do Morro de São Carlos, surgida no final dos anos 1940, é um exemplo bastante revelador dessa situação. (FONTES e LAMARÃO, 2006, p. 242).

Fontes e Lamarão (2006) afirmam ainda que outro elemento fundamental que deve ser levado em conta para se entender as mudanças promovidas pela CSN foi o golpe militar de março de 1964, que representou uma profunda derrota da classe operária e criou condições para o estabelecimento de um novo tipo de aliança entre a burguesia nacional, unificada em torno dos militares, e o capitalismo internacional. É nesse período que se dá o surgimento do Clube Palmares. A história do clube começou oficialmente no ano de 1964, com um grupo de amigos e funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Toda cidade possui um ponto de encontro, e nesse caso, o lugar era a Praça Brasil, com sua fonte luminosa onde as pessoas ficavam namorando, conversando sobre política, futebol ou assuntos de interesse da comunidade. Tudo de uma maneira muito integrada indiferente de sexo, cor ou religião.

De acordo com o site do Clube Palmares, a entidade é considerada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 5.599 de 16 de outubro de 1965 e de Utilidade Pública Municipal pela deliberação nº 796, boletim 52/66, C.N.P.J. (MF) 29.798.923/0001-12, com propósito de integração e interação do negro na sociedade brasileira. Os seus objetivos principais são o de promover, desenvolver e incentivar o estudo e pesquisa sobre do negro e a cultura afro-brasileira no estado do Rio de Janeiro, no Brasil e no exterior, promover a integração social da população local, valorizar suas origens e culturas, estudo dos seus problemas nacionais e internacionais, promover reuniões de caráter social, atléticas, educacionais, cívicas e de direitos humanos, promover e difundir a prática de desportos em geral, propor ações que visem a integração da comunidade negra no

contexto socioeconômico, cultural, ambiental, político e na preservação de danças étnicas, promover e desenvolver o intercâmbio social, cultural e desportivo com sociedades congêneres, contribuir com a sociedade como referência de apoio a consultas públicas.

Muito comum nas cidades na década de 60, ao se aproximar das 22 horas, as pessoas iam se recolhendo para as suas casas. Porém, na juventude muitos sentiam a necessidade de estender um pouco mais a noite e as opções, a época, eram os badalados Clubes Comerciais na Rua Jofre Cattapreta nº. 50, o Clube Náutico Recreativo Santa Cecília na Rua 562, 179, Jardim Paraíba, o Umuarama localizado à Rua 43 nº 155 e o clube dos funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) Rua 90, Vila Santa Cecília.

Pelo depoimento de João Laureano¹⁴, alguns clubes tiveram privilégios para se estabelecer, sendo que muitos deles tinham as suas sedes construídas dentro do terreno da Companhia Siderúrgica Nacional ou com terrenos viabilizados pela prefeitura. Um exemplo foi o Clube Comercial.

De acordo com o site do Clube Comercial, na manhã de 26 de janeiro de 1951, acontecia a primeira reunião para fundar um clube. A reunião foi no Cine Avenida, na Av. Amaral Peixoto (onde hoje se encontra a agência Bancária do HSBC). O Clube funcionava no bairro Aterrado. O atual terreno, onde está localizado o clube, foi doado atendendo a um pedido feito pelo seu primeiro presidente, o Sr. Heitor Leite Franco, e começou a ser modificado pelo então prefeito de Barra Mansa, João Chiesse Filho.

João Estanislau Laureano e Nazário Ernesto dos Santos Dias entendiam que, mesmo sendo funcionários da CSN, não tinham o direito de frequentar esses clubes, normalmente acessível para os jovens brancos. O pensamento era compartilhado com os demais jovens negros. A eles restavam as gafieiras¹⁵, e em modestos ambientes sociais, os quais eram socialmente mal vistos pela população da época. As festas em casas de famílias eram os encontros normais da sociedade, aniversários, casamentos, e outros.

No entendimento de João Laureano, alguns clubes impediam o acesso aos cidadãos negros (as) à medida que iam se destacando social e economicamente perante a sociedade voltaredondense. Essas associações procuravam uma fórmula

¹⁴ Entrevista nº 01- João Estanislau Laureano. Presidente do Clube Palmares de Volta Redonda. RJ, concedida no dia 26 de março de 2010 na sede do Clube.

¹⁵ Gafieira. Bailes realizados em casas de famílias visto que o pagamento era feito na portaria.

de excluir, aos poucos, e dificultar ainda mais o acesso de negros nas suas dependências.

Percebe-se que existem localidades que apresentam características racistas e pela visão de alguns dirigentes, a melhor ou mais cômoda maneira de resolver o problema é a disponibilização de áreas afins para cada etnia. Talvez Políticas educacionais pudessem resolver o problema, mas em longo prazo.

O preconceito, apesar de velado no Brasil, especificamente em Volta Redonda na década de 1960, causava constrangimento àquelas pessoas. Nisso, os integrantes do grupo perguntaram. Por que todos que trabalhavam juntos e mantinham uma relação durante o dia não podiam também se divertir à noite nos clubes?

João e Nazário moravam na mesma direção e normalmente após os encontros da turma na Praça Brasil, subiam pela Rua 33, em Volta Redonda. À época, João fazia o científico e Nazário era estudante de engenharia da Escola Nacional do Rio de Janeiro. João gostava muito de dançar. Era frequentador assíduo da Elite, Santana e Elite do Meyer¹⁶. O ex-morador do Rio de Janeiro e ex-jogador do Madureira se vê numa situação em que ao se mudar para Volta Redonda e gostando de dançar, se via impedido de frequentar alguns ambientes que possibilitavam essa diversão. Foi quando João teve um “estalo”, uma ideia repentina. Ele se vira para o amigo Nazário com os olhos arregalados e diz: (I) [...] “Por que a gente, a gente não funda um clube aqui?... Se algum dia, nos casarmos, nossos filhos não terão de passar pelos mesmos constrangimentos”.

Passados cerca de 15 dias após a conversa inicial sobre a fundação do clube, os dois tiveram a ideia de pegar alguns estatutos para se basearem e começar a formalizar o próprio clube, uma iniciativa que precisava de reforço. Foi então que a amiga de infância de Nazário, Maria da Glória, a primeira professora negra do município, começou a participar também desse processo de análise.

4.2 REUNIÕES

A primeira reunião aconteceu no almoxarifado da CSN, onde atualmente encontra-se localizada a rodoviária da cidade. Maria da Glória levou o estatuto do Clube Círculo do Trabalhador Cristão; João, o do Minas Esporte Clube, da cidade

¹⁶ Gafieiras badaladas da cidade do Rio de Janeiro na década de 1960.

vizinha, Barra Mansa, e Nazário Dias, o do Clube dos Funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

Com esses documentos usados como base, resolveram então começar a rascunhar o que viria a ser o primeiro estatuto do Clube Palmares. Pelo entendimento de João Laureano, ainda não era um estatuto, mas já era o primeiro passo para quem pretendia fundar um Clube.

De acordo com João Estanislau, ele, Maria da Glória e Nazário estavam muito eufóricos com a ideia. O pensamento dele era de que a ideia iria se propagar com muita facilidade, pois se ouvia muitos comentários do tipo: []... “Ah! Estão fundando um Clube aí de Negros e tal e coisa né?”.(I)

Pelas palavras de João Laureano, a iniciativa não era fundar Clube. Ali deveria ser um local cujo objetivo deveria ser o de integrar o negro à sociedade volta-redondense. Depois de constatado que os negros não eram aceitos e, pior, eram recusados de uma maneira sutil, a vontade de formar esse clube só cresceu. Novos simpatizantes foram aparecendo.

O próximo passo foi marcar uma reunião para apresentar o esboço do estatuto do clube e também verificar alguns possíveis nomes para a nova entidade que iria surgir. O grupo se esforçava em ser democrático, contrastando com o período em que a ditadura militar estava numa crescente. Cada pessoa que indicasse um nome poderia livremente se expressar dizendo o motivo da escolha. Kutuba, 13 de Maio, 15 de Novembro, Fenianos eram os nomes sugeridos, até que surgiu o nome Palmares que colocado em plenária, recebeu a maior votação.

Curiosa e surpreendente foi a declaração de um dos idealizadores, João Estanislau Laureano (I).

“[]...Tinha uma certa afinidade com a nossa proposta né?, O nome Palmares, apesar de na época eu particularmente não conhecia nunca tinha visto falar no Quilombo dos Palmares”.

E o nome seria uma homenagem a Zumbi¹⁷. Por votação, o grupo elegeu o nome Palmares. Então a partir daí, foi considerado oficialmente fundado o Clube, em 31 de janeiro de 1965. Sem sede social, as primeiras reuniões foram feitas no barracão do almoxarifado da CSN.

¹⁷ No dia 20 de novembro de 1695, o escravo Zumbi foi decapitado e teve a cabeça exposta em praça pública pelos bandeirantes para mostrar que ele era um simples mortal. Isso, porém, fez dele um mártir da luta por igualdade de direitos para os negros. O dia de sua morte ficou marcado como o Dia da Consciência Negra. A figura de Zumbi dos Palmares, para Fernandes (2009) é hoje o ícone maior dos movimentos de valorização da cultura negra, é como um herói que conseguiu alimentar o sonho de liberdade. Existe uma peregrinação de militantes nas terras onde se estabeleceu o Quilombo.

O Clube começou suas primeiras lutas para firmar-se como entidade oficial. Encontrou dificuldades para fazer o registro de seu estatuto, para organizar sua sede administrativa, formar seu quadro social, entre outros pontos.

Amigos ajudaram muito o clube no início e com a influência deles, as reuniões passaram a ser realizadas na sede do Guarani Esporte Clube até outubro de 1965, no edifício Justino Molica. Pelos relatos da diretoria, era um ambiente melhor, mais prático, localizado na Vila Cecília e em algumas situações, nas residências dos associados. Aos domingos, as reuniões eram feitas numa sala de aula do grupo escolar Trajano de Medeiros, hoje, Colégio Manoel Marinho.

O clube no seu início era itinerante, com o tempo, o número de sócios aumentou. O Palmares realizava a integração com a comunidade volta-redondense e com isso, a sala de reuniões começava a ficar pequena para o grupo. A solução encontrada foi, mais uma vez, a mudança, passando assim as reuniões para o Colégio Trajano de Medeiros conforme a figura 2 abaixo. Afinal, não eram simples encontros. Era tudo envolvido numa atmosfera muito festiva, alegre, gente de todas as idades, muitas moças e rapazes, um ótimo ambiente, conforme define João Estanislau.



Figura 02: Colégio Trajano Medeiros na década de 60. Fotógrafo. Manoel Marinho (s/d).

No início, existia a ideia de uma gafieira de elite¹⁸, mas com a ampliação do seu corpus, perceberam que a escolha para um clube social foi a mais acertada.

¹⁸ Local onde tradicionalmente as classes desfavorecidas podiam frequentar para praticar as danças de casal, ou danças de salão. Não se tratava de um clube, mas uma opção para pessoas com condições financeiras restritas.

João e Nazário chegaram à conclusão de que as famílias do município não frequentavam o clube por acreditar ser uma boate reles. Então a providência tomada foi convidar os senhores negros, influentes e “respeitáveis” na Companhia Siderurgia Nacional (CSN) para conhecerem o local.

Os primeiros a serem convidados foram: João Balbino, que era mestre de mecânica de autoforno, Aristides Caldas de Rezende, mestre de telefonia, o Sr. José Pereira, mestre da parte elétrica, José Rosa, mestre de ponte rolante, José Gomes, que era o primeiro técnico negro na CSN formado em metalurgia na Escola Técnica de Ouro Preto e também o professor de Inglês, Raimundo.

Essa estratégia atingiu o objetivo e o clube começou a ser bem visto. Com isso, o aspecto de entidade seria iria aflorar, mesmo com o pensamento relatado de alguns integrantes do grupo de uma maneira humorada (I) [...] “O bom mesmo da vinda desses senhores foi que eles sempre traziam as meninhas né?”.

Oliveira (2005) acrescenta que o descrédito acerca da imagem que se fazia dos clubes, sendo seus beneficiários tidos como “espertalhões”, reforça a imagem de “malandro”, atribuída ao negro e desmerece a importância dessas associações como espaço de luta por melhores condições de acesso aos bens sociais. Muitos estereótipos atribuídos aos negros dificultam a percepção da negligência de políticas sociais, que em sua grande maioria, atinge diretamente a população negra. Na realidade, os estereótipos, muitas vezes, passam a justificar o descaso e as restrições a esta população.

De acordo com João Laureano (I), mesmo formais, as reuniões que eram feitas, na sua maioria, aos domingos, começaram a ficar mais descontraídas. Segundo o presidente do clube, ficou acertado que as meninas levariam os salgados e bolo e os homens levariam refrigerantes. Isso facilitaria, e muito, a integração entre os associados e ainda tornaria o ambiente mais aconchegante.

4.3 PRIMEIRO BAILE OFICIAL E PARCERIAS

Enquanto ainda não possuíam sede própria, os sócios se revezavam em pequenos bailes nas casas de associados do clube como as do Sr. João Balbino, Nazário Ernesto Dias. Para garantir a segurança e o ambiente, sempre ficavam algumas pessoas na porta para se ter a certeza de que apenas as pessoas envolvidas com o grupo e convidados entrassem.

Na visão da diretoria (I), isso foi gerando um certo desconforto de algumas pessoas e os membros do grupo, pensando que talvez essa atitude pudesse ser vista como discriminação, resolveram que já não deveriam mais fazer os eventos nas residências dos associados, pois estavam ficando impraticáveis após o crescimento do quadro social.

No dia 13 de maio, de 1965, o Clube foi apresentado oficialmente à sociedade. Tratava-se de uma noite cultural realizada no auditório do Colégio Trajano de Medeiros – hoje, Colégio Manoel Marinho. A figura 3 abaixo, relata o momento da apresentação da diretoria no evento que teve recital de piano, poesia, apresentação do grupo de dança afro e o coral negro do Clube Palmares, com integrantes da Igreja Nossa Senhora Aparecida.



Figura 03: Diretoria do Palmares nos anos 60: (Da esquerda para a direita) Marlene Balbino, Clélia, Maria da Glória, Nazário Ernesto Dias, João Balbino (conselheiro) José Gonçalves Dias (pai Nazário) - Conselho permanente, Miguel Arcanjo, Jovaci Milheiro Neto, José Gomes de Souza.

Os clubes sociais negros da década de 1960, em grande, parte tinham como objetivo a integração do negro. No Palmares, a ideia era fazer surgir uma elite negra. Motivados com isso, os seus integrantes procuravam sempre que compareciam ao local, trajarem de forma refinada.

Saraus¹⁹, tertúlias²⁰, bailes de gala, tardes de chá, audições de música clássica foram caracterizados por Giacomini (2006), como a forma de lazer associada à cultura erudita que era praticada por esses negros de classe média do Renascimento do Rio de Janeiro. Pelo que se pode perceber, mesmo sem condições econômicas adequadas para tal, os clubes negros faziam questão de demonstrar, por meio de costumes e vestimentas, que podiam fazer parte de uma elite da sociedade.

Para reforçar essa afirmação, Domingues (2004) apresenta a realidade dos associados do CNCS²¹ que em grande parte viviam em condições de penúria. Apesar das privações materiais, esses associados reivindicavam ser da “elite negra” e se vestiam nos padrões de elegância da época. Os homens usavam camisa, colete, peças de casimira, paletó, terno e gravata; as mulheres, vestidos e polainas. A proposta, portanto, era erigir um clube de ambiente seletivo.

Alguns questionamentos são apresentados por Escobar e Santos (2009) que aumentam ainda mais as dúvidas do grupo. A pergunta feita era para saber que elite negra era essa? Uma elite de um grupo discriminado? Uma elite que não tinha acesso aos mesmos lugares que seus pares profissionais, embora tivesse um nível econômico visivelmente superior ao da maioria dos negros da época?

Uma elite que somente se afirma na solidão, separada dos brancos por imposição destes, separada dos demais negros por exigência do próprio projeto de afirmação da distinção. (GIACOMINI, 2006, p. 92).

Não era tão fácil para os “palmarinos” conseguirem um bom e grande local para fazer os eventos. O aluguel de outros clubes era alto, muitos ofícios eram exigidos e aguardar por uma vaga era um exercício de paciência. No dia 31 de julho de 1965, depois de muita dificuldade, foi possível a realização do primeiro baile palmarense que ficou conhecido como Noite do Samba. O ponto alto do evento foram as apresentações de roda de samba e capoeira e o traje exigido foi social completo, considerado muito chique.

¹⁹ É um evento cultural ou musical realizado geralmente em casa particular onde as pessoas se encontram para se expressar ou se manifestar artisticamente.

²⁰ A tertúlia é, na sua essência, uma reunião de amigos, familiares ou simplesmente frequentadores de um local, que se encontram de forma mais ou menos regular para discutir vários temas e assuntos.

²¹ Clube Negro de Cultura Social foi fundado em 1º de julho de 1932, idealizado por José de Assis Barbosa. Sua sede ficava à Rua Quedino, nº 23, no centro de São Paulo.

João Laureano (I) comenta que a partir do primeiro evento, o número de associados chegou a 485, mais 500 dependentes e isso tudo sem que o grupo tivesse uma sede própria. No primeiro ano e com a não colaboração de clubes como Umuarama, Clube Náutico, Aeroclube e também o Clube dos funcionários, a ajuda do então Prefeito da época, Chico Torres, que era dono do Clube Comercial, foi essencial.

O clube firmou parceria que permitiu a realização dos eventos trimestralmente. Durante um período de quatro anos, as atividades do grupo foram assim realizadas. Outros eventos culturais eram realizados com uma frequência maior e com a disponibilidade do auditório da escola técnica, a entidade realizava diversas palestras com objetivo de conscientizar o negro sobre a importância dele na sociedade.

João (I) diz que o objetivo principal do Clube Palmares era a elevação cultural do negro. A forma de atingir essa meta foi a criação de um Departamento Cultural que ficou responsável por promover palestras com sociólogos, homens públicos, psicólogos e também um grupo para realização dos shows e pequenos esquetes. O coral do Clube ficou conhecido em toda a cidade como Coral Clube Palmares.

A primeira palestra foi realizada pelo sociólogo Edson Carneiro que desenvolveu uma dinâmica muito parecido com o que chamamos de animação sociocultural envolvendo atividades recreativas com informações voltadas para os conhecimentos gerais e da história do negro. A apresentação trouxe, para a maioria, uma bagagem cultural enorme e um conhecimento sobre a África que muitos do grupo ignoravam totalmente. Para João Laureano que sequer havia ouvido sobre Palmares, a palestra teve grande impacto conforme o seu relato na entrevista (I).

“[...]É, Os livros didáticos não passavam nenhum desses conhecimentos pra gente e quando ele colocou pronto o quadro do continente africano. Por que pra nós, e até pro pessoal da minha época, até hoje tem essa concepção né?, A África é um paizinho né? De um modo geral, a população brasileira não, conhece a África como um continente com 53 países”.

Os membros do Clube Palmares estavam recebendo, em seu tempo livre, aulas de geografia e história, diferentes para os padrões da época. Tinha muita motivação e detalhes explanados pelo sociólogo. Cada país do Continente Africano

foi apresentado: a Angola, dos Bantos e as várias etnias que vieram para o Brasil nos navios negreiros²².

João (I) comentou que o sociólogo Edson Carneiro foi muito positivo para os membros do clube e convidados, explorando bem sobre a contribuição que os negros africanos deram para formação do país, não só nos trabalhos do corte da cana-de-açúcar, da mineração, mas também culturalmente. Segundo ele, o palestrante falou dos conhecimentos dos negros relacionados à fusão do aço e à navegação. Isso aumentou a autoestima de todos e possibilitou um grande interesse pelo conhecimento da história do Continente e aflorou a ideia de manter um vínculo com a cultura afro-brasileira.

Normalmente o que se comenta do povo africano é somente sobre o sofrimento, a maneira como foi trazido nos navios negreiros, a escravidão, mas não a sua história de vida, sua cultura, reinado, glória e liberdade no continente.

Várias atividades foram realizadas a partir dessa palestra, e se intensificavam por ocasião do primeiro aniversário. Foi elaborada uma programação com atividades culturais com a participação de psicólogos, sociólogos e uma presença negra muito ilustre, como Adhemar Ferreira da Silva, campeão olímpico do salto triplo nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952. O atleta falou sobre desafios e que é necessário acreditar no próprio potencial.

João Laureano (I) diz que em outra ocasião o grupo recebeu a presença do Embaixador do Senegal, Arrichiner Dalshi, que explicou sobre a importância da formação acadêmica do povo negro brasileiro.

Sempre que possível, nas reuniões do clube, essa questão era posta em pauta. Era motivo de orgulho para os palmarinos, o fato do primeiro engenheiro negro da CSN ser um dos fundadores do clube, o Nazário Dias. Dentre os 630 engenheiros brancos, havia oito engenheiros negros e esses eram associados ao Palmares. Isso ajudou a melhorar a consciência para integrar o negro na sociedade embasada no favorecimento de minorias.

A sociedade brasileira, na década de 1960, classificava as pessoas apenas pela cor da pele e não pela condição intelectual ou financeira. Por isso, os dirigentes do Palmares acreditavam muito no conhecimento e na cultura dos jovens.

²² Nomes dados aos navios que transportavam os escravos, vindos da África, até o século XIX.

Domingues (2004) diz que entre as estratégias apregoadas para superar a marginalização do povo negro brasileiro, a mais enfatizada era, sem dúvida, a instrução ou educação formal. Um comentário de João Laureano (I) afirma isso.

“[...]Era para ser “através” do conhecimento né? Daí a gente teria que estar em condições de igualdade com a falsa elite, que hoje nós chamamos de falsa elite, e agora conhecemos bem todo mundo”.

Para Domingues (2004) a elevação cultural, pelo aprendizado escolar, era vista como a panacéia: concorramos para o milagre que a nossa gente deve realizar que é a alfabetização de nossa casta. A avaliação era simples. Na medida em que se instruísse, o negro estaria qualificado para conquistar mais espaço na sociedade e, por conseguinte, eliminar todas as barreiras de seu progresso. O autor ainda diz que no limite, essa concepção sustentava que o negro era discriminado não pelo fator racial (linha de cor), mas pelo seu pretenso atraso cultural, isto é, pelo fato de que era desprovido de uma cultura formal. Por isso, ele precisava se libertar, urgentemente, da mentalidade herdada do cativeiro, marcada pelo suposta atrofia cultural e deformação moral.

4.4 DIREITOS DIFERENTES

Na visão de João Estanislau Laureano (I), o Clube Umuarama, o Náutico, e o Aeroclube tinham uma forte ligação com a CSN, e todos eles se situavam na área da empresa. Como os fundadores do Clube Palmares eram funcionários da Companhia, acharam prudente reivindicar também, um terreno para construir a sede do Palmares. Foi formada uma comissão para conversar com o diretor social da CSN, quando foram mostrados documentos como atas, estatutos e foi explicado que este ainda não possuía uma sede e que todos os eventos, até então, realizados e com muito sucesso, ficavam sempre na dependência de parcerias ou aluguel de outros espaços. Essas atitudes acabaram por inviabilizar a realização de outras atividades para a integração do negro na sociedade, pois os custos de manutenção eram muito altos.

João Estanislau Laureano (I) comentou que juntamente com Nazário Dias explicaram o motivo real.

“[...]Estamos fundando o clube, né, e como nós não temos espaço nos outros clubes, né, não somos aceitos, nos outros clubes e tal, estamos fundando um clube não de negros, mais um clube pra integrar o negro na sociedade e tal né”.

De acordo com a comissão do novo clube que estava em formação, o diretor social da CSN disse que seus assessores entrariam em contato para dar o parecer e que poderiam aguardar. Só que pelos relatos dos integrantes, nenhuma resposta oficial foi encaminhada à diretoria do Palmares.

Segundo João Laureano (I), os motivos que levaram a direção da CSN a ignorar o pedido é que os representantes do Palmares estavam montando um clube racista, só para negros. E isso acabou, na visão de Laureano, assustando o diretor da empresa. [...] “Por que só para negros? Em Volta Redonda não tem racismo”.

Pela declaração atribuída ao diretor, os membros do Clube Palmares acreditavam que não poderiam afirmar que a atitude da diretoria da (CSN) fosse baseado na questão da igualdade de direitos, mas sim, na negação dos direitos de manifestação cultural e da possibilidade de organização de uma etnia.

Esses direitos são garantidos por lei, sendo que não é muito divulgado, pois os grupos desfavorecidos, como negros e pobres, que mais precisam desse conhecimento, têm o acesso dificultado, talvez por interesses de algumas classes dominantes.

Com o aumento constante do número de sócios e o espaço ficando cada vez menor, João Laureano na entrevista (I) diz que em uma das reuniões ficou decidido que deveriam comprar um terreno para construir a sede. Depois de várias procura, acharam o espaço, no lote um e dois da quadra A da Rua Roma, do Jardim Europa, em Volta Redonda. As reuniões continuavam sendo realizadas no colégio Trajano Medeiros e os bailes e apresentações maiores dependiam da possibilidade de alugueis de espaços apropriados para comportar um grande número de pessoas.

O Clube se encontra no mesmo local até hoje e pelas dificuldades na época, a construção da sede social só pode se concretizar 20 anos depois, por meio de promoções realizadas. João Laureano (I) comentou que o clube adquiriu um terreno com 945 metros quadrados custou, à época, três milhões trezentos e cinquenta e cinco mil cruzeiros, em duas parcelas de um milhão, e o restante dividido em quarenta e oito prestações. Com muita dificuldade, o Palmares conseguiu pagar o terreno, sendo o proprietário legítimo, diferente dos outros clubes citados e com a sede na área da CSN.

No ano de 1993, devido à grande concorrência com outros mercados como os de São Paulo e Rio de Janeiro, muita coisa mudou na CSN no seu patrimônio

urbano e também quanto à força de trabalho. De acordo com Fontes e Lamarão (2006, p 249), a Companhia desfez-se de parte de seu patrimônio urbano se utilizando de dois processos concomitantes: por um lado, entregou casas e terrenos a uma imobiliária por ela criada, a Imobiliária Santa Cecília, para ser vendido ou administrado; por outro lado, passou seu patrimônio público – ruas, praças, serviços urbanos etc – à Prefeitura Municipal. A CSN reteve apenas os terrenos previsíveis para a ampliação da usina, desvincilhando-se de todo o patrimônio voltado à vida do trabalhador fora da fábrica.

Assim, na visão de João Laureano, alguns clubes que se utilizavam do espaço da Companhia se viram sem condições de adquirir o espaço da companhia e, com isso, contraíram muitas dívidas o que inviabilizou o seu funcionamento. Com a privatização da Companhia, ocorreu a diminuição do quadro de funcionários e a (CSN) retirou o desconto em folhas que era encaminhado para os clubes. Com isso, ocorreu uma diminuição do quadro social das entidades até então beneficiadas e muitos ficaram com uma dívida elevada e sem condições de comprar o espaço que ocupavam, tornando a situação deles muito delicada.

A Companhia não precisava mais garantir a atração ou a fixação de mão-de-obra. Num primeiro momento, a siderúrgica, que se instalara numa área relativamente despovoada, teve de oferecer atrativos para um grande número de trabalhadores. Necessitou também mobilizar parte da mão-de-obra empregada na construção do complexo inicial, treinando-a e reaproveitando-a no trabalho metalúrgico, entre outros fatores, por aqueles de ordem política, advindos do pacto populista²³.

4.5 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO CLUBE

No início, não havia nenhuma casa próxima ao terreno onde ficava o Clube. Aos poucos começaram a surgir as primeiras edificações e junto, os primeiros problemas. Vários abaixo-assinados foram feitos e reportagens foram publicadas nos jornais da época em que alguns moradores sugeriam ao prefeito, que o Clube fosse desapropriado. No local, foi sugerido que poderia ser construída uma praça,

²³ O pacto populista era uma troca: os operários se comprometem a trabalhar duro e não fazer greves nem protestar porque confiavam que o governo faria em troca da doação dos direitos trabalhistas. Predigão (2007).

para as crianças brincarem. De acordo com relatos, muitas pessoas não achavam justo um grupo de samba²⁴ “chegar do nada” e se dizer dono do terreno.

Sem conhecer os detalhes legais, os moradores queriam a retirada imediata dos palmarinos. Eles chegaram até mesmo propor a construção da Praça e que dariam ao local o nome de “Coronel Aluísio”, que era o prefeito da época. Com a proposta, o então chefe do executivo local chamou a diretoria do Clube e propôs que a obra fosse construída em um outro local. Estranhando a proposta oficiosa, João Estanislau (I) comentou:

“[...] Olha, prefeito, nós compramos o terreno e já consciente do que ali era possível de acordo com o código de obra da prefeitura. No bairro é permitida a criação de um clube, teatro e cinema. Nós compramos pra construir um clube. Então nós estamos dentro da lei e somos legítimos proprietários dele. Então não temos interesse nenhum de sair de lá, a não ser com uma proposta melhor e trocar o terreno por outro. Na periferia a gente não aceita”.

De posse dessa informação, a diretoria se reuniu com os associados na Escola Trajano Medeiros e os informou da intenção, da troca do local. Os Palmarinos não aceitaram a proposta.

Com isso, o prefeito se reuniu com os responsáveis do grupo de moradores e explicou que o local legalmente era dos palmarinos e que a mudança deles somente aconteceria se eles concordassem com isso.

Dentre as tentativas, o “Coronel” convidou João Laureano para ser o seu candidato a vice-prefeito nas eleições de 1985. Começa ali uma tentativa de relacionamento. Mas, segundo o presidente do Clube, não era esse tipo de política que lhe interessava. Laureano queria mesmo uma política da integração. O então candidato acabou não tendo o apoio da comunidade negra. Coincidência, ou não, o prefeito não conseguiu se reeleger, pelo voto direto.

Em 2005, as moradoras da localidade, Daniele da Silva Mendes, Renata Carízio Pereira Neves e Maria Batista organizaram um abaixo-assinado, em que pediam ao prefeito providências com relação ao Clube. Segundo relatos, no local eram realizadas festas que iam até altas horas da madrugada. Esse seria o principal ponto de discordia entre comunidade e os integrantes da diretoria.

Na versão do Palmares, as atividades iam até a meia noite, pois todos, os músicos, porteiros e os funcionários que trabalhavam no bar tinham compromissos profissionais no dia seguinte.

²⁴ No entendimento dos vizinhos do clube, ao realizar as manifestações culturais afro-brasileiros, os negros eram vistos apenas como músicos arruaceiros.

A intensidade do som durante os bailes foi questionada pelos vizinhos. Eles se baseavam na lei nº 126, de 10 de maio de 1977, dispõe sobre a proteção contra a poluição sonora, estendendo, a todo o Estado do Rio de Janeiro. O disposto no Decreto-Lei nº 112, de 12 de agosto de 1969, do ex-Estado da Guanabara, com as modificações que menciona:

Art. 1º - Constitui infração, a ser punida na forma desta Lei, a produção de ruído, como tal entendido o som puro ou mistura de sons, com dois ou mais tons, capaz de prejudicar a saúde, a segurança ou o sossego público.

Art. 2º - Para os efeitos desta Lei, consideram-se prejudiciais à saúde, à segurança ou ao sossego público quaisquer ruídos que:

- I - atinjam, no ambiente exterior ao recinto em que têm origem, nível sonoro superior a 85 (oitenta e cinco) decibéis, medidos no cursor C do “Medidor de Intensidade de Som”, de acordo com o método MB-268, prescrito pela Associação Brasileira de Normas Técnicas;
- II - alcancem, no interior do recinto em que têm origem, níveis de sons superiores aos considerados normais pela ABNT;

No seu título IV, nas disposições gerais, o Art. 9º diz que qualquer pessoa que considerar seu sossego perturbado por sons ou ruídos não permitidos poderá solicitar ao órgão competente providências destinadas a fazê-los cessar.

João Laureano (I) comentou que, curiosidades à parte, um ônibus na rua emite 70 decibéis. Para mostrar outras comparações, citou que um secador de cabelo chega a 70 decibéis. Assim, a fiscalização foi ao Clube Palmares e conseguiu achar, segundo ele, uma única irregularidade. O som registrado, de acordo com presidente era em torno de 60 a 65 decibéis. Sendo assim, o fiscal foi obrigado a aplicar uma multa.

Intimado a depor sobre esse problema, João Laureano, afirmava que a finalidade do clube não era exclusivamente o samba, e sim a conscientização cultural e esportiva. Eventualmente eram realizadas as noites do samba, mas com a intenção de ajudar na receita fiscal do clube.

O então presidente do clube Palmares questionou a razão dos 60 decibéis, disse ele (I);

“[...] É lei eu sei, é lei, mais 60 decibéis não prejudica ninguém. Por exemplo, eu trabalhei na CSN 36 anos. Nós convivíamos com 80 decibéis, até 80 decibéis era permitido e a partir de 85 decibéis, por um longo período, pode vir a prejudicar. E a Companhia não recebeu a visita dos técnicos para verificar a emissão de ruído”.

Na tentativa de minimizar o problema, o clube comprou um decibelímetro, equipamento usado para medir o barulho - que auxiliaria no monitoramento do local e levantou o muro em mais 2 metros conforme o ilustrado na figura 4 abaixo. João Laureano comentou que na sua visão é muito difícil manter 60 decibéis, pois qualquer atividade chega fácil aos 60, 70 até 80 decibéis e ai veio outra intimação.



Figura 04: Muro do Clube Palmares em 2010. – Foto: Carlos Gomes de Oliveira

Representando o clube, o presidente foi questionado também com relação às providências que deveriam ter sido cumpridas e aparentemente para os inspetores não foram. [...] “Tomei as providências, eu estou medindo, estou acompanhando. Sempre que posso vou lá, peço para os músicos ajustarem o som, disse João (!”).

Ele teve de assinar um termo de ajustamento de conduta garantindo que não iria deixar passar de 60 decibéis e se comprometeu a colaborar para que a situação não se repetisse, afinal, não era intenção do Clube prejudicar ninguém. Mas era difícil controlar os músicos. Assim, o local recebeu somente em um ano (o de 2005) quase R\$ 10 mil reais em multas, todas relacionadas ao excesso de barulho.

Segundo a diretoria, a manutenção de um clube já é difícil e ainda mais tendo de conviver com essas multas, se torna ainda mais complicado mantê-lo. Mesmo com as parcerias, as dificuldades não diminuíram.

Outra reclamação das senhoras da Vila estava relacionava às instalações do “Palmares”. Segundo elas, quase tudo lá era, precário, sem contar que não havia segurança. Baseadas nesses relatos, elas pediam, ao prefeito, que providências urgentes fossem tomadas. O Coronel, prontamente, solicitou então ao Juizado de Menores uma vistoria no local para verificar a denúncia da existência de menores de idade durante os bailes noturnos. O parecer da Justiça foi negativo. Nenhuma irregularidade, nesse sentido, foi constatada.

Para mostrar a persistência de seus idealizadores, uma festa foi promovida pela igreja do bairro. Era em comemoração ao aniversário da padroeira Santa Rita de Cássia e os festejos foram nas instalações cedidas pela diretoria do Palmares. Segundo Laureano (I) essa promoção mostrava os primeiros indícios de que eles estavam no caminho certo. A festa atingiu os objetivos de integração, além de conseguir um bom dinheiro para o caixa do Clube.

No primeiro dia, a atividade que mais marcou foi a noite da seresta. O evento contou com a participação empolgada e atenta da comunidade e dos sócios que se emocionaram com as músicas, cuidadosamente escolhidas, para atender ao gosto da maioria. No segundo dia, foi promovido um jantar dançante e no terceiro, ocorreu um baile. Apesar de todos os cuidados, é comum em eventos que aconteçam o clima de euforia e diversão. Com isso, não é tarefa fácil controlar a todos, principalmente no que diz respeito à música, conversas altas e ao barulho.

O que tinha tudo para dar certo, acabou gerando a revolta de alguns vizinhos. Insatisfeitos com o barulho, registraram queixa, novamente, contra o Clube baseados na proteção contra a poluição sonora. Mais uma multa foi aplicada e com ela, mais dívidas. A dívida chegou a R\$ 10.000,00 e por isso, foram penhorados os dois únicos freezers do Clube.

Ao prestar esclarecimentos sobre a situação ao Ministério Publico, foi relatado pelo presidente, que mesmo os membros da diretoria tendo acompanhado tudo de perto, eles não tinham uma pessoa especializada para fazer as medições do som no local.

Quando uma imagem negativa é formada, é somente com atitudes positivas que se pode reverter o quadro. Um chá da tarde foi marcado para essa ocasião. Os diretores aproveitaram o ensejo para explicar as ideias com relação ao espaço, falaram ainda das atividades profissionalizantes, culturais e esportivas.

A igreja evangélica realizou uma festa de casamento no Palmares e segundo João Laureano, uma das senhoras que organizou um dos abaixo-assinados, estava presente com a família e o clima amistoso e festivo fez com que eles entrassem no ritmo do reggae, funk e outros estilos de música.

Essa festa serviu como um marco inicial para que diretoria e os vizinhos selassem a bandeira da paz. O evento foi, oficialmente, a primeira tentativa de aproximação entre eles. Percebendo uma mudança no clima, os membros da diretoria começaram a pensar na busca de uma saída para o impasse que tanto estava prejudicando o desenvolvimento do Clube. Assim, segundo Laureano (I) iniciaram uma negociação para que possam desenvolver eventos culturais que tenham a participação direta dos vizinhos.

4.6 FASES DO CLUBE

4.6.1 Décadas de 1960 e 1970

O clube passou por várias fases sendo a primeira a de organização do estatuto, secretaria e arregimentação de associados. Na sua origem o engenheiro Nazário Dias foi o sócio número 1, a Professora Maria da Glória a 2, e João Estanislau, chefe de divisão da CSN foi o número 3. Eles contavam ainda com uma diretoria composta por cerca de 15 pessoas.

Para que o clube tivesse um ar célebre, foi convidado Lúcio de Andrade para ser o primeiro presidente do Clube Palmares. Ele era também chefe de turno de inspetores metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN – e foi o primeiro vereador negro de Volta Redonda, no ano de 1965. Andrade foi preso pelos militares por fazer um discurso que iria contra os pensamentos do Governo à época da Ditadura.

Após essa estruturação, muitos eventos foram realizados. Começava então a integração do negro pela cultura, educação e principalmente pela conscientização. Jéferson Laureano, vice-presidente e filho de João Laureano, diz que na fase áurea, entre as décadas de 1960 e início do ano de 1970, com quadro próximo de 1000 mil associados, eram promovidas, durante toda semana palestras culturais nos auditórios da Escola Técnica Pandiá Calógeras e no Centro Social Santa Cecília, cedidos pelas respectivas entidades.

Os Palmarinos promoveram assim inúmeras palestras, afirma Jéferson. Para isso, vários foram os convidados, homens públicos de expressiva importância à

época, como o sociólogo Edson Carneiro, o campeão Olímpico de Atletismo Ademar Ferreira da Silva, o embaixador do Senegal Henri Arplainy Senghor (sobrinho do famoso pan-africanista senegalês *Léopold Sédar Senghor*) representantes de movimentos negros da cidade e outras personalidades de expressiva relevância nacional à época nas décadas seguintes.

Nesse período, o clube começou a se estruturar para que o funcionamento fosse mais organizado. Comissões específicas foram desenvolvidas e cada uma ficou responsável pelo gerenciamento de setores do clube, comissões de shows e apresentação de corais, o qual ficou conhecido em toda a região como o Coral Clube Palmares. Importante registrar que a entrada era aberta a todos, sem nenhum tipo de discriminação, principalmente racial. Com esta filosofia, várias outras promoções sociais como serestas, pagode, bingo, almoço de confraternização e outros eram realizados no Clube.

A figura 5 aparece nitidamente que nos eventos promovidos pelo Palmares, a mesma mesa era compartilhada por negros e brancos. Essa era uma questão de honra para os palmarinos, agir diferente da forma como os negros eram tratados e sem a possibilidade de realizar a mesma integração em outros clubes.



Figura 05: Eventos em 1960. (Da esquerda para a direita). Sentados: Maria da Glória, a sócia fundadora; Paulo Coutinho, Dario Azevedo (radicalista); Tio Bené, (radicalista) e outros convidados dos eventos do Palmares. Fonte. Jeferson Laureano.

Os resultados satisfatórios dessa iniciativa pioneira, obtiveram, com sucesso o ingresso dos primeiros engenheiros negros no quadro da CSN, os quais eram associados do Clube Palmares, bem como tantos outros técnicos de indústria, mestres e vários outros funcionários com cargos de relevância na CSN.

Na iniciativa pública houve também outras importantes conquistas, como os primeiros professores e advogados da região, além de outras áreas de profissionais liberais, sempre com o incentivo e apoio à formação acadêmica.

4.6.2 O Clube na Ditadura Militar

Para Junior (2010) as causas que favoreceram o golpe militar ocorrido no Brasil, no ano de 1964, são uma somatória de diversos acontecimentos políticos e sociais, ocorridos ao longo da história republicana brasileira. Ainda durante o período imperial, quando Dom Pedro II era quem governava o País, os militares demonstraram sua insatisfação com as condições vividas pelas Forças Armadas Brasileira.

Fico (2001) comenta que setores preponderantes das forças armadas, em 1964, tomaram o poder do Brasil, derrubando o governo Goulart e iniciando uma ditadura que só terminaria 21 anos depois. Foram consequências perversas que, ainda hoje, todos lutam para superar.

De acordo com Campos (2006) o golpe militar de 64, com apoio de setores da sociedade civil, desarticulou todos os movimentos sociais brasileiros, assim como os partidos políticos, reprimindo qualquer tipo de manifestação contrária ao estado, a doutrina de Segurança nacional e a ideologia de integração da nação. O autor acrescenta ainda que os representantes das classes conservadoras e liberais, os golpistas adotam o discurso uniculturalista e, consequentemente, o mito da Democracia Racial. Como medida prática, além da repressão e proibição de qualquer tipo de organização política, o quesito cor-raça é retirado dos censos demográficos. A medida mascara os números da real situação sócio-econômica em que permanecia a enorme massa negra.

Para Fontes e Lamarão (2006) rompia-se, assim, o pacto social instaurado pelos governos populistas, vigentes até aquele momento. Devido à repressão, às organizações operárias e de massas que se seguiu ao golpe, inaugurou-se um

período em que o poder de barganha da classe trabalhadora ficou reduzido, vendendo-se o operariado privado de conquistas anteriormente obtidas, tanto no plano sindical quanto no das condições de reprodução da força de trabalho.

Em decorrência da repressão, Albuquerque e Filho, (2006) dizem que, algumas organizações negras tiveram que se transformar em entidades culturais e de lazer. Em 1969, na cidade de São Paulo, um grupo de intelectuais fundou o Centro de Cultura e Arte Negra no bairro do Bexiga. Nos anos 70, novos grupos de teatro, música e dança, formaram-se em várias cidades brasileiras. Esse movimento cultural teve impacto importante na formação de grupos de afro-brasileiros cada vez mais preocupados com a cultura e a história dos negros no Brasil e em outros lugares do mundo.

Algumas ações dos clubes negros são de certa forma, uma marca registrada e percebe-se que, na sua maioria, são voltadas para ações que busquem oferecer melhores condições para a comunidade negra.

Nessa mesma ocasião, as comunidades negras pobres de várias cidades do país vinham experimentando transformações importantes. Naqueles anos tensos e tumultuados, a juventude da periferia dos grandes centros passou a exibir novas formas de comportamento, de falar, de vestir e de protestar. “Essas transformações refletiam o contato da juventude negra com as questões que mais a interessavam no mundo contemporâneo.” (ALBUQUERQUE e FILHO, 2006, p. 281).

Quanto aos jovens de Volta Redonda, na época, ficou evidenciado que também eram ativos nas questões políticas do país, fato evidenciado pelo seu primeiro presidente que foi preso pelos militares conforme relatado anteriormente e pela ligação do clube em um certo período com partidos políticos. Mesmo no ano de 1964 com o período de agitação, dentro das possibilidades e dos padrões sociais, pelos relatos de João Laureano, percebe-se que as relações interpessoais aconteciam entre os amigos da promissora cidade, até que algumas ações tidas como racistas começaram a aparecer.

Poderia ser racismo o que estava acontecendo? Descrição? O que poderia ser? A sociedade voltaredondense teria essa característica na década de 1960? Apenas quem viveu naquela época poderia responder a essas perguntas.

Costa e Dias (2010) afirmam que a tortura e a repressão eram formas de imposição ideológica não permitindo quem tratava desses assuntos exporem a realidade dos fatos, mudando o pensamento e o olhar da sociedade sobre os

acontecimentos. O medo tomava conta e a manipulação era uma arma forte para a sobrevivência do regime. O uso do esporte como ferramenta ideológica, o falso nacionalismo e o milagre econômico fornecem um campo aberto para a análise histórica.

A situação do Brasil durante o golpe militar foi mostrada por Miranda e Maria (2007) e, segundo o texto, o regime que foi instaurado no país impossibilitou qualquer diálogo democrático entre esses grupos negros e as autoridades autoritárias que sempre os viram com desconfiança acreditando serem pontos de subversão.

No Palmares, muitos assuntos eram amplamente discutidos e alguns para João Laureano (I) eram polêmicos, pois alguns precisavam causar desconforto nos associados para fazer com que eles saíssem das zonas de conforto e passassem a refletir sobre a sua condição na sociedade. Para isso, várias palestras que mexiam com o moral, ego e autoconfiança foram realizadas. Nesse período, as aglomerações de pessoas eram vistas com desconfiança e muitos clubes eram monitorados a todo tempo para que chegasse a conhecimento dos militares a rotinas e conversas.

Um fato era totalmente desconhecido pelos integrantes do clube. Eles estavam sendo totalmente monitorados pelo Batalhão de Combate de Barra Mansa. Essa situação só foi descoberta quando em uma das reuniões do Clube, o Sargento Batista, do 1º. BIB - Batalhão de Infantaria Blindada de Barra Mansa, sendo negro e, portanto, com facilidade para se infiltrar, pediu a palavra e disse que estava ali no clube a serviço do Exército. Depois de muito tempo investigando não constatou nenhum ato subversivo nas atitudes dos membros do clube Palmares.

Segundo relato de João Laureano (I) fez-se silêncio após a descoberta que o clube estava sendo espionado e a partir daí, um certo clima de medo em função da forma como o governo agia com as sociedades organizadas. O Sargento ainda disse que não havia constatado nada e, sendo assim, ele queria entrar definitivamente como sócio do clube.

De onde teria surgido essa ideia de que ali aconteciam atividades subversivas? Quem seriam os principais interessados? Os movimentos sociais eram fechados normalmente com sindicatos e o Clube veio modificar algumas atitudes da sociedade volta-redondense, estando aberto a todos.

Para fiscalizar os atos da população, o governo cria um órgão especial, o SNI²⁵ que de acordo com Fico (2002) foi criado em 1964, momento em que a linha dura ainda agia de maneira assistemática, ou, para dizer-lo cabalmente, fase em que inexistia o sistema de segurança que se implantaria formalmente cerca de cinco anos depois. Por certo, houve tentativas de ampliar as atribuições do SNI, tornando-o um órgão de “mão dupla”, isto é dando-lhe tarefas de propaganda política. (FICO, 2002, p. 43).

Fico (2004) diz que o Sistema Nacional de Informação começou a ser dirigido pelo General Emílio Gasrrastazu Médici. Esse órgão fazia parte de um projeto global do golpe de 1964, não apenas de repressão e controle, mas também de censura à propaganda política. Essa função criou uma ponte para a Presidência da República com apenas dois anos na função de chefe dos espiões,

4.6.3 Década de 1980, a questão do movimento negro

Diniz e Borghi (2010) dizem que as manifestações culturais e políticas do movimento negro no Brasil, como um todo, têm sua importância significativa na particularidade de cada estado ou até mesmo de cada cidade, em especial onde as coletividades tiveram maior visibilidade e influenciam de alguma forma a criação e as práticas de apoio coletivo.

Nesse contexto, Lima (2005) diz que os movimentos sociais estavam imediatamente relacionados aos assuntos dos trabalhadores. Tem-se aí o surgimento, a partir do século XX, de jornais escritos por negros, em São Paulo, que denunciam o racismo e a violência policial.

Nos últimos anos o movimento negro vem integrando-se, aos poucos, a alguns segmentos da sociedade política. Sansone (1998) fala principalmente da cultura, mídia, lazer, ensino e, em menor medida, à administração pública e à universidade. Nesse processo vem adquirindo mais status e ressonância e ainda unindo as prioridades desse componente da sociedade política e parte da sua terminologia. Para o autor, o negro está sendo vítima não voluntária da perda de autoridade da sociedade política e do crescente desinteresse pela política tradicional na sociedade.

²⁵ Serviço Nacional de Informações (SNI) Era o órgão responsável por coletar dados e cadastrá-los a respeito de quem o governo considerasse uma ameaça sendo que o monitoramento poderia chegar a 24 horas por dia e variava de recortes de jornais, fotos, escutas telefônicas a relatórios. Muitos foram mandados para as prisões por conta disso.

O “Palmares” era na visão dos seus dirigentes uma entidade tida como democrática, aberta a toda comunidade do município, e com a intensa exposição na mídia do clube. Muita gente apareceu para fazer parte do grupo e participar das eleições, entre eles o Movimento Negro Local, que assumiu o controle do local.

Na visão dos mais antigos integrantes, entre eles, Nazário Ernesto Dias e João Laureano, as contribuições do movimento negro que então assumiram o clube não ocorreram da maneira esperada no que se refere a igualdade racial do Brasil. As lideranças foram para as ruas reivindicar, mas em Volta Redonda, assim como em muitos outros lugares do Brasil, tentaram pela imposição, de uma forma muito agressiva.

João Laureano ⁰¹ afirma ainda que alguns extremistas do Movimento Negro inclusive não aceitavam o ponto de vista da ala moderada do Palmares e nesse período, não ocorreram muitas conquistas, pelo menos da forma como eles gostariam, pois o confronto de interesses, ideologias e de gerações acabaram fazendo com que o Palmares desenvolve-se menos do que o esperado. A causa coletiva perdeu lugar para a causa particular.

No período conhecido como a “época de ouro” do Black Power, a diretoria anterior do Palmares adotava o estilo mais aproximado do sport fino e alguns inclusive tinham como rotina a utilização de terno e gravata e isso, na visão da nova ala do Palmares, não era muito bem visto.

Jovens do Movimento Negro acusavam a primeira geração do clube de elitistas e burgueses e isso fez com que houvesse um choque de geração. O não respeito a essa característica vindo de dentro da própria entidade, fez surgir um estereótipo de como o negro deveria se vestir e isso acabou repercutindo no afastamento dos seus fundadores.

Situação semelhante aconteceu no Renascimento do Rio de Janeiro, motivados pela diferença ideológica, pois para Giacomini (2006), no início da década de 70, o Movimento surge com a proposta de integração, pelos valores culturais entre brancos atribuídos aos negros e isso foi totalmente rejeitada pelos jovens que queriam uma implantação de uma identidade negra, e não brasileira, ao contrário do desejado pelos participantes do projeto “Negro Espetáculo”. Esse projeto tinha a marca do “Negro Soul”, a promoção de bailes black em sintonia com a cultura de resistência dos negros norte-americanos, o que mudou, em muito, a linha de pensamento do grupo jovem.

João Laureano (I) comenta que esta “nova” geração ficou à frente do Clube de 1980 até 1998 e fez muitas atividades culturais, festas e principalmente muita militância por intermédio do movimento negro do PDT²⁶. As semelhanças mais uma vez se repetem, tanto no Renascença, quanto no Palmares e, na visão de Giacomini (2006), o discurso militante do negro estrangeiro é incorporado pelos jovens (também negros) da classe média carioca, que rejeitam a ideia de harmonia racial e encontram no movimento internacional a melhor alternativa de manifestação política e cultural naquele momento.

Pelos relatos (I), na década de 1980, os avanços foram pouco eficientes e significativos no que se referia realidade da sociedade. Uma das atitudes diferenciadas foi o aluguel de um espaço amplo para os eventos. A opção foi um boliche na tentativa de conseguir mais recursos para a entidade. O espaço foi utilizado por aproximadamente seis anos. João Laureano, comenta que se tornou inviável a manutenção do local, pois o alto custo de manutenção, inviabilizou a continuidade dos propósitos.

Durante esse período não ocorreram eleições. Nenhum registro oficial das atividades foi feito. Não se tem fotos de arquivo ou até mesmo atas de reunião, Foi como se o Clube não existisse. O estatuto quase não era de conhecimento dos integrantes, e quando o era, foi duramente desrespeitado, isso no entendimento de João Laureano ⁰¹ que comenta ainda que o objetivo principal do Clube foi posto de lado em função da militância política. Endividado e sem conseguir recursos para pagar as contas de água, luz, telefone, os encargos sociais dos funcionários e também os fornecedores, a diretoria então simplesmente deixa de ser atuante nos assuntos do clube e o abandonam.

4.6.4 Década de 1980. O Grupo de Dança Afro e MPB

Várias pessoas estiveram presentes nessa época no clube entre elas citamos o cantor compositor Julinho dos Palmares. Segundo ele, várias ações independentes ocorreram por parte de pessoas interessadas no coletivo como os encontros de MPB esporadicamente aos finais de semana.

Julinho diz ainda que o balé afro, comandado pela professora Nilzete dos Santos, foi oficialmente o primeiro da etnia do Estado do Rio de Janeiro, no ano de

²⁶ Partido Democrático Trabalhista, um partido novo, Fundado em 25 de maio de 1980, no Rio de Janeiro liderados por Leonel Brizola, teve o registro concedido em 10 de novembro de 1981 pela Justiça Eleitoral.

1985 e continua até hoje. Desde o início de sua formação, o grupo recebia convites para se apresentar na capital. A figura 6 demonstra uma apresentação de afoxé do grupo sob o comando da educadora Janayna que foi uma das integrantes do primeiro balé afro.



Figura 06: Apresentação de Afoxé Educadora Janayna da Silva (2011). Foto. Carlos Gomes de Oliveira.

4.7 RESTRUTURAÇÃO

De acordo com relatos de Jéferson Laureano, a partir de 1999 o Clube Palmares reiniciou a composição de seu quadro social e diretoria administrativa. O local teve um período em que pouco foi feito. A maior parte dos associados deixou de frequentar o ambiente por não se sentir motivado. Muitos ex-integrantes já não tinham um projeto para o lugar.

Sem recursos financeiros suficientes, as promoções foram diminuídas, as melhorias nas dependências não ocorreram e sem um comando, alguns remanescentes resolveram convidar o então aposentado, com 65 anos João Estanislau, para assumir novamente o Clube. O sócio nº 3, após muita insistência dos associados que tentavam ativar o clube, novamente aceitou, mas disse que gostaria de trabalhar no modelo de atuação que a entidade tinha no início, buscando a integração.

A sociedade tem uma série de forças que mantêm os grupos sociais e, para Gonçalvez (2010), as principais são: a liderança, as normas e sanções, os valores e os símbolos sociais. Na visão de Jefferson Laureano, essas qualidades poderiam ser vistas na figura de João que exerce uma liderança não forçada, e sim uma liderança pessoal pelas suas qualidades pessoais, como inteligência, poder de comunicação e atitudes positivas.

Na nova formação do Clube Palmares, João Laureano convidou algumas pessoas do movimento negro de Volta Redonda que já estavam no Clube e resolveram formar uma diretoria provisória contendo seis membros na tentativa de reestruturar o objetivo do Clube, o quadro de associados, e um novo estatuto de acordo com o novo Código Civil.

Algumas dívidas foram colocadas em dia e o Clube optou pelos locais que aceitaram fazer um parcelamento. Após uma análise da situação financeira do Palmares chega-se à conclusão de que não dava mais para continuar pagando aluguel do espaço do boliche e democraticamente, ficou acertado o cancelamento do contrato e o retorno para a sede antiga que estava lá, que possuía o nome do clube, mas o espaço físico se resumia a um pequeno quarto e mais nada. Foi nessas condições improvisadas que tentaram seguir adiante.

O grupo buscou forças, baseando-se em uma ave mítica que voa pra frente com o olhar para trás e carregando consigo um ovo em seu bico (simbolizando o futuro). Segundo a mitologia africana, significa aproximadamente voltar ao passado para resignificar o presente.

João Laureano comentou que na língua “Akan” de Gana, Sankofa é o símbolo da importância do aprendizado a partir do passado, resgatar a memória para continuar fazendo a história. Nós devemos buscar o passado, obter o que de melhor ele nos oferece, ensina, as nossas raízes de modo a alcançar nosso pleno potencial de avançar afirma Laureano. Seja o que perdeu, esquecemos o que ficou esquecido, perdido ou sido despojado, pode ser recuperado, revivido, preservado e perpetuado. É parte do conhecimento dos povos africanos, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro para que não se cometa os mesmos erros simplesmente por ego, satisfação pessoal ou a sensação de onipotência.

No ano de 1999, pequenas melhorias básicas de infraestrutura, administrativa relacionadas com a manutenção de atividades educacionais, sociais e

culturais foram conquistadas nas primeiras atuações da Diretoria do Palmares. O grupo decidiu, em Assembléia, que seria mais prudente retornar para a sede própria, e a partir daí, providenciou alguns eventos. Entre os que mais marcaram na visão de João Laureano foram a missa afro e o lançamento do livro de poesia com o Poeta Roberto Delano.

Umas das novas estratégias adotadas foram às programações voltadas para fazer pensar, por intermédio de palestras e relatos de experiências dos associados e nos finais de semana aconteciam os encontros de Samba e pagode do Palmares que ajudavam a melhorar as condições financeiras do clube.

Com eventos praticamente todos os finais de semana, foi possível realizar algumas melhorias no local, com um novo bar, um telhado novo e uma sala de aula onde foram realizados os primeiros cursos sobre a história da África.

Com uma estrutura melhor, as solicitações de agendamento do local para realizações de festas eram constantes entre elas, aniversários, eventos de igrejas e casamentos afro. Pelas visitas realizadas, percebe-se que o Palmares tem o reconhecimento da sociedade de Volta Redonda pelo trabalho e esforço de sua diretoria, que realiza atividades e encontros voltados para aqueles que verdadeiramente se interessam pela educação, integração e capacitação do ser humano, com especial atenção à comunidade negra e carente.

Eventualmente o espaço é cedido para realização de festividades de entidades locais como as da Igreja Santa Rita de Cássia, que acontecem todo mês de maio, como a festa de aniversário da Santa. Igualmente dá-se a concessão do espaço para o Centro Espírita Riqueza do Saber. A figura 7 a seguir, nos mostra o bar do clube Palmares após a reforma em 2002.



Figura 07: A diretoria do Palmares, em 2002, e o novo Bar: Da esquerda para direita - Lúcio de Andrade. Primeiro Presidente do Palmares, Adilson Carlos, Pedro Paulo e Benedito Francisco. Foto: Jeferson Virotte Laureano (2002).

De 1999 a 2004, a diretoria presidida por João Laureano, conseguiu melhorar a situação geral do clube e acreditou que deveria deixar a direção do espaço para os mais jovens e continuaria a contribuir de outras formas na entidade.

Para a diretoria do Palmares, a ideia era fazer com que os sócios do clube tivessem mais condições de lazer e cultura em Volta Redonda. Após a fase de reestruturação das finanças e estruturas, o próximo passo foi a reestruturação interna do clube baseada em documentação como estatuto, fortalecimento da diretoria, conselhos e fazer com que tudo estivesse legalizado e registrado em cartório com as devidas certidões exigidas pelo poder público, municipal, estadual, federal para que o Clube pudesse trabalhar com projetos junto aos governos Federal e estadual.

De acordo com o DIEESE (2002) as estatísticas demonstram que, além de preteridos no momento de ocupar postos de trabalho de melhor qualidade, status e realização profissional, os negros também enfrentam piores condições, com menor estabilidade, jornadas de trabalho mais extensas e, consequentemente, maiores riscos de acidentes.

Filho (2009) afirma que a população negra brasileira da atualidade não tem esta participação reconhecida no cenário socioeconômico nacional. Entre a maioria dos desempregados e subempregados, dos pauperizados, dos moradores dos bairros proletários periféricos das grandes cidades, das casas de abrigo e de correção, dos analfabetos encontram-se os brasileiros de pele negra ou parda.

João Laureano (I) acredita que o negro ainda está na base da pirâmide e poucos se encontram no meio dela e no topo; são raros os negros, talvez por falta de oportunidades e por preconceito, seja ele racial, cultural, ou por necessidades especiais. Pode-se atenuar, amenizar, mas sem esquecer que existem racistas e ignorantes, tanto entre os brancos, quanto entre os negros.

Um comentário da parte de João Laureano (I) serve para reflexão sobre o quadro do racismo, preconceito e discriminação no País. Ele diz:

“[...]O branco é muito mais racista que o negro. Existem alguns negros que eu diria que nem são racistas, revidam o racismo e nós nunca vamos poder ser chamados de racistas porque nunca escravizamos ninguém. O negro não pode ser considerado racista”.

O que é revidar o racismo? Baseado em que atitudes justificam revidar, ou melhor, defender a um ataque dessa natureza? Cada ação corresponde a uma reação igual, no sentido contrário, mas será que isso não faria com que o ato ou

atitude aumentem ainda mais, afinal grande parte das conquistas do Clube foram por estratégias bem pensadas. Agindo com o revide, poderemos fazer surgir o lado da fúria.

Pensando em melhorar as condições para ocupação de postos com uma melhor qualificação, em 2002, o Clube Palmares realizou diversos cursos de capacitação profissional com apoio do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, e trata-se de um fundo especial, de natureza contábil-financeira, vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, destinado ao custeio do Programa do Seguro-Desemprego, do Abono Salarial e ao financiamento de Programas de Desenvolvimento Econômico. Com essa parceria, foi possível desenvolver cursos na área de eletricidade predial e residencial.

Pela tomada de consciência das diferenças marcadas durante toda a trajetória do negro no Brasil, será possível apagar os falsos estereótipos que ainda vivem fortemente no imaginário dos “não negros” em função da religião, dança e outras particularidades históricas, para que seja perpetuada a cultura, tradições e que assuma o espaço que lhe é de direito, na sociedade, com postos de trabalhos com maiores expressões e salários.

O fortalecimento da construção identitária dos afrobrasileiros passa na concepção de Lima (2007) pelo trabalho de reconstrução do seu lugar social, marcado por múltiplas rupturas e traumatismos na trajetória de sua própria história. Os “grupos de pertença”, portanto, definem o perfil de seus integrantes, estabelecendo padrões próprios de ideal e autoestima.

A grande importância que os dirigentes do Palmares dedicam para a mão-de-obra qualificada sempre ficou evidente e, sem dúvida, é uma grande capacitadora para que as portas do mercado de trabalho estejam abertas. Mão-de-obra qualificada aparece hoje como uma raridade e com oferta limitada. Talvez por isso que muito se falou e muito ainda se fala sobre melhoria do nível intelectual do negro para que possa concorrer em igualdade de condições. E isso só ocorrerá quando houver uma predisposição para a educação e educação só acontece quando ocorre uma substancial mudança de comportamento.

Com relação à educação o DIEESE, (2002, p. 131) afirma que:

Sem encontrar meios para elevar a escolaridade de jovens negros (preferivelmente fazendo-os adiar o seu re-ingresso no mundo do trabalho) eles continuarão a ingressar cedo demais no mercado de trabalho, com baixa escolaridade e mais baixa remuneração, enquanto que os contingentes racialmente dominantes continuarão a ingressar mais tarde nesse mercado, com maior Escolaridade, supostamente

melhor preparados para ocupar postos melhor remunerados e de maior prestígio.

Buscando na melhoria dessa escolaridade, em 2003 o clube realizou um curso pré-vestibular para negros e carentes se espelhando nos movimentos PVNC²⁷, que é um Movimento popular, laico e apartidário, que atua no campo da educação com ensino preparatório para os vestibulares das Universidades Públicas e na produção de questionamentos, ações e formulações para a democratização do direito à educação formal.

Chauí (1987) afirma que o sistema educacional brasileiro, historicamente, tem sido importante base de referência na produção e reprodução social e cultural dessa sociedade, precisamente no que a caracteriza como uma sociedade autoritária, naquilo que ela tem de desigual, opressivamente hierarquizada, preconceituosa e discriminatória. Isso, no que se refere aos aspectos socioeconômicos, as dimensões étnico raciais, de gênero, de orientação afetivo-sexual, entre outras.

Com relação à promoção de pesquisas com vistas à formulação de políticas públicas na área da Educação de jovens que tenham como meta a promoção da igualdade e a valorização da diversidade, Braga et al (2006), comentam que é preciso que os reflexos e análises se produzam a partir de patamares suficientemente críticos e que, portanto, contrariem todas aquelas representações técnicas tradicionais que insistem em ressaltar ou limitar-se a um suposto papel redentor da escola.

Pelo que se percebe, baseado em autores como Braga et al (2006), entende-se que o Governo deveria se preocupar com políticas públicas que viesse capacitar as escolas a realmente oferecerem uma educação de qualidade para as crianças, assim quando elas forem adultas terão melhores possibilidades de desenvolver toda as suas habilidades e com isso auxiliar na obtenção e manutenção dos seus empregos.

No ano de 2004 o evento que mais marcou o Clube foi um curso abordando a história da África e do afrobrasileiro, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e suas contribuições nas áreas social, econômica e política. Os temas abordados falavam sobre a forma como a cultura africana chegou ao Brasil, escravizada, e

²⁷ Pré-vestibular destinado aos estudantes negros que surgiu entre 1989 e 1992, pela Pastoral do Negro, em São Paulo. Em 1993 foi implantado na Baixada Fluminense o Pré-Vestibular para Negros e Carentes.

também sobre como a diversidade cultural da África contribuiu para a formação de um país multicultural.

A diretoria ficou com receio de realizar esse evento por acreditar que não viessem muitos sócios, afinal sempre que se fala do negro da escola, é aquela história de sofrimento, separação, morte e negação dos direitos. Mesmo assim, foram convidados todos os associados do Palmares num total de 230 e compareceram 120 convidados.

Na escola aprendemos de forma sintetizada a importância do negro para o contexto cultural do País pela diversidade existente. Nesse evento, os negros estavam sendo realmente informados em detalhes que muitos livros não contavam, de forma apreciada. O que se ouvia, era algo que ressaltava o conhecimento que o negro tem e as técnicas que ele dominava, como a manipulação do aço.

Alguns ritmos foram influenciados pelo swing, pela batida e melodia da música negra e, com isso, Castilho (2007) afirma que no campo dos diversos ritmos musicais de influência negra como samba, pagode, axé, *hip-hop*, entre outros, cabe lembrar que muitos desses segmentos foram marginalizados. O samba, por exemplo, a princípio, foi desprezado e atualmente é uma grande representação de nossa cultura, assim como deve ser lembrado o canto *gospel*, que é em grande parte influenciado por negros, principalmente os norte-americanos e deve ser divulgado para os alunos para que percebam as variantes dos costumes que integram a cultura dos afrodescendentes, mostrando todo seu grande legado cultural.

Castilho (2007), diz que as culturas negras da capoeira e candomblé também foram marginalizadas e colocadas na ilegalidade. Nestas manifestações, o que precisa ser cobrado e o que se espera é que as pessoas respeitem, porque muitas vezes estão impregnadas de preconceitos e discriminações, por falta de informações. É essencial admitir que existam várias formas de comunicar-se com os deuses e de praticar ritos para manifestar-se junto à espiritualidade. Essas tradições podem parecer estranhas, mas a mesma reação de estranhamento junto a outros povos ou comunidades, com valores diferenciados.

Pereira (2008), diz que o reconhecimento da importância da cultura negra no dia a dia nacional e de suas dinâmicas positivas como modelo civilizatório, deixam gradativamente de ser caricaturadas. Sua essência musical, sua capacidade de transformar condições adversas em fatores de desenvolvimento humano e alegria,

sua estética rica em diversidade, sua religiosidade inclusiva passam a operar no conjunto da Nação como elementos positivos da diversidade.

Quanto à história da África, Santos (1990, p. 19) afirma que:

Os brasileiros não estão acostumados a olhar o mapa da África. Se o Professor começar a exibi-lo mostrando os países, os grandes rios, as regiões naturais e as riquezas do sub-solo, descrevendo o clima, passando em seguida à população, cairão imediatamente alguns clichês. O clima abrasador, o continente inóspito, a selva impenetrável, os gorilas imensos, a infernal mosca tse-tsé, os rios entupidos de jacarés e as aldeias dos homens broncos que se comunicavam por tambores, está enfiada de estereótipos dos filmes de Tarzan dará lugar a uma visão correta da África.

É uma prática muito comum nas aulas os alunos imaginarem a África como um bloco, não é comum o entendimento da diversidade que é esse continente, é formado por vários países. Esse continente é dividido em 64 grupos étnicos e mais de 126 línguas formando uma enorme diversidade que começou a ser desvendada após a Copa do Mundo na África do Sul em 2010.

A imagem caricatural do africano na sociedade brasileira, para Lima (2007) é a do negro acorrentado aos grilhões do passado, imagem construída pela insistência e persistência das representações da África como a terra de origem dos negros escravizados, de um continente sem história e repleta de animais selvagens. A África é tida sempre como o diferente com relação aos outros continentes.

Há um bloqueio sistemático em pensar o negro sem o vínculo da escravidão. O imaginário social brasileiro tem dificuldades no processo do exercício da cidadania na formulação do modelo de origem dos afrodescendentes.

Ainda em 2004, dentro do espaço do Palmares, foi abordada a situação atual dos quilombos e a história do Zumbi dos Palmares, abolição da escravatura (Lei Áurea) religião Africana, tráfico de Escravos, Lei do Ventre Livre, dos Sexagenários e também um mapa da África fazendo explanação da situação dos negros no Brasil. A diretoria percebeu a real necessidade de explicar o olhar do negro, o significado desses episódios para a cultura afrodescendente, sem os estereótipos dos não negros que se prendem somente a questões de sofrimento causados pela escravidão.

No ano de 2005, a pedido da Comunidade Negra, o Clube Palmares realizou um Curso Preparatório para auxiliar o ingresso do negro na Polícia Militar. A ideia era oferecer condições satisfatórias para o candidato obter condições de realizar satisfatoriamente as avaliações teóricas que, nesse caso, tinha o objetivo de avaliar o grau de conhecimento do candidato, com questões de ciências humanas (história,

filosofia, sociologia e geografia) linguagem (português e inglês ou espanhol) e matemática.

Também foi aplicada uma prova dissertativa para detectar o nível de desenvolvimento intelectual e profissional, visando à obtenção de melhor classificação na relação final dos concludentes. Normalmente nos concursos para a Polícia Militar em Volta Redonda, o número de candidatos negros é muito grande e o índice de aprovação sempre foi menor do que o dos brancos.

Nos anos de 2005 e 2006, mais uma parceria com a Ação Comunitária do Brasil o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE) foi executada para desenvolver o projeto de Capacitação do Primeiro Emprego²⁸. Sempre houve a preocupação em ouvir o que os palmarinos gostavam e sentiam. Com isso, as possibilidades de erros sempre foram muito menores.

Ao se fazer uma comparação da visão da diretoria com o que diz Pimentel (2003) constata-se que existem muitos pontos em comum.

Planejamento	Palmares	Pimentel
Visão de mundo	Garantir por ações positivas, que o negro possa ser inserido na comunidade voltaredondense.	Autoconhecimento sobre qual visão de mundo e de sociedade guia nossas vidas (Para quê vivo?; Que modelo de sociedade desejo?; Quais os meus valores?. Quem sabe para onde quer ir?
Princípios	Os membros do Clube devem sempre manter uma conduta de respeito e liderança para que este exemplo seja transferido para os mais novos.	Princípios básicos a serem seguidos (O que farei com a recreação? Para quê ela serve?). A seguir vêm as estratégias (Como farei para atingir meus objetivos?).
Estratégias ao montar a programação	1) Promoção de atividades que possam garantir a integração do negro na comunidade, sempre por intermédio do aspecto educacional, com cursos preparatórios e palestras. 2) Garantir entretenimento para a comunidade para proporcionar descontração e alegria dentro do próprio espaço.	1) Conhecer o público; alvo, o local e o tipo de atividade; 2) Ter à disposição atividades; alternativas ("plano B"); 3) Planejar, de fato, a atividade nos seus pormenores; 4) Sintonizar a equipe com a proposta do evento.
Atividades	Destinado para ocupar todo o evento com sobra. A opção do clube sempre foi mais para sobrar do que faltar opções no caso de ocorrer um imprevisto.	Quais atividades serão utilizadas, de que forma e em qual momento.

Quadro 01: Comparação das etapas de planejamento. Adaptado de Pimentel (2003).

²⁸ Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego é uma iniciativa do Governo Federal para tentar diminuir esse problema social e auxiliar na inserção no mercado de trabalho de jovens afrodescendentes.

De acordo com Pimentel (2003) para realizar desde uma simples sessão de dinâmica de grupo até organizar uma colônia de férias, o ato de planejamento define o sucesso de sua ação. Planejar é prever os métodos e técnicas para alcance dos objetivos. Muitos profissionais acham que basta saber administrar o evento e ter animação constante para se obter sucesso, mas a formação do profissional do lazer deve atender todos os estágios.

A maneira como os palmarinos organizam os seus eventos, com os dados de Pimentel contidos no quadro 1, podemos dizer que nesse evento os Palmarinos foram capazes de identificar a realidade e buscaram os conhecer as necessidades (axiológico), traçaram os objetivos (teleológico) e obtiveram os meios necessários para se alcançar os objetivos (instrumental). Seriam os juízos de realidade, valor e ação e para que os valores escolhidos fossem postos em ação foi necessário o pensamento instrumental, com isso eles cuidaram de todos os procedimentos mais eficazes e operacionais para concretizar os objetivos.

Ao se falar de jovens, alvo por excelência das políticas educacionais, é preciso antes reter que a juventude, longe de qualquer abordagem essencialista, constitui-se como construção social, com enormes variações socioculturais, e não pode ser meramente vista ou tratada como um único grupo social, homogêneo e universal. (BRAGA et al, 2006, p. 26).

No ano de 2006 havia a preocupação com a capacitação dos jovens para o mercado de trabalho. Por meio de consultas realizadas nos restaurantes da cidade de Volta Redonda, ficou evidenciado para a diretoria do Palmares faltavam pessoas especializadas no ramo da culinária e proporcionaram atendimentos para 20 jovens nas oficinas de culinária com ênfase na comida africana que além da qualificação profissional, também a divulgava a cultura negra, e rápidos.

O Clube começou também a se preocupar em inserir os jovens do mundo digital com cursos de iniciação à informática, pois na visão da diretoria, um jovem bem preparado para o novo perfil do mercado. Tem mais chances de ocupar melhores cargos e ter melhores salários. Com isso, uma sala foi montada para que os jovens pudessem ter a oportunidade de aperfeiçoamento dentro do próprio espaço Palmares.

De acordo com relatos de João Laureano, fica a impressão de que os eventos realizados nas dependências do Palmares visam ao estreitamento dos laços

comunitários em geral, mas também arrecadar recursos para a manutenção e também melhorias na sede.

5. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NAS E PELAS FESTAS

Pires e Calciolari Jr (2006) afirmam que a festa, independentemente da natureza, caracteriza-se por ser uma presença marcante nas sociedades humanas. Ela é o lugar que torna possível aos homens construírem relações que remetem seu imaginário ao campo das lembranças, tradições, e porque não, da projeção de seu próprio futuro, (sonhos?). Onde é permitida a convivência harmoniosa dos aspectos coletivos (público) e individuais (privado).

Os festejos no Palmares sempre geram muitas expectativas nos associados e na comunidade, que participam das mais diferentes manifestações de lazer, oriundas de atividades manuais, artísticas, culturais físicos e outras. Sempre se espera muito, e os organizadores têm que se superar a cada evento, promoção, e na forma de manter o clima de suspense nos eventos realizados.

Para que os membros do clube mantenham-se motivados, as escolhas das atividades serão oferecidas; devem conter mais prazer ou satisfação com eventos realizados em datas especiais que gerem expectativa, pois isso dá grandes possibilidades de que os objetivos sejam alcançados e as pessoas e as expectativas sejam atendidas.

Na fase mais recente, muitos eventos foram realizados voltados para a promoção cultural, musical e recreativa dos seus associados, eventos como apresentação de coral, recital de poesia e manifestações religiosas. Entre esses novos eventos citamos a comemoração dos 43 anos do Palmares aconteceu na sede do Clube no dia 09 de fevereiro de 2008 onde se reuniram cantores, estudantes, artistas e amigos para prestigiar o evento e as festividades tiveram início na noite de sábado com aspectos culturais como a apresentação de uma palestra intitulada: A aplicação da Lei 10.639 sobre o ensino da História da África nas grades escolares. Com isso os membros do Clube entenderiam como deveria acontecer na prática essas mudanças.

Já no domingo o clube serviu um almoço com a apresentação de Capoeira, músicos locais e o encerramento se deu com a apresentação do grupo de Jongo de Pinheiral.

João Laureano (I) comentou que no período entre 2009/2010, a diretoria do Clube Palmares buscou recuperação no sentido financeiro e também no resgate da credibilidade do nome do clube. Isso foi possível, após a eleição que empossou o conselho fiscal composto por Valmir Rabelo, Maria Conceição, Marcos Marcelino,

Érica Laureano, Eliseo Costa Neto e uma diretoria composta por: Presidente João Estanislau Laureano, Vice-Presidente Jefferson Virote Laureano, 1º. Secretário Benedito dos Santos, 1º. Tesoureiro William Assis Fonciano, 2º. Tesoureiro Gilson Balbino Thomé, Diretor Cultural José Geraldo da Costa, Diretor Patrimônio Eupídeo Correia da Silva.

No dia 1º de fevereiro de 2009, o Clube Palmares comemorou o seu 44º. aniversário com apresentações realizadas em suas dependências, sendo na rua Roma, nº. 1, do Jardim Europa. A programação do aniversário contou com a exposição de fotos e lançamento do protótipo do livro "Descrição do Painel Clécio Penedo/Memorial Zumbi - VR" (Mestre Pedrão), uma missa afro com Agentes da Pastoral Negra de Barra Mansa, almoço com Música ao vivo com Jorge Íris, apresentação do Grupo de Capoeira, dança Afro - Grupo Ylaju, Jongo²⁹ - Apresentação da União Jongueira de Pinheiral e samba - Grupo Realce.

Sempre que se aproximavam as datas especiais, João Laureano (I) diz que o clube se prepara para uma programação variada. Existe a necessidade de se realizar atividades culturais que também tragam recursos para a manutenção da entidade. E essas datas festivas marcantes contribuem em muito para isso.

Realizar eventos que atendam às necessidades da comunidade, não é tarefa fácil e as atividades devem envolver o caráter lúdico, ligadas ao prazer. Porém o que é lúdico para uma pessoa, necessariamente não é para outra.

Determinar quais práticas são consideradas virtuosas para serem vivenciadas e quem são os beneficiários do tempo livre, para Pimentel (2010) é resultado de uma disputa generalizada, não por causa de gostos individuais, mas motivada por interesses antagônicos de diferentes grupos sociais.

Os eventos exigem uma enorme atenção e para montarmos a programação, devemos estar atentos quanto à programação que deve ser muito variada, na tentativa de conseguir atender o maior número possível de pessoas de forma satisfatória e nunca tentar agradar 100% do público. Isso é algo impossível de ser alcançado e a tendência é aumentar ainda mais o nível de descontentamento.

No aniversário de 45 anos do Clube, a diretoria elaborou uma extensa programação com objetivo de atender bem ao maior número possível de associados

²⁹ **Jongo** é uma manifestação cultural de africanos essencialmente rurais, diretamente associada à cultura africana no Brasil e que influiu poderosamente na formação do samba carioca, em especial, e da cultura popular brasileira como um todo. Segundo os jongueiros, o jongo é o "avô" do samba. – Fonte: Wikipedia.

e realizaram uma exposição de orincuaba que são materiais e instrumentos que fazem parte da história da cultura afro-brasileira, entre eles, livros, bolsas, copos, e outros objetos antigos confeccionados por escravos.

Durante toda a programação, caricaturistas faziam desenhos das pessoas que estavam presentes e estes eram expostos para o público. O ponto marcante do evento, ao som de atabaques e cânticos afros, o padre Wanderlei Souza do Rio de Janeiro e agentes da pastoral negras de Barra Mansa celebraram ao som de atabaques e cânticos afros a missa afro³⁰ que levou a fé da forma afro-brasileira, conforme figura 8 abaixo que demonstra em partes o ritual da missa afro.



Figura 08: Missa Afro no Palmares em 31.01.2010. Fonte. Jefferson Laureano.

³⁰ Rodrigues (2010) afirma que a missa afro é normalmente celebrada sempre no primeiro domingo de cada mês. É um dos trabalhos da Pastoral Afro, que surgiu em 1988 por ocasião dos 100 anos da Lei Áurea, quando a Campanha da Fraternidade teve o tema Fraternidade e o Negro, e cujo lema era Ouvi o clamor desse povo.

Fernandes (2005) comenta que a origem da Missa afro se deu por Carlos Alberto Pinto Fonseca regente do Coral da UFMG, por mais de 40 anos. Nascido em Belo Horizonte no ano de 1933, o compositor iniciou seus estudos de música nesta mesma cidade. Mudou para a Bahia em 1956 e em 1960 mudou-se para a Europa. Sua obra mais importante é a Missa Afro-Brasileira (de Batuque e Acalanto) composta em 1971 para solistas e coro misto a cappella. Premiada em 1976 pela Associação Paulista de Críticos da Arte, como “Melhor obra vocal do ano”.

Fernandes (2005) diz que Carlos Alberto Pinto da Fonseca teve a decisão de compor a missa em 1970, como forma de utilizar elementos da cultura afro-brasileira em uma obra sacra, com texto da liturgia católica romana. Esta decisão foi um reflexo dos comentários do Papa João XXIII que, na ocasião do Concílio Vaticano II, havia sugerido que os compositores de todo o mundo utilizassem elementos populares e folclóricos de seus países na composição de música sacra.

Frei Tatá, citado por Rodrigues (2010), acredita que esse trabalho faz com que o negro sinta-se negro dentro da Igreja, algo que não acontecia antes. “Por razões históricas e culturais”, os negros estavam na Igreja, mas não tinham espaço tinhham que ficar em pé e não podiam ser padres. Acreditava-se até que eles não tinhham alma. A missa tem adaptações de rituais romanos, com a utilização da simbologia africana e a inserção de danças e instrumentos de percussão como atabaques, agogôs e roupas coloridas.

Esse evento contou com a presença da atriz negra Zezé Mota, na época, Superintendente Estadual da Promoção da Igualdade Racial, do Estado do Rio de Janeiro, que falou sobre o papel da Mulher na sociedade, sua importância e abordou também sobre as principais dificuldades da mulher negra.

João Laureano discursou para as autoridades presentes, como a Deputada Cida Diogo³¹, a Deputada Inês Padeló³². Para a ocasião foi preparado um cardápio típico, característico com pratos afro, sendo o prato principal uma feijoada.

Nesse dia aconteceram outras palestras, como a de Jorge da Silva (famoso entre os cineastas como Zózimo Bulbul³³) produtor cinematográfico afro-brasileiro e um dos primeiros modelos negros brasileiros nos anos 1960 que proferiu palestras sobre cinema. Afinal, pouco se fala do negro no cinema, de papéis, a projeção da raça por essa forma de cultura e o palestrante deu enfoque exatamente nesse ponto.

O evento seguiu a normas de organização, com o cronograma sendo respeitado no que se refere à programação e às 16 horas foi a vez da dança dos orixás do Grupo Ylaju, de Volta Redonda. Na sequência houve uma apresentação da dança do jongo da União Jongueira de Pinheiral, uma dança de origem angolana, que significa também, divertimento. Esta seria um tipo de Samba mais antigo de onde se originou o samba atual. Fechando a programação da festa, aconteceu o samba de raiz do Grupo Total Flex.

³¹ Maria Aparecida Diogo Braga é nascida em Volta Redonda, dia 20 de janeiro de 1958. Filiada ao partido dos trabalhadores e eleita em 2006, deputada federal, com 70.540 votos.

³² Prefeita de Barra Mansa em 1996, Eleita deputada estadual em 2002, 2006, mantém um terceiro mandato de deputada.

³³ Zózimo Bulbul. Ícones dos anos 60 por suas interpretações na TV e no cinema. Na TV, foi o primeiro protagonista negro de uma novela brasileira, em "Vidas em Conflito". Além disso, foi também o primeiro manequim negro masculino de uma grife de alta costura. Fonte: <http://ondeanda.multiply.com/photos/album/1187>

5.1 COMEMORAÇÕES DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

O Dia internacional da Mulher foi comemorado no Palmares no dia 07/03/2010. O grupo organizou às 13 horas uma palestra com o Padre Vanderlei, denominada “conversa com as mulheres”, na intenção de melhorar a estima, busca da motivação. Seguindo o modelo de aplicação de atividades sistematizadas do lazer proposto por Pimentel (2003), percebemos que aconteceram atividades que atenderam as necessidades da população alvo, como: exposição de Artesãs da região, no caso do lazer são considerados trabalhos manuais, aferição de pressão arterial, exposição de livros tema mulheres (Livraria Veredas) que são atividades culturais, Shiatsu e Massoterapia (Clínica Dr. Elenice) e a exposição do Cartunista Pablo.

João Laureano (I) afirmou que eles procuraram fazer com que o evento fosse menos rigoroso na questão da sequência das atividades. Se percebessem que o público estava gostando, procuravam uma maneira de estendê-la um pouco mais, como foi o caso da dinâmica de grupo realizada para as Mulheres, finalizada com a apresentação de dança Afro da Coordenadora Nilzete do Grupo Nizinga.

De acordo com relatos da diretoria, foi solicitada à parapsicóloga Terezinha Mendes, uma palestra para as mulheres participarem ativamente com perguntas, sempre que achassem necessário. O tema foi: A autoestima da mulher no século XXI, palestra essa que se justificou pelo fato de analisarmos que a população feminina brasileira vem frequentando a escola por mais tempo do que a masculina, sobretudo no ensino fundamental e médio, e a sua parcela branca apresenta ingresso expressivo no nível superior. Porém, de acordo com o DIEESE (2002) esse ganho na instrução não tem correspondido a melhores oportunidades de inserção ou de melhores rendimentos no mercado de trabalho.

Para que as palmarinas presentes sentissem que era um evento onde a participação delas era marcante, foi preparado um espaço para os relatos de Mulheres que contribuiu para que as exposições das experiências ajudassem na realidade uma das outras. O evento foi finalizado com uma roda de samba que contou com a participação de Vilma Oak Marins³⁴, apresentando Maysa e Julinho do Palmares³⁵ que apresentou as suas composições em Homenagens as Mulheres.

³⁴ Cantora de MPB criadora do projeto adivinhe quem vem para cantar na cidade de Volta Redonda.

³⁵ Cantor de MPB conhecido pelo trabalho educacional com as crianças e membro do Clube Palmares.

Uma das composições de Julhinho dos Palmares foi de conscientização das mulheres e, na entrevista (VII), ele busca justificar essa música:

[...] “Eu queria falar pra, paras pessoas de um modo geral, quero dizer, essa coisa de, de conscientização cara, isso é muito complexo se, se achar que pode conscientizar as pessoas assim, eu estou falando eu estou te conscientizando, não é bem... Se você quiser conscientizar alguém você tem que fazer primeiro fazer com que a pessoa reflita, né, senão fica uma coisa meio impositiva. Eu vou te conscientizar! Você está entendendo? Então quer dizer, eu queria chamar a atenção da mulher, para, pelo menos durante a gravidez para num, num, usar droga, principalmente as drogas do cigarro, num beber, pelo menos durante a gravidez porque o feto não tem para onde correr cara ele não tem defesa”.

Com a ideia da conscientização, a Música Virgem Maria³⁶ Grávida exerce um papel fundamental nas palestras musicadas do cantor.

Freysinger e Harris (2006) afirmam que o lazer também tem sido visto como um contexto de oportunidades racial, étnica, em pelo menos, quatro razões: (1) a ideologia do lazer como benéfico e desejo para o campo profissional para justificar a sua importância e direito ao financiamento público, (2) provas de que recreação e lazer podem manter os benefícios para os indivíduos e comunidades, (3) aumento

³⁶ **MÚSICA.** *Virgem Maria grávida.*

*Feliz foi quem pode ver, a Virgem Maria grávida,
Passeando soridente, tão pura como uma flor,
Colhendo lírios vermelhos, pelos jardins do Senhor.*

*Salve Mariaaaa, criatura do Deus criador,
Mãe do Messias e ele nos enviou.*

*Feliz foi quem pode ver, a Mulher Maria mãe,
Amamentando o neném Cristo, numa tarde de calor,
Ah como eu queria ter visto, esse gesto de amor.*

*Salve Mariaaaa, criatura do Deus criador,
Mãe do Messias e ele nos enviou.*

*E o menino era muito amado, era bem levado, lindo inteligente,
A grávida Maria linda ensinou para gente que a gravidez tem que ser respeitada plenamente,
Qualquer droga consumida numa gravidez, o feto é quem sente,
O álcool e o fumo é um desafeto que afeta o feto indefeso e inocente.*

*Salve Mariaaaa, criatura do Deus criador,
Mãe do Messias e ele nos enviou.*

*Danda, dada, Jesus Neném, canestava José em Belém,
Danda, mamãe, Maria já vem para amamentar o Jesus neném.*

*Seja em berço de ouro ou de palha, aqui ou em Jerusalém,
Todo bebê pela pureza que tem, também é um Jesus neném.*

da compreensão da estrutura e da dinâmica das relações de poder e (4) as pesquisas começaram a dar voz aos previamente silenciados.

De acordo com o abordado até o presente momento, percebe-se que as ações se desenvolveram de forma precária no início, porém com mais conhecimento e preparação detalhada nos tempos atuais.

Coutinho e Moreira (1992) ressaltam que o conhecimento da motivação é a chave do controle do comportamento humano. É de fundamental relevância a consideração da intensidade dos mais diferenciados motivos, para seu eficiente controle. É, portanto, um assunto complexo, por envolver o comportamento humano em si e suas formas de mensuração.

5.2 MOTIVAR AS CRIANÇAS, JOVENS E OS ADULTOS PARA O PALMARES DO PRESENTE

Na década de 1960 os pioneiros do Clube Palmares, buscaram esse espaço, motivados pela falta de opção e também por querer se afirmar na sociedade tendo inclusive um espaço próprio. De acordo com Maria da Glória, a sócia nº 4 do clube, se os negros de Volta Redonda tivessem sido aceitos em outros, não haveria o Palmares. Para ela, essa discriminação foi o fator motivador dos jovens daquela época.

Mas, e agora? O que levaria os atuais jovens a se motivarem a dar continuidade a esse projeto?

Bruhns (1997) afirma que devemos lembrar que crianças, jovens e adultos vivem na cultura a sua cultura, de forma peculiar. Isso exemplifica o fato da existência de uma cultura brasileira cuja participação pelas diversas categorias e classes de sujeitos é realizada diferenciadamente, bem como de formas próprias de participação na cultura de grupos, no interior de classes sociais.

Araújo (2011), citando a Associação Migrante de Barcelos³⁷, diz que embora a juventude trabalhe com gosto nos grupos folclóricos, ela não está disposta a trabalhar voluntariamente e sacrificar a sua vida pessoal e a sua família.

Os Jovens vivem em um momento de transição, de descoberta e de relacionamentos e precisam sentir emoção no que fazem. Eles devem perceber o real papel que um clube, como o Palmares, pode desempenhar, pois não é fácil competir com opções de lazer como shopping, cinemas e outras atividades que são

³⁷ Clube tradicional português sediado no Canadá.

mais atrativas para os jovens. Mas a busca por eventos mais adequados para essa faixa etária pode contribuir para que aumentem as opções de atividades voltadas para esse público, na tentativa de atraí-los, fazendo com que se motivem a frequentar ainda mais o clube.

5.2.1 Cronograma das Atividades de ASC

Durante o processo, houve a participação ativa do pesquisador nas atividades que envolvem a animação sociocultural no Palmares, sendo que cada uma possuía um objetivo específico. Desde a primeira visita realizada no dia 23 de março de 2010 foi possível conhecer o Palmares e ter a familiarização com a realidade do Clube, além de conhecer um dos seus fundadores: o Sr João Estanislau Laureano.

No dia 07 de maio de 2011 foi realizada uma visita técnica, a segunda, para que fossem apresentados aos membros do Clube Palmares, aproveitando a comemoração do aniversário de seu presidente.

No dia 08 de maio foi possível uma sondagem informal que resultou em aproximação com algumas lideranças do Clube. Uma das atividades que envolveram a ASC foi a religiosa, denominada missa afro. Foi um culto realizado pelo Padre Vanderlei para que fossem mantidas vivas na memória dos integrantes as tradições negras para a sequência das atividades. Aos poucos foi acontecendo uma maior aproximação com os membros, um exemplo disso, a participação da roda de samba e cantoria.

O levantamento da memória do clube na infância ocorreu por meio de uma volta a infância com brincadeiras como pula pula, roda e atividades em que os integrantes do Palmares buscavam relembrar momentos da infância e o quanto o clube fez parte dessa época da vida. A figura 9 mostra alguns exemplos de dinâmicas que, foram aplicadas para os palmarinos. Foi solicitado antecipadamente aos palmarinos que se preparassem com histórias e objetos que lembrasse fatos ocorridos.

Foi aproveitada a situação lúdica e de descontração para realizar sondagens sobre os jovens e a estratégia utilizada foi uma discussão informal com a diretoria a respeito da situação atual dos jovens do clube.

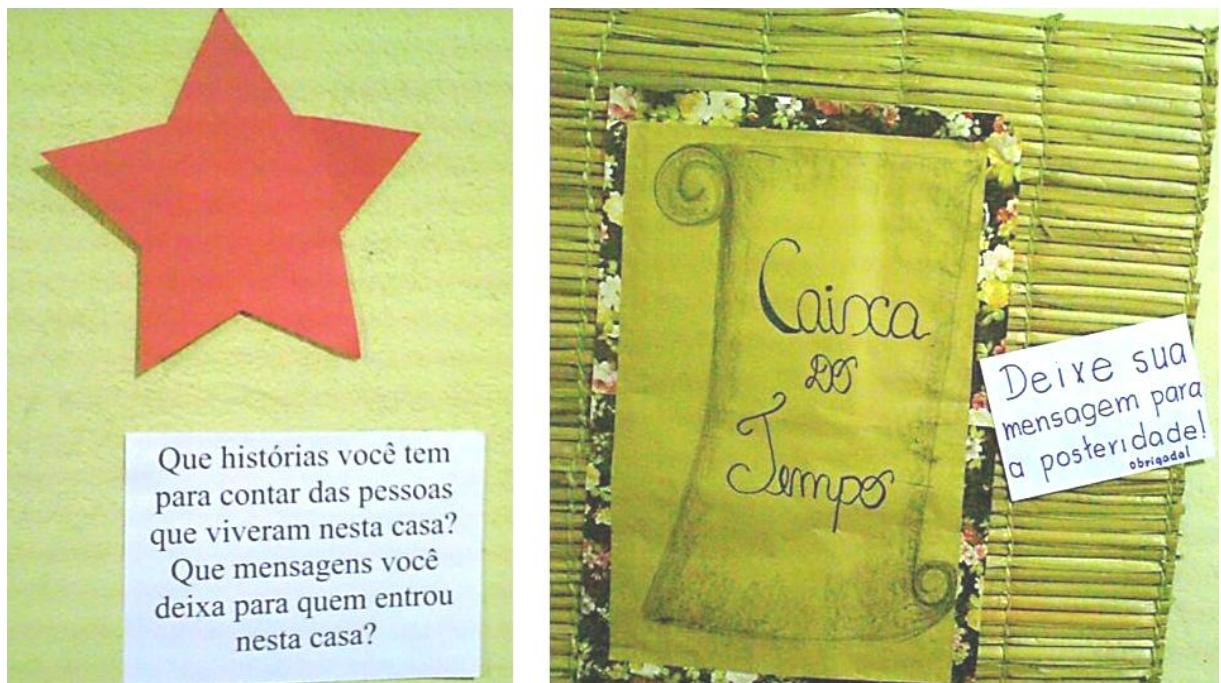


Figura 09: Dinâmicas da infância. Foto. Carlos Gomes de Oliveira.

O que mais chamou a atenção no dia 9 de maio foi a maneira como os palmarinos se empenharam durante as atividades, quando da realização de uma dinâmica de percepção corporal e ritmo por meio da Vivência de Jongo. Os integrantes foram aparecendo, dançando, se entregando ao ritmo dos atabaques, agogôs, independente da idade.



Figura 10 : Dançando o Jongo. Destaque de camisa branca o Padre Vanderlei e no canto direito com o atabaque, Jeferson Virotte Laureano- Vice Presidente do Palmares. Foto. Carlos Gomes de Oliveira. (2011)

Ficou visível na figura 10 a forma como acontecia a identificação com o ritmo e isso ajudava a estimular o conhecimento dos próprios limites corporais, e buscar um aumento da percepção corporal. Uma atividade democrática é assim que pode ser descrita, e de acordo com fica clara a interação das crianças, jovens, adultos e idosos. O grupo se recusava a parar e conforme vinha o cansaço por parte de alguns, estes pegavam os instrumentos para continuarem ativos, simplesmente abrindo mão dos D's de Dumazedier, o direito ao descanso. Eles faziam questão de utilizar a diversão e o divertimento.

Em 23 de julho de 2011 foi realizada a terceira visita ao clube quando foram iniciadas as intervenções pela apresentação oficial da pesquisa ao Palmares e dinâmicas para analisar o perfil do grupo. Aqui o objetivo foi analisar as atividades realizadas pelo grupo durante os encontros. A exposição de material de mídia e propaganda serviu para compará-las ao dia de hoje e pensar em como podem ser elaboradas as propagandas para melhorar a visibilidade e maior aceitação do negro na sociedade.

Como tudo no clube acontece em cooperação, foi oportunizada aos membros uma maneira curiosa de jogo cooperativo, em que todos auxiliaram na preparação da sede, colocando mesas cadeiras, organizando o bar e cozinha, para deixar o espaço preparado em tempo hábil para as atividades.

Em um formato de gincana os membros se organizavam para que fossem realizadas as tarefas com rapidez, mas a todo o momento deixando transparecer que o mais importante era a noção do trabalho em grupo, independente de quem ganhasse. Na verdade, não me lembro de ouvir um anúncio no final do dia de quem foi a equipe vencedora. Na figura 11 a seguir, é apresentada a programação com uma série de atividades que foram desenvolvidas nesse dia, toda voltada para a cooperação.



Figura 11: Programação e divisão das tarefas. Foto. Carlos Gomes de Oliveira. (2011)

Dançar para recrear. No dia 24 as atividades se iniciaram com danças diversas e o objetivo dessa atividade foi o de trabalhar se utilizando de uma roda de samba, de manifestações rítmicas e promover a ação por meio dessa poderosa ferramenta. Na figura 12 abaixo, é apresentado um desses momentos onde o ritmo é explorado.



Figura 12: Danças recreativas. Foto. Carlos Gomes de Oliveira. (2011)

A quarta visita aconteceu em 19 de novembro 2011, momento em que uma grande programação para a comemoração ao dia nacional da consciência negra foi montada. Com a temática central “formas de resistência”, foi realizada a palestra: “a beleza da diversidade”, pelo Professor Geraldo.

O tema “lazer de risco-adolescência” foi abordado por João Estanislau Laureano, com a palestra sobre atividades de risco, buscando entender o que leva tal indivíduo a praticar determinada atividade. Foram proporcionada situações na palestra que visavam desmistificar as situações em que os Jovens do Palmares vivenciam as situações de risco no cotidiano e fazer uma alerta para que estejam preparadas para essas situações.

No dia 20 de novembro de 2011, durante todo evento, fotos que mostravam os padrões sociais de beleza e beleza negra foram expostas. O Prof. Geraldo deixou uma sequência de fotos e pediu que observássemos a estética de fotos de diversas pessoas, brancas e negras, e apresentou um vídeo de crianças falando sobre belo e feio. Filmes temáticos abordando foram apreciados pelo público presente. O tema central foi o preconceito onde o objetivo era o entendimento e dos seus motivos contra os Negros e munir-se de argumentos e estratégias para mudar a visão da comunidade. Logo após, foi realizado um debate falando sobre preconceito.

As meninas participaram durante toda a manhã de uma oficina de maquiagem negra e as voluntárias eram maquiadas gratuitamente e desfilavam cheias de orgulho a sua beleza negra. O clube organizou uma exposição de produtos característicos como roupas, tiaras, pentes e outros adereços que atraíram a atenção das mulheres. A figura 13 apresenta o momento em que acontecia essa dinâmica e também a exposição dos produtos destinados a pela negra.

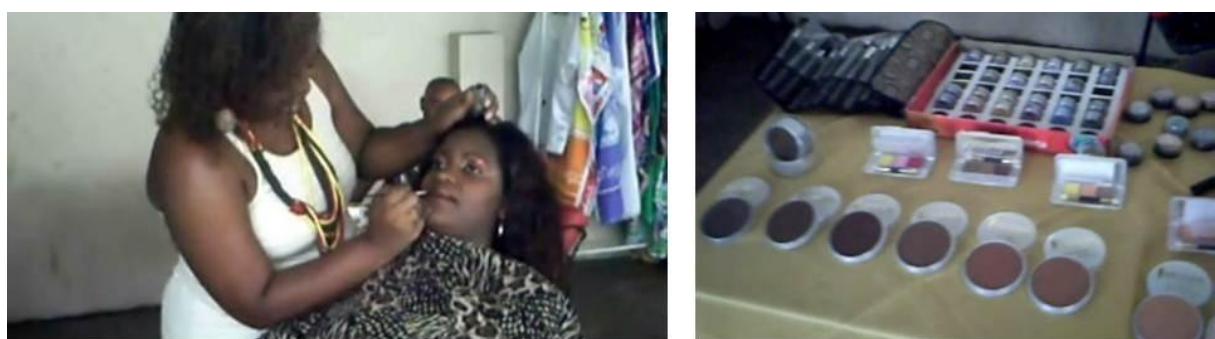


Figura 13: Maquiagem negra. Foto. Carlos Gomes de Oliveira. (2011)

Esse espaço de produtos para a pele negra apresentou novas formas de apreciação da beleza e que cada julgamento é singular.

No que se refere às artes, dia 21 de novembro foram realizadas apresentações com a oficina de percussão sob o comando do educador Murilo e a apresentação de coral e piano com a ideia de expressar as habilidades artísticas do grupo e possibilitar aos membros a oportunidade de participar dessa atividade que contou também com uma especial aparição de uma “baiana”.

A diretoria do Clube, por meio da socióloga Josiane Virotte, falou sobre os trabalhos e parcerias que o Palmares firmou durante esse ano e apresentou em vídeo as oficinas oferecidas para tornar público o que é desenvolvido gratuitamente para a comunidade.

Após o almoço, a Educadora Janayna Santos Silva realizou uma apresentação de afoxé para com objetivo de valorizar e realçar a cultura, as raízes, mostrar a beleza e a sensualidade da dança afro. De acordo com Janayna Santos Silva (III)

“[...]Estamos aqui para estar representando a cultura afro Brasileira com raiz mesmo, mostrar mesmo expandir, vestir a roupa ir para rua lutar e resgatar a cultura, esse foi esse o meu foco, né eu quero fazer eu vou à luta estamos aqui para isso”.

A diretoria do Palmares realizou uma avaliação com os presentes no evento para finalizar os trabalhos culturais no sentido do grupo apontar suas perspectivas em relação ao lazer e ao futuro do Clube Palmares.

Além desses encontros, outras atividades foram realizadas à distância para possibilitar o acompanhamento da diretoria das ações tomadas com relação à história do clube, conforme quadro abaixo.

DATA	TEMA	ATIVIDADE	OBJETIVO
01/09/2011	Leitura do material	Encaminhamento da tese	Demonstrar para os Dirigentes do clube o andamento dos trabalhos para que tomassem ciência e autorizassem a continuidade.
20/10/2011	Recebimento das sugestões	Retorno do material pelo Palmares	Perceber a visão do clube com relação ao material coletado para realizarmos as correções e atualizações.
16/01/2012	Entrevistas	Encaminhamento das últimas transcrições das entrevistas para análise e aprovação.	Apresentar o material coletado para que possa ser autorizada sua utilização na pesquisa.
	Telefonemas a	5 Contatos	Esclarecimentos de

	João Laureano		dúvidas.
	Telefonemas a Maria da Glória	3 Contatos	Esclarecimentos de dúvidas
	e-mails para Jeferson Laureano	6 contatos	Encaminhar material e esclarecimento de dúvidas
	e-mails para Maria da Glória	2 contatos	Encaminhar material da palestra.

Quadro 02. Cronograma de atividades realizadas à distância

Exemplos de atividades educacionais já ocorreram, como no caso do balé afro que era comandado pela Professora Nilzete e hoje dirigido pela Instrutora Janayna Santos Silva que se diz muito orgulhosa de participar do projeto, hoje na condição de instrutora com o grupo denominado Afrilaju que, segundo ela, significa manter as tradições.

O grupo é formado basicamente por jovens e são desenvolvidas danças afro raiz. Os jovens falam sobre as origens africanas e as atividades são feitas juntamente com a oficina de percussão com o instrutor Murilo e a exposição da cultura, das raízes, mostrar a beleza da dança afro, mostrar a roupa, cultura e postura, são os objetivos principais do grupo no Palmares.

Janayna Santos (III) comentou a respeito dos motivos que a levaram a desenvolver o trabalho.

“[...]O que me levou foi à carência, de não ter assim ninguém para estar representando a cultura afro Brasileira com raiz mesmo, mostrar mesmo expandir, vestir a roupa ir pra rua lutar e resgatar a cultura, esse foi esse o meu foco, né eu quero fazer eu vou à luta estamos pra isso”.

De acordo com o que foi verificado na pesquisa, o Palmares é a única entidade na região do vale do paraíba que atua nessa linha de oferecer lazer e cultura de forma crítica e sempre procurando parcerias para que as atividades ocorram com maiores possibilidades de sucesso.

As Palavras de Janayna Santos (III) exemplificam isso.

“[...]Na realidade é só o Palmares mesmo, aqui em volta Redonda é muito carente, é só mesmo aqui o Palmares pra tar dando essa, essa, né essa força pra gente tar mostrando nosso trabalho. Só o seu Laureano mesmo pra fazer isso para a gente”.

Atualmente as atividades oferecidas estão conseguindo atrair o público e fazer com que cada vez mais procurem o clube para participar de uma oficina, palestra ou as roda de samba aos domingos. Existe a motivação por parte dos palmarinos.

A palavra motivação Both e Malavasi (2005), exerce um grande efeito sobre as pessoas principalmente quando se refere à prática de atividades físicas em geral. Muitas vezes a motivação pode ser responsável por inúmeras razões pelas quais o indivíduo decidirá realizar alguma atividade física ou não.

Atividades que buscam a aproximação do jovem com a realidade de um mundo globalizado também passaram a ser prioridade no Palmares e o clube começou a desenvolver a oficina de inclusão digital em parceria com unidade Centro de educação de jovens e adultos Paulo Freire. Trata-se de uma escola da rede estadual vizinha do Palmares com a qual foi estabelecido parceria para auxiliar na integração e melhoria da condição de vida do negro.

Josiane Virote (5) fala sobre a parceria e os objetivos principais.

“[...]o centro de educação de jovens e adultos, é um centro aberto, é uma escola aberta, é uma escola com educação semipresencial, então, aberto justamente para esse público jovem e adulto que tem um perfil diferente, que saiu das escolas, foi pra sua vida né, foi para um mercado de trabalho cresceu e hoje sentindo a necessidade de resgatar a sua escolarização, ele procura uma escola que o atenda mas, dentro de uma perspectiva de vida de adulto. Então a realidade de uma sala de aula já não pode ser mais tão fácil né...”

Esse trabalho do Palmares apresenta uma proposta de encaminhar os jovens para que estes venham a ter possibilidades de ter uma qualidade de vida melhor. A oficina de inclusão digital trabalha com duas turmas com 20 alunos, todas às quintas e sextas feiras das 18 às 20 horas.

Quanto ao que é desenvolvido na oficina de inclusão digital, o comentário de Felipe (II) é o seguinte:

“[...]Nas oficinas nós trabalhamos com todas as faixas etárias e trabalhamos com as tecnologias atuais, mostrando pra eles um mundo, globalizado né e todas as tecnologias de informação. Nós trabalhamos edição de vídeos, trabalhamos edição de áudio, trabalhamos com sistemas atuais né disponibilizados, sistemas é gratuitos, né que também o próprio governo oferece a tendência mesmo é que o aluno que desenvolve na oficina, ele possa tanto ter o trabalho do conhecimento que ele vai adquirir no momento como numa outra forma de complemento na vida dele”.

Felipe (II) disse que o Palmares, além de ser um clube procurou ter o foco no Negro na sociedade e buscou a integração pelo implemento de oficinas, atividades e a valorização da cultura. A ideia da oficina já existia no clube. Como ex-aluno de informática do Palmares, sentiu-se honrado com a oportunidade agora de atuar como orientador para levar adiante os projetos e modificar a visão limitada que muita gente tem sobre o que é a entidade.

“[...] Poder passar por uma experiência dessas o que é tão interessante né muitas vezes é um nascimento de uma outra profissão dentro da área né porque tem muita gente que gosta por exemplo eu gosto tanto de adquirir o conhecimento, mas o mais importante não é deixar com o conhecimento morrer com você, e sim transferir esse conhecimento para que os demais para que assim eu siga em frente então eu estou adorando, gostei muito e pretendo também daqui pra frente continuar, mas também ééé foi tipo uma porta, que se abriu pra mim, e mostra essa experiência como é que é o dia a dia de um Professor passando aquele conhecimento para os alunos né, então é muito interessante é uma coisa que também acho que todo mundo deveria dar atenção, ouvir”.

Outro trabalho educativo acontece por meio da parceria da educação com a música feita por Julhinho dos Palmares. Músico e colaborador do Clube. Ele é possui um talento natural para compor músicas e se intitula “um cara que recebeu um dom de Deus”. E esse dom é Cantar. Ele expressa isso em suas atividades que desenvolve de uma maneira bem pedagógica com as crianças nas escolas de Volta Redonda. Quanto aos CD’s que cria ele comenta (VII).

“[...] E esse Cd é para servir as pessoas né cara, não adianta eu querer fazer um Cd para mim cara! Para servir as pessoas quer dizer, esse é o mesmo Cd que eu faço para crianças, porque... Pelo amor de Deus cara. Eu acho que, eu sinto assim um, um Dom Quixote cara, tropical, Dom Quixote da cara preta, tropical, é brigando contra a, essas coisas esses, esses funks no estou falando do ritmo, essas coisa que tá aí, tocando, direto nas cabeças das crianças e, criança nem consegue aprender a cantar ouvindo funk, porque não tem melodia naquilo entendeu? Se, se tá me entendendo o que eu estou dizendo? Funk não tem melodia”.

Sobre educar pela música Julhinho acredita ainda que o conteúdo atual do funk não acrescenta nada de positivo para as crianças e comenta (VII).

“[...] Pois é!, É o contrário cara! E ainda incentiva umas coisas, eu acho que incentiva o erotismo fora do tempo, tá, a erotização da criança. Eu e, acho que o funk serve para isso, incentivar, essa coisa da sexualidade. Erotiza mesmo cara fora do tempo, eu acho que... Não sei cara eu acho que a gente tá queimando as etapas cara! Tá forçando muito a barra, em cima das crianças. E o funk, esse funk que eu estou falando é do ritmo funk, da mensagem que é passada, e para mim é um mau. Já que eu sou dom quixote, não vou conseguir vencer, mas tento, eu faço uma coisa alternativa cara, faço uma música alternativa. Quer dizer, eu não estou fazendo coisa ruim para criança, minha música pode ser até caretinha, mas, tem conteúdo pedagógico entendeu? , didático. Que fabricar artista é muito fácil, né cara, é investir”.

A música é uma ferramenta que pode ser utilizada como uma estratégica de (ASC) muito eficiente, desde que bem explorada. No momento certo ela alia a diversão, interação e transmite o conhecimento.

No repertório de Julinho dos Palmares, existem vários exemplos de como podemos educar pela música com criatividade, mostrando as possibilidades de atuação da didática e levando a mensagem desejada as crianças.

O autor, constantemente solicitado para realizar intervenções nas escolas, creches e empresas faz o seguinte comentário.

“[...]Eu faço isso, quer dizer, de vez em quando os professores me chamam para ir nos colégios eu canto, e de graça cara, hoje eu não pago mais passagem quer dizer! Então eu vou no colégio e canto. Por exemplo: Eu fiz...Música para criança não é fácil cara, é fácil fazer, mas difícil é criança gostar, tem que fazer uma coisa que se consiga entrar no volume dela cara. Por exemplo eu queria, eu queria falar sobre bullyng, sobre não soltar balão não ir, ééé, bullyng, sobre não soltar balão essas coisas, por que é . Mas como eu vou falar isso? Eu tive que fazer uma estratégia para chamar a atenção da criança para aquilo que você quer dizer, que se você for direto no assunto você não, por exemplo eu. Uma coisa assim para poder falar das coisas que eu queria”. Música da Barata³⁸

Na programação atual do Palmares existe a participação de crianças e adolescentes sendo estas que darão continuidade ao projeto Palmares. Verificamos

³⁸ **MÚSICA.** *Comi uma barata*
Julinho dos Palmares

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuii, fuii.*

*A minha mãe não me bate, meu pai também, me bate não,
Eles não brigam eles não me batem, por isso que eu não bato no meu cão.
Sou um menino que trata as meninas com carinho, respeito e admiração,
É por isso que lá na escola todas elas querem o meu coração.*

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuii, fuii.*

*Fui numa festa junina e era dia de São João,
Lá tinha muitas barraquinhas, comida quadrilhas muita animação,
Todo mundo se divertia mas só não podia soltar balão,
Ele é bonito mas quando ele cai e só destruição – Mas eu não solto não!*

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuii, fuii.*

*Eu soltava pipa lá no morro para ficar bem longe da fiação,
Eu só solto pipa sem cerol para não machucar nenhum cidadão,
Pisei num cocô de cachorro, caí de bunda no chão,
Mamãe pensou que eu tinha brigado, porque sujei todo o meu calção – Não sou de briga não!*

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuii, fuii.*

que existe um parquinho³⁹ de diversões para as crianças e as atividades específicas culturais e esportivas graças à parceria do Governo Federal e outros devem acontecer com maior ênfase para que continuem a acontecer sistematicamente atividades como a ginástica, dança afro, capoeira. O próximo passo será a formação de um coral infantil.

Algumas atividades ainda são difíceis de manter sistematicamente pela falta de recursos específicos. Mas toda a diretoria está empenhada para que as forças sejam direcionadas para o desenvolvimento de projetos, tornando assim viável a possibilidade de se realizar mais atividades voltadas para a criança e adolescente.

No entendimento de Weida Laureano, as crianças são especiais, no trabalho que realiza com elas, fica evidente a paixão que ela tem por esse público. Na entrevista (V) ela diz o seguinte:

“[...]É, essas crianças, elas tem muito a nos dizer né? E tenho é eu tenho esse trabalho feito dentro de sala de aula com crianças de 6 anos, 7 anos que me dão um retorno muito significativo, muito emocionante, mas que é, é muito importante que nós precisamos mostrar isso pra eles, mostrar essa diversidade, mostrar que o mundo é assim, cada um tem a sua cultura, mas que com cada cultura de cada um , nós podemos é, é dar mais beleza , mas significado na nossa vida, não é mesmo?”.

5.4 GESTÃO NO PALMARES

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão do governo que verifica a possibilidade de tombamento de entidades diz que o Palmares está sendo impossibilitado de receber o tombamento no momento, pois o clube possui dívidas junto a órgãos públicos. A diretoria trabalha no sentido de sanar as dívidas e melhorar as possibilidades de atuação em parceria com o governo.

Pensando na sustentabilidade, em fevereiro de 2009 aconteceu um encontro do ministro da Igualdade Racial, Edson Santos, com os integrantes dos clubes sociais Renascença Clube de Andaraí⁴⁰ e o Palmares. Foram discutidas estratégias para o desenvolvimento de cursos profissionalizantes e também atividades culturais e esportivas que resultasse em retorno financeiro para as instituições. A diretoria

³⁹ Composto por um escorregador, 1 gira gira, uma gangorra e um mini polvo.

⁴⁰ O clube foi fundado em 17 de fevereiro de 1951, na rua Pedro Carvalho no Bairro do Méier, por um grupo de negros pertencentes a classe média, devido a discriminações sofridas pelos seus associados em outros clubes e agremiações renomados do Rio de Janeiro. Fonte: <http://renaclub.blogspot.com/>

desses dois clubes mantém contatos constantes com membros do Governo Federal para estudar possibilidades de garantir a independência financeira dos clubes.

Nesse encontro o ministro foi informado da necessidade da construção de um salão de eventos que possibilitaria que o clube tivesse uma alternativa de receita independente das possíveis contribuições dos palmarinos.

Para que fosse possível o Clube oferecer uma melhor estrutura para cursos e capacitar melhor parte a comunidade negra, em 2009, a deputada Maria Aparecida Diogo Braga, conseguiu aprovar uma emenda no Orçamento da União de 2010, no valor de R\$ 150.000,00. O clube está aguardando a liberação desses recursos, o que ampliará o campo de atuação do Palmares e possibilitará um melhor atendimento a comunidade.

No dia 07/02/2010, citamos a visita do ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Edson Santos, ao Quilombo de Santana, em Quatis e acompanhado do prefeito de Quatis, José Laerte D'Elias (PMDB) da superintendente de Igualdade Racial do Estado, Zezé Mota, de representantes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e da deputada federal Cida Diogo (PT). As autoridades participaram de um almoço no Clube Palmares tipicamente afro-brasileiro. A feijoada.

Lideranças do movimento negro da região Sul Fluminense estiveram presentes e o Presidente do Palmares, João Laureano, declarou que ficou muito honrado com a visita da deputada e do ministro. Aproveitando a oportunidade, a diretoria do Palmares cobrou das autoridades mecanismos que possibilitem às crianças pobres, negras, jovens e idosos, mais condições e acesso à cultura, educação e lazer.

Silva Jr (1998, p. 5) apresenta o Capítulo VII da constituição federal que trata da família, da criança, do adolescente e do idoso e nele é apresentado o Art. 227, que diz que: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A intenção é transformar o Clube Palmares em um centro ou equipamento de Lazer e uma das exigências para que esses locais possam ficar abertos para o atendimento ao público é a estratégia de animação permanente, conhecida como o

esquema PAIE, sugerido por Bramante (1997, apud Pimentel 2003, p. 43), em que o autor lembra ser necessário o constante inventário de necessidades por ações técnicas como: observação direta, chek-list, filmagens questionários e entrevistas. Quanto ao PAIE, é uma estratégia de animação que, segundo o autor envolve:

Permanência: atividades comuns programadas para os dias normais, (ex.: curso de capoeira do clube); Apoio: pequenas ações de motivação à prática da atividade permanente, (ex.: roda de capoeira no clube); Impacto: grande evento anual ou semestral visando chamar atenção, (ex.: batizado de capoeira); Especial: quando se aproveita o clima de algum grande acontecimento, (ex.: bicentenário de Zumbi); Para implementar projetos de médio porte, como um empreendimento turístico ou hoteleiro, costuma-se iniciar por um inventário do local (registrar todas as características). Os passos posteriores são: diagnóstico (interpretar os dados) prognóstico (fazer ideia de como será) estudo de mercado (observar concorrência e clientela) análise de viabilidade (analisar os riscos) formatação do produto (montar os atrativos) implantação (cuidados para inauguração) e gestão (cumprir objetivos).

O Palmares conseguiu, por meio de ações como projetos e parcerias, elevar o clube à condição de Ponto de Cultura⁴¹ o que possibilitou a oferta de algumas oficinas, como a inclusão digital, curso de dança, percussão e outras atividades para começar a chamar a atenção dos jovens da vizinhança para mudar um pouco a visão do clube com relação ao que os mais velhos pensam. A figura 14 mostra para as pessoas que passam na frente do Palmares, a sua nova categoria. O ponto de cultura.



Figura 14: Fachada atual do Ponto de Cultura Dara Palmares. Foto. Carlos Gomes de Oliveira. (2011)

⁴¹ O Ponto de Cultura é a ação principal de um programa do Ministério da Cultura chamado Cultura Viva, concebido como rede orgânica de gestão, agitação e criação cultural. O Ponto de Cultura não é uma criação de projetos, mas a potencialização de iniciativas culturais já existentes.

Sobre o ponto de Cultura Dará Palmares, Weida Laureano, coordenadora pedagógica do projeto, na entrevista (V). comentou.

[...] “E esse projeto é claro quando nós começamos um projeto nós precisamos lógico da, valorização de todas as pessoas né que compõem o projeto é essa integração entre as oficinas deve acontecer é os participantes as pessoas que compõem o projeto elas são assim, elas vem de encontro com o trabalho que eles já conhecem e começam a resgatar essa cultura que às vezes, lá trás foi perdida né, ficou perdida, aí me recordo dos tempos de ainda pequena ainda de aula ná, lá no colégio nós não tínhamos essa passividade de estar falando da nossa cultura né? Muitas das vezes, essa nossa cultura, ela foi é, deixada de lado, é muitos livros didáticos nem sequer mostravam a, a, a mínima parte do que tem, tem a nossa história do que á a nossa história, a beleza da nossa história né”.

João Laureano gostaria que o Palmares fosse uma entidade perpétua e afirma que está preparando alguns substitutos com consciência política e cultural suficiente para mudar a atual realidade e pensa que se a história do Palmares puder contribuir para essa mudança, ele ficará muito feliz. João Laureano diz que o fato da história do Palmares estar sendo compartilhada pelos seus dirigentes, e documentando isso não só para Volta Redonda, RJ, mas sim para o Brasil inteiro, contribuindo com a questão do lazer, cultura e da integração entre os povos que formam o nosso país.

A intenção da diretoria é exatamente trabalhar com projetos para diminuir as dificuldades para a continuidade dos trabalhos. O seu presidente João Laureano acredita que muita coisa tem sido feita e com uma boa participação da comunidade local, entretanto, é difícil mensurarmos o grau de motivação que os palmarinos têm para a participação nos mais variados campos de atuação do Clube.

Com as melhorias ocorridas, o clube deixou de ter sócios e passou a funcionar com uma diretoria atuante que, por meio de ações, eventos e promoções, está conseguindo recursos suficientes para a manutenção do espaço, sem custo de manutenção para a comunidade. O sucesso da roda de samba aos domingos garante uma renda extra que possibilita o investimento em infraestrutura para o funcionamento das oficinas, compra de material de manutenção e reformas. Graças à elevação à categoria de ponto de Cultura, o Palmares recebe recursos do Governo Estadual para a manutenção de oficinas, como percussão, dança afro e a parceria da escola, o que garante um número maior de pessoas beneficiadas.

Santos (1990) diz que o olhar do negro é desse jeito, uma maneira de ver o brasileiro que somos e deveremos ser. Não adianta, contudo, olhar pela metade,

mas o corpo inteiro: sua arte, mas também suas ideias; sua contribuição no passado escravista, mas também na atualidade; sua sociabilidade, mas também suas atitudes políticas; seus cultos, suas festas, mas, sobretudo sua religiosidade e suas maneiras de estar no mundo; seu folclore, mas também sua cultura, em geral.

Baseado em Santos (1990) espera-se que o negro seja visto de uma maneira diferente perante a sociedade, marcada pelo preconceito velado e que seja permitido que o negro ocupe todos os cargos e tenha os mesmos salários que até então são privilégios dos brancos, que a mulher negra tenha a possibilidade de explorar todo o seu potencial e com os mesmos salários.

Somos brasileiros, afirma João Laureano (l) e somos filhos da mesma espécie e temos que aprender a conviver em sociedade. Na medida em que nós estamos também progredindo, estaremos diminuindo esse preconceito e essas pessoas que hoje são os nossos algozes, talvez no futuro sejam os parceiros e amigos.

6. CONCLUSÃO

Por meio do material coletado para este trabalho, chegou-se ao entendimento de que, com a realidade social vivida na década de 1960, os negros eram impedidos de frequentarem diversos locais destinados à população tida como branca. Com isso, alguns dos jovens que tiveram negado o que eles acreditavam que eram seus direitos, se motivaram a fundar um clube para que as futuras gerações não passassem pelos mesmos constrangimentos.

Foi possível realizar um levantamento com fotos e relatos de pessoas que vivenciaram as diversas fases pelas quais o clube passou. Fatos que nos fez ter ideia de como ocorreu a evolução histórica do clube, desde o seu surgimento até os dias atuais. Algumas conquistas e as dificuldades enfrentadas pelo grupo foram citadas e serviram para o embasamento deste trabalho.

A pesquisa teve como principal limite a distância e isso dificultou a permanência por um tempo maior por parte do pesquisador e a dificuldade em convencer algumas pessoas que viveram as fases do clube em participar do trabalho com seu relato de forma oficial.

Noções de discriminação, preconceito de cor, raça e qual a influência desses fatores na sociedade brasileira e também em alguns países na América do Sul e Estados Unidos foram apresentadas. Também foi abordada a maneira como essa forma de negação dos direitos sociais é combatida. A discriminação foi um fator essencial para que o Palmares surgesse, e se o grupo fosse aceito nos clubes de Volta Redonda, em 1964, o desdobramento seria outro.

Ações diagnósticas durante as visitas realizadas ao Clube Palmares, permitiram constatar que as lideranças são organizadas de forma familiar. Essa estrutura possibilita a manutenção da instituição em função da hierarquia existente.

Projetos relacionados com a cultura afro-brasileira são desenvolvidos pela entidade tendo o foco na educação com o compromisso de preparar os mais jovens para trabalharem juntos com brancos, negros, índios em todos os espaços da sociedade e não só na periferia. Para que ocorra a integração é necessário que o seu desenvolvimento nos mais diversos espaços. Essa foi uma das motivações de João Laureano e Nazário Dias. Eles queriam uma socialização não só no trabalho, mas em todo o município de Volta Redonda.

Os palmarinos conseguiram, por meio da Animação Sociocultural, realizar uma identificação dos problemas e da realidade do Clube Palmares, e com isso realizaram ao longo de sua história, intervenções por dinâmicas reflexivas que visavam o trabalho coletivo com muito planejamento. Muitas dessas atividades foram responsáveis por manter o grupo unido durante períodos difíceis. A interação que a (ASC) proporcionou, fez com que os jovens do clube se aproximasse da cultura afro-brasileira que no passado não era bem vinda.

A história do Palmares ainda está em aberto. A cada nova geração, os sonhos tendem a serem renovados e projetos como os que são desenvolvidos auxiliaram a transformar o clube no Ponto de cultura Dara Palmares desenvolvendo atividades de lazer, esporte, cultura e com isso, ajudaram também no desenvolvimento de toda a comunidade excluída.

Sugere-se que pesquisas sejam realizadas em conjunto com outras instituições, em diversas cidades do Brasil para descobrir qual é a percepção que o brasileiro tem dos Clubes sociais negros do País. Com isso, pode-se verificar as diferenças de atuação desses espaços e entender se realmente eles representam os afro-brasileiros.

7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de, FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil** - Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMEIDA, Lívia R. de. Positivismo. **Resumo da doutrina positivista:** o Positivismo. Cola da Web. s/d. Disponível em <http://www.coladaweb.com/filosofia/positivismo>. Acesso em 23.01.2012 às 18:15.

ALMEIDA, A.M. de et al. **Pesquisa em enfermagem e o positivismo.** Rev.Esc.Enf.USP., v.30, n.1, p.25-32, abr. 1996.

ALMEIDA, Ricardo Ferreira de. **Animação Sociocultural:** Notas para a confusão. Revista Iberoamericana. vol.3, n.1, out.2008.

ARAUJO. Felipe. **Caifazes.** Info escola. s/d. disponível em <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/caifazes>. Acesso em 23.01.2012 às 18:38.

ARAÚJO, Humberta. **Cantar dos Reis enquanto pondera sobre o futuro da coletividade.** Semanário - Edição eletrônica de 14 de Janeiro de 2011. Disponível em: <http://www.solnet.com/14jan11/comunid/comuni3.htm> acesso em. 14.06.2011 às 20:35.

ARAUJO, Priscila Mota de. **Miscigenação.** Os povos no Brasil. Brasil cultura. 2009. Disponível em: <http://www.brasilcultura.com.br/historia/os-povos-no-brasil/> acesso em. 12.06.2011 às 19:35.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **A RECUSA DA “RAÇA”:** ANTI-RACISMO E CIDADANIA NO BRASIL DOS ANOS 1830. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 297-320, jul./dez. 2005.

BACAL, S. Lazer - teoria e pesquisa. São Paulo; Loyola, 1988.

BARROS, Flávio Augusto Monteiro de. **Crimes contra a pessoa.** São Paulo: Saraiva, 1997.

BEZERRA, Aroldo; POZZOBON, Fernando, ENDO, Lurian; SANTANA, Marco Aurélio Santana. **Operários metalúrgicos de Volta Redonda:** Sindicato, igreja e

movimento comunitário. Anpuh Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ, RJ.

BIRCH, David; VEROFF, Joseph. **Motivação**. Tradução Olinda M. Malmegrin Rocha. São Paulo: 1970.

BOTH, Jorge; MALAVASI, Letícia de Matos. **Motivação**: uma breve revisão de conceitos e aplicações; Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - N° 89 - Outubro de 2005.

BRAGA, Maria Luiza de Santana, SOUZA, Edileuza Penha de, PINTO, Ana Flávia Magalhães (organizadoras). **Dimensões da inclusão no ensino médio** : mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. ISBN 85-296-0040-1 364 p. (Coleção Educação para todos).

BRANDÃO, Carlos R. Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BRUHNS, Heloiza Turini. (Org). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

BUTLER, George D. **Introduction to Community Recreation**: Prepared for the National Recreation Association. Secound Edition. - New York Toronto London; McGraw-hill Book Company, inc. 1949.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O grupo Palmares (1971-1978)**: Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontif. Porto Alegre, agosto de 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. **Racismo, direitos e cidadania**. Revista Estudos Avançados 18 (50) 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito Racial** – Portugal e Brasil – colônia. 2^a edição. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARVALHO, Karine Dalsin e Marco de. **Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas**. Projeto Garimpando Memórias. Universidade federal do Rio Grande do Sul. Escola de educação física. Centro de memória do esporte: Porto Alegre. 2010.

CARVALHO, Rita de Cássia Santos; TRINTA, José Luiz; BACELLAR, Fátima Cristina Trindade. **CSN e Responsabilidade sócio-ambiental: Conscientização, estratégia ou necessidade?** Cadernos UniFOA. Volta Redonda, ano IV, n. 10, agosto. 2009. Acesso dia 21.11.2010. às 22:47. Disponível em: http://www.unifoaa.edu.br/portal_pesq/caderno/edicao/10/41.pdf.

CASTILHO, Flávia Acosta. **A discriminação do negro no Brasil e a aplicação do estudo da história e cultura afro brasileira na escola**; PDE, Paraná, 2008.

CASTRO, Celso. **A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar. O Golpe de 1964**. CPDOC/FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. 2009. Rio de Janeiro – RJ.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

Clube Comercial de Volta Redonda. **A História**. S/D. Disponível em: <http://www.clubecomercialvr.com.br> - Acesso em 30.01.2010, às 11:34.

Clube Palmares de Volta Redonda. Disponível em: <http://clubepalmares.blogspot.com> - Acesso em : 23.03.2010. às 22:45.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; MOREIRA, Mércia. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem**

humanos, voltados para a educação: ênfase na abordagem construtivista. Belo Horizonte: Editora Lê, 1992.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acessado em 15 de outubro de 2010, às 23:45.

CORREIA, Paula Susana da Silva. **A importância da animação comunitária como modelo e metodologia de intervenção social e comunitária no contexto da educação não formal.** Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana. vol.3, n.1, out.2008.

COSTA, Alexandre; DIAS, Bruno. **Espionagem, polícia política, censura e propaganda: Os pilares básicos da repressão.** Disponível em: <http://ginacaninana.blogspot.com/2010/03/espionagem-policia-politica-censura-e.html> - Acesso às 02.02.2011, às 12:45.

DIEESE. **A desigualdade racial no mercado de trabalho.** Boletim do Dieese. Ed. especial, nov. 2002.

DINIZ, Larissa Mattos, BORGHI, Eduardo Baroni. **A população negra em Londrina: Uma luta por reconhecimento.** XIV Encontro Regional da Associação Nacional de História-Rio. 2010.

DOMINGOS. Petrônio. **Uma história não contada.** Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós abolição. SENAC; SP. 2003.

Paladinos da liberdade A experiência do Clube Negro de Cultura social em São Paulo (1932-1938). Rev. hist. n.150 São Paulo jul. 2004.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva. 1979.

ESCOBAR, Giane Varga; SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. **Memória e resistência.** Os clubes negros surgiram como espaços de sociabilidade das elites negras urbanas no período pós-abolição. (Santa Maria: Ed. UFSM, 2009).

FACHADA, António. **Contributos da animação socioeducativa para uma pedagogia do lazer.** Revista Iberoamericana. Vol.3, n.1, out.2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FERNANDES, Ângelo José. **De batuque e acalanto:** uma análise da Missa Afro-Brasileira de Carlos Alberto Pinto Fonseca. Revista Acadêmica de Música – n.11, 136 p., jan - jun, 2005. disponível em <http://www.scribd.com/doc/18279189/De-Batuque-e-Acalanto-uma-analise-da-Missa-AfroBrasileira-de-Carlos-Alberto-Pinto-Fonseca> - acesso em 30.01.2011 às 12:45.

FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva. **Movimento negro no Brasil:** mobilização social e educativa afro-brasileira. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354 Disponível em www.africaeafricanidades.com – acesso em 15/10/2010 às 22:15.

FERREIRA, Gabriela Nunes; FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi; REIS, Rossana Rocha. **“O Brasil em 1889”:** Um país para consumo externo. Lua Nova, São Paulo. 2010.

FICO, Carlos. **Como eles agiam:** Os subterrâneos da ditadura militar: Espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____ **Além do golpe** – Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Editora Record - 2004.

FONTES, Ângela Maria Mesquita; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. **Volta Redonda:** história de uma cidade ou de uma usina? Revista Rio de Janeiro, n. 18-19, jan.dez. 2006.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa-ação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREITAS, Jonathan, CALBINO, Daniel, SANTOS, Alexandre, PEREIRA Rafael Diogo. **Em defesa do uso da pesquisa-ação na pesquisa em administração no**

Brasil. Administração: Ensino e Pesquisa. Rio de Janeiro. v. 11. n. 3. p. 425-445 Jul/Ago/Set 2010.

FREYSINGER, Valeria J. ; HARRIS, Othello. **Raça, etnia e lazer.** In: ROJEK, Cris; SHAW, Suzam, M; VEAL, A.J. A Handbook of Leisure Studies. Macmillan Publishers Ltd. Great Britain. 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** Possibilidades e Procedimentos. 2.ª ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GAJARDO, M. **Pesquisa Participante na America Latina.** São Paulo: Brasiliense, 1986

GHON, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais,** A Construção da Cidadania dos Brasileiros. Edições Loyola; 3ª Edição. São Paulo: Brasil, 2003.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa:** Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILLET, Jean-Claude. **A perspectiva socioeducativa da animação social.** In: Colóquio de Animação sociocultural / Orgs Carola Carbajal Arregui, Mariangela Belfiore Wanderley. - São Paulo: IEE/PUC-SP, 2006.

GONÇALVEZ, Gabriela. **Os grupos sociais.** Brasil Escola. 2010. monografias.com disponível em: <http://www.brasilescola.com/sociologia/os-grupos-sociais.htm> Acesso em 21.01.2011 às 23:45.

GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira. **Os movimentos negros no Brasil:** Construindo atores sóciopolíticos. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Revista Brasileira de Educação Nº 9. Reunião Anual da ANPEd., Caxambu, setembro de 1998.

GUERRA FILHO, Raulito Ramos. **Reflexões sobre o tempo livre, o lazer e o antilazer.** Revista Partes - Ano IV - agosto de 2004 - nº48 Disponível em: <http://www.partes.com.br/ed48/turismo2.asp>. Acesso em 21.01.2011 às 20:05.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo: **Preconceito de cor e racismo no Brasil.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2004, V. 47 Nº 1.

HEROLD, Patrícia. **A Animação sociocultural e a educação para o Lazer nos tempos do HIV/AIDS.** Orientador. Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel Co-orientadora Prof. Dra. Áurea Regina Telles Pupulin. Tese de mestrado apresentada ao Programa Associado UEM-UEL .Educação Física. Maringá 2010.

<http://pt.wikipedia.org>

<http://www.coladaweb.com>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Estudo especial da Pesquisa Mensal de Empregos sobre Cor ou Raça.** 2006. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=73 Acesso em 21.04.2011 às 20:45.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. **A incorporação do testemunho oral na escrita historiográfica: empecilhos e debates.** 2010. Vol. 1, No 13: Dossiê - Questões teóricas e metodológicas. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=126&path%5B%5D=132> Acesso em 21.08.2011 às 23:45.

JUNIOR, Antônio Gasparetto. **Causas do golpe militar de 1964.** 2010. disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/causas-do-golpe-militar-de-1964/>. Acesso em 17.01.2011. às 22:45.

KARSAKLIAN, Eliane. **Comportamento do consumidor.** 2. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

LACERDA, Leonardo Lincoln Leite de; SOUSA, Cleide Aparecida Gonçalves de. **A Animação sociocultural e a formação profissional em turismo:** reflexões sobre a animação turística. Turismo em Análise, v.20, n.2, agosto 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica.** 2^a ed. São Paulo : Atlas, 1991.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico.** 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LARA, Larissa Michelli. (Organizadora). **Abordagens socioculturais em educação física.** Eduem – Maringá. 2010.

LEI DO SILENCIO - Lei nº 126, de 10 de maio de 1977. Disponível em: <http://www.amecape.org.br/servicos/som126.htm> Acesso em 19.01.2011 às 23:00.

LIMA, Claudia; **Reflexão sobre a história do negro no Brasil.** 2007. Disponível em http://www.claudialima.com.br/cultura_negra.htm. acesso em 20/10/2010, às 22:52.

LIMA, Ivan Costa; **As propostas pedagógicas do movimento negro no Brasil: Pedagogia Interétnica uma Ação de Combate Ao Racismo.** (2005) Artigo.

LOPES, Maria Aparecida Oliveira. **História e memória do negro em São Paulo: efemérides, símbolos e identidade (1945-1978)** 2007.

MAIA, Cristhiane. **Grupos sociais numa visão da MC Cann Ericsson (Os Integrados).** 2010; disponível em <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blog/list?user=2uc58nz9vwqem> - Acesso em 30 de junho de 2010 às 23:00.

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica.** Zahar Editores Biblioteca de ciências sociais: Rio de Janeiro. 1975.

MAY, Tim. **Pesquisa social.** Questões métodos e processos. 3^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARCASSA, Luciana; SOUZA, Wilson Luiz Lino de. **Da experiência lúdica à formação do cidadão:** Presupostos políticos e pedagógicos do esporte e lazer da Cidade de Ipatinga. In: FILHO, Lino Catellani. (org).Gestão pública e política de lazer. A formação de agentes sociais. Campinas, SP: Autores associados; 2007.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e sociedade - Múltiplas Relações.** Coleção Estudos do Lazer. Editora Alínea,Campinas SP. 2008.

MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer.** In: Teorias do Lazer. PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Org. Editora EDUEM. Maringá. 2010.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da liberdade.** Editora UFG Goiânia. 2003.

MAY, Tim. **Pesquisa social.** Questões, métodos e processos. 3^a ed. Artmed editora. Porto Alegre:2004.

MELO, Victor Andrade de. 2006. **A animação cultural:** conceitos e propostas. Campinas, SP: Papirus.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer:** conceitos e propostas. Barueri, SP: Manole, 2003.

MARCON, Sonia Silva; ELSEN, Ingrid. **Estudo qualitativo utilizando observação participante - Análise de uma experiência.** Acta Scientiarum. 2000.

MIRANDA, Maria; MARIA, Letícia. **Projetos educacionais. A chegada dos primeiros negros.** 2007. Disponível em: <http://modeloseducacionais.blogspot.com/2007/09/chegada-dos-primeiros-negros.html>. Acesso em 21.03.2011 às 19:45.

MUNANGA, K. **Construção da Identidade negra no contexto da globalização.** Democracia racial. In: OLIVEIRA, I. (org.) Cadernos PENESB. Relações raciais e educação: temas contemporâneos. Niterói: EdUFF, nº 4. p. 61-84, 2002.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de, PERIM, Gianna Lepre. **Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo:** In; MELO, Victor Andrade, BRETAS, Ângela, MONTEIRO, Mônica Borges. Da reflexão à prática. Maringá: EDUEM, 2009.

OLIVEIRA, Frederico Abrahão de. **Crimes contra a honra:** direito material e direito formal. porto alegre: livraria do advogado, 1994.

OLIVEIRA, Lidiany Cristina de. **As teorias raciais e o negro do pós - abolição às primeiras décadas do século XX.** Lidiany Cristina de Oliveira. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.-- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

PEREIRA, Dulce Maria. **A face negra do Brasil multicultural. 2008.** Disponível em: <http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista6-mat9.pdf> Acesso em 15/10/2010 às 20:45.

PERUZZO, Cicília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares:** A participação na Construção da cidadania; 3º. edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. PESAVENTO. Sandra Jotahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

PIMENTEL, Giuliano. G. de A. **Lazer:** fundamentos, estratégias e atuação profissional. Jundiaí-SP: Fontoura, 2003.

Leituras pós-modernistas nos estudos do lazer; In: Teorias do Lazer. PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Org. Editora EDUEM. Maringá. 2010.

PORTALVR.COM. s/d. **A história de Volta Redonda.** Disponível em: <http://www.voltaredonda.rj.gov.br/historia> - Acesso em: 19.11.2010 às 22:45.

PREDIGÃO. Marcolino Huguete Nininho Nory. **Era Vargas.** O pacto populista. 2007. Disponível em: <http://jetuliovargas.blogspot.com/> Acesso em 26.01.2012. às 18:24.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RODRIGUES, Alex. **Missa afro.** Sacra ou profana? A celebração que ainda gera polêmica no catolicismo. Disponível em: <http://raizafricana.wordpress.com/2010/02/03/missa-afro-sacra-ou-profana/> acesso em 02.03.2010, às 21:15.

ROMÃO, Jeruse. **Há o tema do negro e há a vida do negro:** educação pública, popular e afro-brasileira. In: Educação Popular Afro-brasileira. Série Pensamento Negro em Educação. Florianópolis/NEN, nº 05, 1999.

SANSONE, Lívio. **Racismo sem etnicidade.** Políticas Públicas e Discriminação Racial em Perspectiva Comparada. Dados vol. 41 n. 4. Rio de Janeiro 1998. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581998000400003&script=sci_arttext&tlang=pt#7not#7not Acesso em 10 de abril de 2011, às 19:12.

SANTIAGO, Cláudia. **O massacre de Volta Redonda.** Rápido. Informativo diário da Cut-Rj dia 8/11/2006 - Nº 2842 - Especial - Ano 14. Disponível em: http://sisejuferj.org.br/portal/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=723 acesso em 18.01.2011 às 10:23.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula.** Coleção na sala de aula; Editora Ática, São Paulo – SP. 1990.

_____ **O que é racismo.** 13ª. edição. Editora brasiliense, São Paulo – SP. 1980.

SANTOS, Marcos Eduardo dos. **Da observação participante a pesquisa-ação: Uma Comparação Epistemológica para Estudos em Administração.** S/D. disponível em: http://www.angelfire.com/ms/tecnologia/pessoal/facef_pesq.pdf acesso em 27.02.2011, às 19:11.

SANTOS, R. E. **Agendas & agências:** A espacialidade dos movimentos sociais a partir do pré-vestibular para negros e carentes. Niterói: UFF, 2006. Tese de Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFF).

SEBE, José Carlos. **Manual de história oral.** 2009. Disponível em : <http://pt.shvoong.com/books/dictionary/1902583-manual-hist%C3%B3ria-oral/#ixzz1Q6z5ualU> acesso em 27.02.2011, às 20:10.

SERRANO, Daniel Portilho; **Teoria de Maslow;** A hierarquia das necessidades. Disponível em <http://www.portaldomarketing.com.br>. 2000. Acesso em 08 de agosto de 2010.

SILVA, Alan Pereira. **Expressões de resistência quilombolas e religiões afro brasileiras.** webartigos. publicado 2/07/2009. disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/20706/1/MOVIMENTO-NEGRO/pagina1.html#ixzz12RHWLjRA>. acesso em 07.05.2011, às 19:41.

SILVA JR, Hédio; **Anti racismo – Coletâneas de leis brasileiras – Federais, Estaduais e Municipais /** Editora Oliveira Mendes, 1998.

SOUZA, Flávia Faissal de. **Estrutura política excludente, práticas culturais normalizadoras, políticas de alívio à pobreza.** O lazer em questão. in :Lazer e sociedade: Múltiplas relações / Organizador Nelson Carvalho Marcelino. Editora Alínea. Campinas – São Paulo. 2008.

TESSAROLO, Enzo; **“Invictus” e o uso político do esporte.** Disponível em: <http://www.politicaglobal.com/politicaglobal/Enzo/Enzo.html> - Acesso em 13 de agosto de 2010 às 22:41.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p 152.

ANEXOS

ANEXO 1: Ficha técnica da Entrevista 01

Projeto: (Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Número da entrevista: 01

Entrevistado/a: João Estanislau Laureano

Nascimento: 07/05/1934

Local da entrevista: Clube Palmares, Av Roma Volta Redonda - RJ.

Entrevistador/a: Carlos Gomes de Oliveira

Data da entrevista: 26/03/2010

Transcrição: Carlos Gomes de Oliveira

Conferência Fidelidade: Carlos Gomes de Oliveira

Pesquisa: Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Fitas: Gravador digital: Nokia X2-01

Total de gravação: 40 minutos e 48 segundos

Páginas Digitadas: 24.

Entrevista do Sr. João Estanislau Laureano concedida ao Prof. Carlos Gomes de Oliveira na sede do Clube Palmares de Volta Redonda, município do Rio de Janeiro, no dia 26 de março de 2010.

Entrevista número um, com o Sr. João Estanislau Laureano ele é o Presidente do Clube palmares de volta Redonda, nós vamos na verdade mais é bater um papo não é, do que qualquer outra coisa... ééé trata-se da pessoa fundadora do Clube idealizadora então nós vamos conversar muito sobre tudo isso, sobre a origem, as dificuldades né e o que que era feito no início até os dias de hoje no Clube.

Carlos - Bom nós podemos deixar aqui, ou se você preferir ficar com ele na mão, o bixinho aí é potente.(Falando do gravador digital)

João - (Riso).

Carlos - Bom... fala pra gente da origem do Clube, como é que foi que surgiu a ideia o por que...a necessidade de fazer o Clube? Fique a vontade.

João - É, pois bem! Isso aconteceu na década de 60 né precisamente 64 né... Eeeera comum naquela época, rapazes e moças né...de volta redonda né...frequentar a praça Brasil..... e lááá tinha uma fonte luminosa e a gente ficava ali dando umas voltinhas, conversando, futebol, namoradisse, né... eeeee, política, colégio e tal e ali havia uma certo éeee integração... negros e brancos né... e era alunos de colegas de colégios e aí colegas da CSN funcionários da CSN..... e não...não é? também não funcionários né...

Quando ia aproximando ás 10 horas o grupo ia desfazendo, muitos daqueles amigos um uns ia pro Náutico, Clube Náutico, outros ia pro Clube Umuarama, outros pro Clube dos funcionários da CSN apesar de sermos funcionários da CSN nós não tinham esse privilégio né e sobravané (**pausa**) ééé... normalmente sobrava eu e o Nazário. Como nós morávamos na mesma direção né a gente subia pela rua 33 e conversando sobre vários outros assuntos e um dia me deu uesm estalo, né?, eu sempre gostei de dançar, de gafieira, né?, morei no Rio, joguei né no Madureira, frequentei a Gafieira Elite, Santana, Elite do Meyer, né iiiii quando vim pra qui continuei dançando e tal mais não podia frequentar esses Clubes né. Aí deu aquele estalo. [...]...Nazário por que que a gente não funda um Clube pra qui... se algum dia , se algum dia nos casarmos nossos filhos não vir passar pelos mesmos constrangimento? Coisa simples, *geitinho* bem no ar né?

Nazário era estudante de engenharia, “**nossos**” estudava no Rio na, na Nacional agora UERJ se falha a memória né?, e eu fazia o científico. (**pausa**) Ai nós, né uma boa ideia e tal e coisa mais ele era um cara muito inteligente, bem.. muito compenetrado e tal né ia passado uns 15 dias né?, foi pro Rio e tal, voltou, deu aquela ideia do Clube, vamos pegar uns estatutos pra gente formalizar o nosso estatuto. Você pega um, aí já tinha falado com uma colega dele de infância, Maria da Glória que foi a primeira Professora negra né de Volta Redonda né e aqui não tinha faculdade, Maria da Glória fez faculdade na Santa Úrsula no Rio de Janeiro e ele estava fazendo Engenharia que aqui não tinha né (**pausa**). Aí a Maria da Glória pegou estatuto do, do, do falha a memória Círculo do trabalhador cristão e eu peguei do Minas Esporte Clube que é um Clube de Barra Mansa, ele pegou dos funcionários e marcamos uma reunião né?, pra estudar os estatutos pra elaborar o nosso estatuto. (**pausa**) Aí foi feito um rascunho né?, foi datilografado e tal, aí começamos a divulgar a ideia de fundar o Clube né?, até então tinha estatuto hummm, rascunho né?, mas não tinha a ideia de fundar o Clube.

Como. (**pausa**) Os negros de Volta redonda não eram, acei...nenhum, não eram aceitos, nenhum dos Clubes, né?, a ideia propagou com muita facilidade né. [] ... Ah! Estão fundando um Clube aí de Negros e tal e coisa né? E não era Clube de Negros, era um Clube com a “fra” a finalidade com o objetivo de integrar o negro na sociedade Voltaredondense né?

Carlos - Mas Negros assim, eles não eram aceitos de uma forma aberta nos Clubes?

João - Não!... (Bem afirmativo)

Carlos - Ou tinha alguma coisa por trás?

É veja bem...Você, quando conseguia uma proposta (**pausa**) pra preencher, que primeiro que era difícil conseguir, quando conseguia a proposta, (**pausa**) não tinha vaga, no quadro social. Aguarda mais um pouco e tal e a maio a maioria deles eram amigos, eram os nossos amigos com di telévi di trabalho di, di, di, né?, di colégio né?, então se via claramente que o problema era, era preconceito, né?, não tinha vaga no quadro social. (**pausa**)

Eeee... (**pausa**) Bom! Aí a ideia se foi propagando e foram surgindo novos e adeptos né?, a, a, ideia da, da fundação do Clube, e foi quando marcamos uma reunião com um número maior de pessoas né?, pra escolher o nome do Clube né?, até então não tinha, tinha a ideia mas não tinha nome né?

Aí nessa reunião surgiram vários nomes: Utuba, 13 de Maio, 15 de Novembro, Semiami e Palmares. Palmares, aí, foi colocado em votação, Palmares teve uma votação aí é, é, estrondosa né?, por que... Tinha uma certa afinidade é com a, com a nossa proposta né?, o nome do Clu... Palmares, apesar de na época eu particularmente não conhecia nunca tinha visto falar no quilombo dos Palmares...

Carlos (Riso)

João - Não sabia, isso aí era né? Mas quem sugeriu o nome deu exatamente, cada, cada proponente, não sei se está certo o nome, né ééé defendia o nome da, da entidade da, du, defendia o nome que ele estava propondo pra que seria que fosse o grupo né do, do grupo né? Seria da, da, da, então pela proposta da Palmares, achamos que pela proposta da entidade nós achamos que eu nome Palmares né tinha mais maior afinidade na, né... **(BUZINA)** com a nossa proposta... **(TOSSE)**...foi escolhido então o Palmares.

E o Palmares foi fundado oficialmente em 31 de Janeiro de 1965, com esse objetivo de integrar o negro na sociedade de Volta Redonda. Um período de repreensão militar, né **(TOSSE)** as nossas. Bom! Vamos deixar isso pra lá... **(Sinetas tocando)** Pra você ter uma ideia, ééé, como nós não tínhamos sede social, né as nossas reuniões, as primeiras reuniões foram feitas em um barracão de madeira, onde hoje é a atual rodoviária da cidade. Né. **(Sinetas tocando)**

Com a colaboração de dois amigos, né o Elcio e o Lú, que jogavam no Clube, no maior Clube de Volta Redonda, né que era o Guarani Esporte Clube né eles conseguiram que a gente reunisse na, na sede do Guarani Esporte Clube aí passamos a reunir num ambiente melhorzinho um pouco né?, e no centro da, no centro da Vila Cecília né.

Mas na medida que o, que foi crescendo número de adeptos, a ideia né?, a sala começou a ficar pequena,

Carlos (Riso).

João - Né aí passamos a reunir no Colégio Trajano de Medeiros né , e era uma reuniões assim muito festiva, muito alegre, porque de repente já tinha muitas moças né?, gente jovem, jovem não estava com uns 30 anos já né?, mas solteiro ele tanto eu quanto Nazário né?, e parecia não o cara tal né estudado e tinha os Pais né?, quer dizer, nós convidava os Pais né... Éee...Levava a proposta né da, da finalidade do Clube tal né queria um Clube social ea e antes da ideia de fundar o Palmares, haviam surgido várias ideias de fundar uma gafieira de elite, né ééé, éé

tinham os Clube ééé... improvisados que a gente frequentava, mas não frequentavam a família que pagava na porta né então entrava o Sr. de toda né?, toda, toda a espécie né?, então os Pais não, geralmente naquela época era Pai de é filha de família não frequentava esses Clubes.

Carlos (Riso)

João - gafieira né Clube infernizado. Então-se Quando nós convidamos os Pais, né?, os Senhores né Não seria Pais, senhores mais idosos, né?, me lembro muito deles, Balbite, procuramos é exat... éé...para dar um cunho de maior seriedade na entidade né?, não só convidamos essas pessoas mais idosas e que tinham uma certa posição dentro da empresa na CSN. Aí o pri, primeiro a ser convidado foi o ba... João Balbino, que era Mestre de, de, de auto forno, mestre da mecânica de auto forno, Aristides Caldas de Rezende era mestre de telefonia, Sr. José Pereira era mestre da parte elétrica né éé, parte elétrica né bal uuu... José Rosa né?, era mestre de ponte rolante enfim, José Gomes, foi o primeiro técnico negro né em volt...na, na CSN, né?, formado em, formado em metalurgia na, na, na, Escola técnica de Ouro Preto né?, Prof. de Inglês né?, convidamos o Prof. Raimundo. Todo esses senhores né? eram senhores chefe de família, né?, êêê... foi bom que as vezes eles levavam as meninhas né? (**Risos**).

Aí nós aos domingos (**TOSSE**) as reuniões começaram a ficar muito festivas né?, muito não come, começaram a ficar festivas porque havia aquela integração né?, as meninas levavam, levavam salgadinhos né e bolo e nós rapazes homens né, que não era só rapazes, senhores homens, levava é, pagava é, é, levava refrigerante e ficava combinado, vocês trazem refrigerantes né e ficou aquela coisa muito familiar, muito aconchegante, e como não tínhamos sede, né?, aí começamos a fazer os bailezinhos nas casas de família, ah! Na casa de Baubino, na casa de Nélio e tal.

Carlos - Oh legal!

João - Aqueles bailezinhos tinha um que ficava na portaria pra não entra né na, na porta né?, por né na porta né?, mas chegou um momento que não dava mais para continuar fazer os eventos em casa de família.

Isso no dia 13 de maio, de 1965 né? N=

ós apresentamos o Clube a sociedade. Com uma, uma noite cultural né?, onde foi realizado recital de piano, já tinha o coral do Clube Palmares né?, que era o pessoal da Igreja, eram negros todos negros da Igreja Nossa Senhora da Aparecida

que associaram ao Palmares já cantava na Igreja e formaram o coral do Clube Palmares, ficou muito conhecido na cidade é coral já formado lá na igreja né todos negros e (**TOSSE**) Então nesse evento, nessa apresentação a sociedade nós ficam nós ééé tivemos coral, apresentação do coral, um recital de piano, resta de poesia eee...pequenas esquete, dança, dança afro né?, essa foi a primeira apresentação do Clube a sociedade mas soci ééé huuu entida uma, uma promoção cultural.

E no dia 31 de julho, depois de muito sacrifício era até difícil a gente conseguir alugar algum desses Clubes né? Em fazer ofício, é difícil ter uma vaga e tal, né?, até que conseguimos uma vaga para fazer o primeiro baile Palma, Palmarense que ficou chá, ficou conhecido como baile: **Noite do Samba** de uma apresentação apresentamos uma roda de samba né?, antes do baile né? e ááá as 18h roda de samba e tal né?, eee, capoeira e a noite o baile Palmarense, é esse baile aí que ce vê todo mundo de terno e gravata e Braga (**Risos**).

E daí né? eeee a partir daí né? Aumentou mais o quadro social, chegamos ter 485 associados, mais 500 dependentes né?, e sem ter sede isso né? Se tivesse sido uma sede, eu nem tinha esse espaço aqui, Né?

Carlos - Isso já no primeiro ano?

João - No primeiro ano eee aí (**TOSSE**) coma ajuda, com a, com apoio do Prefeito do, da época, (**pausa**) Eraaa Chico Torres, nós conseguimos, veja bem, nós éramos funcionários da CSN, a CSN tinha o Clube Umuarama, o Clube Náutico, o Clube éééééé, aero Clube, o Clube dos funcionários, a gente não conseguia vaga nesses Clubes. Fomos conseguir no Clube Comercial, que era do pessoal do comércio e o Prefeito, o dono do Clube era o Prefeito da época né? Chico Torres aí nós fizemos uma parceria com o comercial, passamos a fazer de 3 em 3 meses, 2 em 2 meses, fazer Clube o baile, os Bailes Palmarinos né?, um sucesso, né? Isso durante uns 4 anos nós, as nossas atividades eram feitas assim.

As atividades, como se só consegui em nos bailes em que aluguel e tal né? De 3 em 3 meses né?, a gente intercalava nesse período com promoções culturais né?, nós conseguimos auditório da escola técnica onde fazíamos, alias a primeira, a segunda palestra, na primeira foi uma, foi uma, a primeira foi essa atividade recreativa vamos dizer assim. A palestra, a primeira palestra foi no, auditório da escola tecnnn em em sociólogo Edson Carneiro. Ele deu ahhh! Trouxe assim uma bagagem de,de,de conhecimento sobre a África que a gente totaaa ééé.

Ignorava totalmente né?, porque os livros didáticos né?, não passavam nenhum desses conhecimento pra gente daí, ele, quando ele, ele cole ele, ele colocou no quadro zé do quadro, já trouxe pronto o quadro da, da, da, continente africano o, porque pra nós, é ate pro pessoal da minha época , até hoje tem essa concepção né?, a África é um paiszinho né?, de um modo geral a, principalmente a população brasileira não, desconhece a África como um continente com 53 Paises.

E nessa época quando ele falou, trouxe um mapa, mostrou pra gente aqui, aqui fica a Guiné, aqui uuu o povo belga, aqui o Irã um, um né? I mostrando pra gente os negros que vieram de Angola, dos Bantos, enfim, as várias etnias que vieram do, do , do, da África para o Brasil, e a contribuição que elas deram da formação da riqueza da, da, da, não só da, da, da nos trabalhos da cana de açúcar do, do, do, do da mineração, mas também a cultura né? Que eles trouxeram de cultura, já conheciam a fusão do aço, a navegação, né? Eee a gente aí começamos que um deu um , parece que tava crescendo hum! Ficando de um tamanho da **(Risos)**. de um gigante. Pô mais nós viemos de lá? Uhh, e se é que nós viemos num navio negreiro ah pó engenho de cana de açúcar e só aí ã? Viemos com toda essa bagagem, conhecimento de navegação, de mineração de aço, eee agricultura né?

Então, daí, a partir daí começamos a interessar mais, enfim, conhecer melhor a história da África né? Eeee, foi miuto bom né? e com nos conscientizando mais, e é o objetivo maior é o integrar na sociedade, aí começou a criar essa, essa cultura né?, Essa cultura Afro-brasileira, vamos chamar assim, já não era mais a cultura africana era afro-brasileira porque já estava aqui com esta mistura ali de candomblé, hum pandra, religião, católica né i então essa foi a primeira palestra que nós nós tivemos com o professor Edson Carneiro e depois tivemos varias que na época como te falei se intercalavam né eram comum por ocasião do aniversario du du Clube, fazia uma semana de, de atividade cultural, homens, público,psi psicólogos, sociólogos né? eee a que tiveram depois Valdemar Ferrera, salto tripsi né? fazendo a palestra com a gente, teve o bairro embaixador do Senegal né o Arrichener Dalshini, sei lá né Arrichiner dalshi ele não deu nome **(Risos..)** não sei o **(Risos)** não num sei o nome do embaixador do Senegal né! Éeee depois eu procuro o nome **(Risos)** na internet **(Risos)**. Não sei não não, a eu sei sim! **(Risos)**

Depois euu vou te mostrar na na na na na, na no histórico ali do Palmares ali que eu vou deixar com

Carlos – aham

João - você né? tem o nome dele completo e é o meu filho, o meu filho é o vice-presidente Carlos - é já falei com ele, Rarara.

João - É mais éee entende só mas é intelectualizado Rããããaaa... Mas éeee (**PAUSA**). Tivemos né essas atividades estruturais com varias personalidades né (Sinetas tocando) e foi muito importante na formação da (**PAUSA**) na formação acadêmica da do povo negro brasileiro, nos (**PIGARRO**) na formação acadêmica do negro (**ARRANQUE DE CARRO**) nas nossas redondezas.

Primeiro engenheiro negro da CSN foi o Nazário, foi o

Carlos - O Nakarino

João - Éee depois teve o Elias e daí, eu acho que nenhuma empresa, no Brasil dentre os seiscentos e trinta engenheiros brancos, seiscentos e trinta engenheiross, nós tivemos oito engenheiros negros, na mesma empresa eu não conheço. Sempre tem um, dois, três , e aqui nós tivemos oito né? E todos a eeee eram associados ao Palmares né, isso formou uma consciência né de ãã como o objetivo era uma integração uma das, uma das razões maiores que a gente tinha e eu já falei que era estudar como poderia integrar na sociedade eletista como era a não ser através desse conhecimento né (**CACHORRO LATINDO**) e daí a gente teria que estar em condições de igualdade com a falsa elite, que hoje nós chamamos de falsa elite né e agora agente conhece bem todo mundo, an?. (**Risos**).

Éeee é de repente muito desses brancos, amigos né, que frequentavam esses Clubes, mais tarde eram as vezes eram subordinados nossos e muitos pararam no ginásio e outros nem terminaram o ginásio, alguns tinham cursos técnicos. Nazário fez engenharia depois fez administração. Nazário aposentou como superintendente de a de de profissão montagem e eu aposentei como chefe de divisão, então a gente via que era errra uma falsa elite, não era elite né simplesmente, havia essa divisão ai né!, mais éeee (**PAUSA**) tivemos um vários problemas, varias dificuldades né, como eu disse pra você, euee o o que os funcionários, funcionários da companhia Siderúrgica Nacional. O Clube Umuarama, O Náutico, e o Clube é o é aeroclube, todos estavam na na área da CSN.

Como nós éramos funcionários da CSN né? Achamos por bem reivindicar também, um terreno pra construir né,

Carlos – (Riso)

João - Formamos uma comissão, né, a qual fiz parte, né e fomos conversar com o diretor social da época, né. Estábamos fundando o Clube, né. E como na não temos espaço no no nos outros Clubes , né, não somos aceitos, nos outros Clubes e tal, estamos fundando um Clube não de negros, mais um Clube pra integrar o negro na sociedade e tal né. (Pausa) Ele (Pausa) decidiu da a resposta depois, e eu estou aguardando até hoje!

Carlos – E essa solicitação foi também logo no primeiro ano? digo

João – No primeiro ano! Nos nos primeiro seis meses né?

Carlos – Uhum

(PAUSA)

João - Isso éee disseram na época em que, alguém falou pra ele que nos estavamos fundando um Clube racismo e que em Volta redonda não tinha racismo!

Carlos - Aaaa.

João - Né, tudo bem! Mas graças a Deus (Pigarro) isso aconteceu, como o quadro social estava crescendo e precisava de um espaço né, ai decidimos então comprar um terreno né, eeee **(PAUSA)** depois de varias procuras né, conseguimos esse espaço aqui. Esse terreno tem novecentos e quarenta e cinco, novecentos e quarenta e cinco metros quadrados, custou três milhões trezentos e cinquenta e cinco mil cruzeiros, em duas parcelas de um milhão né, e o restante dividido em quarenta e oito *prestações lertas de cruzeiros, eu estou te dizendo isso porque eu era diretor de cinzano da época (Risos)*.

Foi o que eu quis passar ai pra comissão que negociamos o terreno e tal né, e graças a Deus, nós com toda dificuldade, conseguimos paga o terreno, hoje somos proprietários legítimo, os outros, Clubes né, já citados, estão na área da CSN, com a privatização da CSN, era comodato né,

Carlos – Hum

João - O presidente da CSN está reivindicando a posse da da da du, e eles não tem condições de comprar, porque a, com a privatização da CSN diminuiu o quadro só, acabaram com o desconto em folhas né, de pagamento, diminuiu o quadro social, maioria tem Clube devendo cento e oitenta mil reais só de encargos sociais, né. E então eles não tem condições de comprar né, eee estão numa situação né, muito delicada e nós somos proprietários **(Risos)** temos as nossas dificuldades né, a, porque quando compramos terreno não tinha nenhuma casa em torno, e aqui é lote um e dois da quadra A, o loteamento era dividido em quadra

Carlos: Uhum

João - né. Ai depois foram surgindo as casas em torno do Clube iii (**PAUSA**) iiiiaa a velha historia do preconceito né, o aliais é quando nós resolvemos que ela estava aberto né, aaa nos compramos ai em sessenta e cinco e levamos quatro anos pra pagar, fofa foram varias tentativas de construir alguma coisa mais não foi possível.

Eeee em mil novecentos e setenta e oito né, bem aqui onde nós estamos tinha uma árvore grande aqui né, ee o terreno era é accidentado né, aqui foi uma uma terraplanaginha aqui né, (**RESPIRAÇÃO FUNDA**), ai quando resolvemos aaaaaaa, tivemos condições de murar o terreno, ai surgiram, as aflorou o preconceito

Carlos -É,

João - né. (**PAUSA**) Fizeram até uma matéria no jornal né, pedindo ao prefeito par desapropriar a gentii (Latido), né eoo o espaço onde poderia ser uma praça, pras crianças brincarem, (**LATIDO**), pros velhos sentarem, pras crianças brincarem aqui e os velhos sentarem agora chegou um um um grupo de samba dizendo que o terreno é deles, um grupo de samba. Se os senhores apropriaram a esse grupo né, nós vamos construir uma praça e dar o nome na praça Coronel Aluisio que era o prefeito na época né, ai ele nos chamou lá né, eee (**LATIDO**), querendo saber se a gente tinha interesse de de de (**LATIDO**) construir o Clube em um outro local. Eu disse: olha, prefeito, nós compramos o terreno né e já consciente de que ali era possível de acordo com o código (**ARRANQUE DE CARRO**) com o código de obra da prefeitura, no bairro é permitido a criação de Clube, teatro e cinema. Nós compramos pra construir um Clube, então nós estamos dentro da lei e somos legítimos, proprietários legível dele, (**LATIDO**) então não temos interesse nenhum de sair de lá. (**LATIDO**) A não ser com uma proposta melhor né. (**TOSSE**) Ai ele (**LATIDO**) tudo bem e tal, deve ter convidado deve ter passado as informações pros, pros abaixo-assinado pros responsáveis pros abaixo-assinados, mais tarde ele ate me convidou pra ser o vice dele né,

Carlos – (Riso)

João - quando ele era Biônico né,

Carlos - Aham am?

João - Ai ele me convidou pra ser o vice dele né, ai tava dando bem com ele e tal né, mais acho que nunca tive vocação política né, não tinha como ter ainda né

Carlos – (Riso).

João - Daí perdeu, não ganhou não, ele era Biônico né, já tinha aquela magoazinha de de da repre da repressão né, mas éeee Carlos como a gente ta num período de de (**SIRENES TOCANDO**) repressão militar, a nossas atividades, agente ficamos sabendo mais tarde todas as nossas atividades sociais dos bairros é as palestras que promoviam elas eram monitoradas por um sargento do batalhão de Combate do Barra Mansa do PIB né, eram monitoradas né.

Porque o Sargento era negro e se infiltrava no nosso meio,

Carlos - Nossa!

João - Mais tarde depois de muito tempo né, de não de não se constatou nenhuma nenhum ato subversivo né, aí ele falou pra gente: eu sou Sargento né, estou aqui a a serviço do exercito e não constatei nada e quero entrar de sócio do Clube (**Risos**).

(TOSSE) (ARRANQUE DE CARRO)

Carlos – Saíram no lucro Risos

João – Hum?

Carlos – Saíram no lucro! Risos

João – É saí no lucro.

Carlos – Mais um! Risos Que legal!

João – Mais ai é o caso né? Tivemos né, tivemos varias, as mais particulares são as falhas.

Carlos – Mas assim a duvida, do que da onde que surgiu essa ideia de que de repente eram atividades subversivas que estavam acontecendo aqui, pra eles mandarem uma pessoa infiltrada no Clube?, isso...

João – Ah, o período de repressão militar ora, de sessenta e quatro até oitenta? oitenta e dois né, então todos, todos os movimentos sociais eram fechados, com sindicatos e varias organizações e nós fundamos o ooo Clube no período da repressão militar. Então eles aaaa, a finalidade exatamente ver se a entidade tinha algum ato subversivo né, poderiam ir atrás da questão racial da do integração do negro e alguma né, alguma...Quando poderam anunciar mais a política subversiva será né,

Carlos - É,

João - ação subversiva, mas não foi constatado

Carlos – (Risos)

João - mas então né Carlos nois passamos por varias fazes, foi a primeira faze né, essa ai a deee organização de estatuto, secretaria, secretaria eeee eee area area arregimentação de associados né e eticetera eticetera, e mais essas atividades que já comentei. **(PAUSA)** Quatro anos depois nós saímos da diretoria, nos os fundador, eu era, eu sou sócio numero 3, Nazário so sócio numero1, a Maria da Groria 2, eu numero 3 e mais a diretoria era composta de 15, a e pra dar também um cunho magistério ao Clube, nos convidamos Lucio de Andrade que foi o primeiro presidente do Clube Palmares, que era também chefe de de turno de inspetores metalúrgicos, né ee e inclusive foi o primeiro vereador negro da da cidade né. A ele ate mais ou menos parecia um pouco com você né,

Carlos – (Riso)

João - ate você ate vai ver aqui na foto o cara né, **(RESPIRAÇÃO)** mas então o Carlos éee, passamos varias fazes né, saímos de uma diretoria, a outra diretoria resolveu alugar um espaço, ée de boliche, com o objetivo de conseguir recurso pra construir mas, não foi muito bem né, que tinha uma serie de encargos né, aluguel, água, luz, telefone, secretária, não é não ficaram lá por seis anos trocando figurinhas né, foi quando nos chamaram de volta né, e eu sempre gostei dessa parte econômica né,e fiz uma uma radiografia geral, dada da situação e disse ô não tem condições de continuar aqui né. **(LATIDO)** Vamos entregar o Clube né, o espaço aqui que que tá funcionando o Clube improvisado e vamos voltar pro terreno, foi quando nós moramos no terreno e veio essa polemica que disse ai pra você Carlos - Comodata ?) é.

Bom mais na década de 80 surgiu o movimento negro, **(PAUSA)** o movimento negro surgiu o movimento negro aqui em Volta Redonda né, foi precisamente 80 81 **(RESPIRAÇÃO)**, e eles tomaram o conhecimento do Clube, do espaço, né. Tinha o nome do Clube né, só tinha o terreno e o quartinho lá em cima, não tinha nada né. Nessa condições improvisadas que se Deus quiser nois vai muidar isso aqui né, ta vindo uma verba ai tal né

Carlos – Uuu

João - medida parlamentar né, maaas **(TOSSE)** esse esse esse grupo de movimento negro né, eu acho que o movimento negro, acho não ele deu uma grande contribuição no combate da a questão racial do Brasil, divulgou foi pra rua né, mas aqui em Volta Redonda não sei nos outros estados, eles no inicio foram muito agressivos, muitos estemados né e eles naquela época do do cabelo Black

black power né, e e muita gíria e tal, você via nossas fotos ai a negrada toda de terno e de gravata né, então houve um choque de geração (**PAUSA**), e nos fomos praticamente afastados do Clube, os fundadores.

Nois era um negro eletistas, burguês né, eticetera eticetera né, e é isso e estamos ai juntos né. E ficaram aqui didi da década de 80 ate 98, fazendo atividades culturais né, e festiva né, e muita militância, fizeram partido e o movimento negro do PDT e tal né, mas não houve assim nenhum avanço com relação a sociedade do Clube, porque era um Clube social né, militância, política né, ai em 98 o Clube individado que eles não tava conseguindo pagar os encargos já né, sociais na época né, água, luz, telefone né e o pessoal da manutenção (**TOSSE**), e a dívida também do fornecedores de bebida né, ai me convidaram, com um comunicado me convida e tal, só que o Clube já havia sido desfeito né, éee eu disse olha eu não tenho mais o projeto pro Palmares , aposentado já com 65 anos né.

Mais depois de muito insistência, eu disse: Ta bom, tudo bem. Eu não sei trabalhar comu ée do jeito que vocês trabalham, era movimento, durante esse período ai não teve eleição né, não houve nenhuma eleição, não houve nenhum registro de nada né, até que não tem nada registrado desse período ai né, diii movimento né. Ai convidei algumas pessoas que já já estavam aqui do movimentos, vamos formar uma diretoria, provisória, né, (**PAUSA**) e (**PAUSA**) um Clube com vinculo social que é um estatuto, eles nem conhecia estatuto se conhecia ignorava né.

Ai formou a diretoria provisória né, contendo seis membros né, e comecei a reestruturar o meu objetivo era exatamente reestruturar o quadro de sociado, já não tinha mais associado, com a privatização assim parou de descontar em folha de pagamento a razão de quebrar os outros Clubes, o Palmares já tava quebrado a muito tempo né, ééé (**TOSSE**), ai tentei, tentei não, comecei a reestruturar o quadro social, a diretoria, (**GAIVOTA**) ééé, atualizei o estatuto (**GAIVOTA**) de acordo com o novo código civil né, paguei algumas dívidas, algumas não, todas as dívidas tive que pagar né, (**GAIVOTA**)(**PAUSA**) eeee (**GAIVOTA**)(**PAUSA**) voltando o concerto em 90 e alguma coisa ai, e fazendo, voltei fazendo atividade né, adiversá por exemplo, fazia a mista afro né, (**GAIVOTA**) é (**TOSSE**) éé lançamento do do bio correria de rastro com o poeta Roberto Delano né, fazia ai um a uma movimento cultural, e no final de semana um pagodi, esse pagodinho que já tanto, né.

E no final de semana o pagodinho né, pra ajudar ai na na receita do Clube e tal né, ee (**BUZINA DE TREM**) e estamos fazendo isso ãã até os dias de hoje né, você viu ai a a última, você vai ver ai os folder da última programação do dos, que foi agora dia 31 de janeiro né (**BUZINA DE TREM**)(**TOSSE**), aliais é, eu assumi o Clube em 98 e de 98 ate agora, todo, faz todo final de semana, temos atividades né, com as melhorias que nós fizemos durante o período. Você ta vendo ai esse banheiro é novo, o banheiro era lá em cima Carlos - huhum) o banheiro é novo né, banheiro masculino e feminino, o barzinho né, (**LATIDO**) aqui era eraa (**PAUSA**) o bar era do outro lado né, o né o telhado aqui era de folha era de (**PAUSA**) de telha francesa quando chovia vazava pra todo lado né, então Carlos - Risos) trocamos o telhado aqui, trocamos lá, fiz uma, fiz uma sala de aula onde demos a primeiros cursos sobre a historia da África, depois nos vamos falar ai da das atividades todas que foi feita né, que vem fazendo de 98 pra cá, eee (**GAIVOTA**) (**PAUSA**) (**GAIVOTA**) onde eu parei aqui. (**GAIVOTA**)(**LATIDO**).

Carlos – Você falou da das melhorias lá, reformas, é pra colocar tudo em ordem de novo.

João – É fizemos essas melhorias e naturalmente é pra ajudar na receita do Clube né. A, a não a nota era a nota era as atividades, então além das atividades de final de semana atualmente a gente tenha conseguindo alugar né. Semana passada mesmo (**MARTELADA**) teve um casamento afro aqui no no...

Carlos – Nossa

João - dia 7 teve um aniversário, dia 27 agora tem um aniversário de criança né. Então com essa pequena melhora que nos fizemos, ta ajudando aqui nas receitas, porque o quadro social é pequeno né, ajudando nas receitas eee mas as nossas éé, continuamos fazendo as atividades ééé culturais né, principalmente por ocasião do da aniversario do Clube, 20 de novembro né, esse, essa última atividade por exemplo pra mim foi uma das melhores que eu fiz aqui né, durante esse período esse retorno né, nos tivemos, você vai ver o folder ai eu vou deixar com você (**MARTELADA**) ééé tivemu, uma apresentação dos chardistas né, fazendo chardes né, naquele espaço lá, que depois você vai ver, aqui tivemos uma exposição afro né, éé cum (**PAUSA**) vários quadros né, e de pinturas né, eee tivemos a missa afro que foi um sucesso sempre um sucesso a missa afro você já viu ali né a foto da missa afro.

Depois da missa afro tivemos a, a a Zezé Mota conversando com as mulheres, né vou te deixar um folder com você né, da programação. Ai tivemos o almoço e depois do almoço tivemos uma palestra com o Zózimo Bombo, cineastas né, (PAUSA) após a a a fala dodo du Zózimo e a da Zezé ai tivemos o almoço(PAUSA), não não, após a fala du Zezé tivemos o almoço, depois do almoço foi o Zózimo né, O Zózimo Bomboa. Após a fala dodududu Zózimo tinha uma apresentação de dança dos orixás, tivemos ééé dança dos orixás éééé, (PAUSA) toda a programação depois eu te mostro. A dança dos orixás e.

Carlos - Isso tudo era desenvolvido pelo, pelo pessoal do Clube mesmo mais alguns convidados.

João - ééé não são grupos são grupos convidados dado dos orixás, depois tivemos jongo né e fechamos com samba de raiz né?

Carlos - Entendi!.

foi um dia festivo né. Cumeçamos (TOSSE) 9 horas da manhã né, e fechamos a meia noite. Então foi uma das das atividades mais, ééé diria gratificante que eu fiz aqui, durante esses 10 anos de retorno né

Carlos - Certo,

João - e tivemos condição de trazer né, não só esses grupo mais trazer uma artista de peso né que é a Zezé Mota né e o Zózimo Bomboa né. Os a palestras também aqui com a gente. Mas o oo Carlos nem tudo são flores Carlos - É, vem as dificuldades que (João: É) quando começam a aparecer..) é veja bem, então é (PAUSA) como eu te falei quando nois compramos o terreno não tinha nenhuma casa em torno, na medida que foram construindo em torno começaram a surgir as (PAUSA) as provocações vamos dizer assim, né. Eeee propostas de troca do terreno, o terreno na periferia né e a gente não aceitava e tal né, eeee mais era se propostas e trocas eee uma uma manchetes do jornal como aquela que eu já ti falei né de construir a praça e tal.

Carlos - Huhum,

João - mais agora em 2005 (PAUSA) a as 3 senhoras que mora em torno do Clube fizeram um abaixo-assinado, tem ai o abaixo-assinado que depois eu vou te mostrar,(RESPIRAÇÃO FUNDA)(PAUSA),

Carlos - Que isso?. Ahm?

João - Fizeram um abaixo-assinado dizendo que o Clube, pedindo ao prefeito pra tomar as providências com relação ao Clube né, que o Clube funcionara ate alta

hora da madrugada chegando ao amanhecer, que não é verdade, as nossas atividades vão até a meia noite, né. Porque todo mundo trabalha, né, menos eu que sou aposentado, mais os músicos né, o pessoal de portaria, de bar , né, eee criança frequentando o espaço, éééé o em o horário não permitido, as instalações precárias e sem segurança, né, pedindo pro prefeito pra toma as providências.

Ai teve aqui o é o juizado de menor, (**PAUSA**) várias vezes e não constatou crianças, no pagode não tem, tem criança durante o dia e quando tem também é acompanhado pelos pais, o que é permitido por lei. Ai a o juizado deu o parecer né, e não foi constatado nenhuma irregularidades. O corpo de bombeiro o capitão do corpo de bombeiro esteve aqui, e verificando as as instalações viu que não tinha nada precário, é modesto, as instalações são modestas mais não são precárias, né. E as colunas né, de uma de concreto outra de madeira de lenha e tal né, e se Deus quiser vamus mudar, ta pra vim uma verba ai pra gente colocar uma laje e tal né.

Carlos - (Riso)

João - iii mais ai tão apelando para o som, como é o som é lei federal né,

Apesar da gente do som, ele só é prejudicial a partir de 80 decibéis, mas a lei diz que tem até, até as 22 duas horas são 60 decibéis, a partir das 18, das 22 horas 50 decibéis né (**PAUSA**).

Um ônibus na rua ele chega até 70 decibéis, o aparelho dedede secar cabelo chaga a 70 decibéis, mais ai a fiscalização vem aqui e pega 60, 65 decibéis e começou a nos multar, né, a pedido das 3 senhoras que moram em torno do Clube né. Eu tenho ai todo o processo ai, ai eu fui intimado a i na na no ministério público né, ministério público não é, como chama o órgão éééé (**PAUSA**), esqueço o nome do órgão no momento, depois eu te falo. São tantos ministérios que a gente vai sabe né (**Risos**), éé o povo que tá fazendo agora né (**TOSSE**) ai conversando lá com a, com a promotora, eu disse ô promotora, promotora a nossa finalidade não é samba, a nossa finalidade é cultural, é esportiva né, e ai olha eventualmente nós fazemos um samba no final de semana pra ajudar na receita do clube (**PAUSA**).

Intão o que fazer é haver uma certa tolerância num é? Porque 60 decibéis né, sei é lei, mais num prejudica ninguém. Por exemplo eu trabalhei nanana CSN 36 anos nós convivia com 80 decibéis, até 80 decibéis é permitido a partir de 85 decibéis né, cum determinado tempo né pode vim a prejudicar né. Não mais ta resumindo, elaaa disse que não podia passar de 60 decibéis, ai eu comprehendo Doutora eu vou tomar as providencias.

Levantei aquele muro, levantei mais 2 metros né. Comprei um decibelímetro, **(PAUSA)** e passei a monitorar né, mais eh muito difícil manter 60 decibéis qualquer atividade, como eu havia falado ônibus na rua né chega a 60, 70 ate 80 decibéis

Carlos - É verdade né.

João - Ai veio outra comunicação, lá vou eu na promotora né. Eu sou intimado né. A o senhor, o senhor prometeu tomar as providencias, tomei as providencias, eu to medindo to acompanhando e tal, sempre que passa eu vou lá peço pro pessoal du, dus músicos pra ajustar o som né, não mais você vai ter que assinar um termo ai de ajustamento de conduta dizendo que não vai deixar, não vai permitir passar de 60 né. Doutora não é intenção da gente, ai a infelizmente o som ele propaga com uma certa facilidade, eee eee nesse você não consegue controlar os músicos mais a minha intenção não é essa e tal né. **(RESPIRAÇÃO) (PAUSA)**

Ai passado mais uns dois ou três meses, ai o fiscal, primeira multa **(TOSSE)**, mil reais. **(PAUSA)** Depois veio uma outra multa de mil, paguei as duas de mil, um dias desses, no dia 30 de novembro de 2000, **(PAUSA)** 2008, nos tivemos **(TOSSE)** um grupo do Rio aqui né, Senzala, ai vieram aqui e pegaram 70 decibéis e uma multa de 4 mil 855 reais. **(PAUSA)** ai depois, **(TOSSE)** Ai a promotora me chamou lá e aplicou duas multas que eu não, que eu não obedeci a o ajustamento de conduta, né. Resumindo, eu estou com **(TOSSE)**. Paguei duas de 2 mil, tô negociando uma de 4mil 865,

Carlos – (Riso)

João - e tem mais duas que não tem como negociar, eu penhorei, penhorei os dois freezer né, e a outra **(TOSSE)** ééé se não tinha condições de pagar, eeeu to pagando essas aí **(TOSSE)** 10 mil uma, uma outra intimação eu vou penhorar mais alguma coisa né. Então ééé além das dificuldades que você tem pra uma limpeza e instalações você ainda tem que conviver com essas multas.

Ou até acaba mesmo uu, mas veja bem, essa multa, essa penúltima multa de 1000 e alguma coisa, foi oo, é que nois temos uma parceria é com a igreja aqui do lado né,

Carlos – Aham

João - Santa Rita de Cássia, por ocasião dadada da do aniversário da santa eles fazem a festa aqui, 3 dias de festa né, primeiro dia seresta, segundo dia né ééééé **(PAUSA)** jantar dançante, **(TOSSE)** terceiro baile **(TOSSE)**, e uma dessas

multas foi uma festa da igreja, porque essas senhoras elas não frequentam a igreja ta, do bairro, nenhuma nenhuma das 2, porque a igreja...

- *E ai João?*

João - Opa!

- *Nos vamos entrar*

João - Ta

- *Vamos ficar aqui, heim?*

João - Ta legal

- *Tem algumas mulheres ali*

João – Ta nononos já vamos lá.

João - Éééé re intão elas não frequenta nem a igreja católica nem adventista, a igreja católica faz a festa de aaa aniversario da Santa, festa de confraternização deles né, e a igreja adventista também faz atividades aqui, mas no abaixo-assinado ainda diz lá, que a igreja, o Clube além de duas igrejas ainda, só que as igrejas têm parceria com a gente, elas que não tem. (RISOS). Mas então resumindo é o seguinte, nem tudo são froris né, a gente tem lá as nossas dificuldades né, são varias fases varias né, mas ta surgindo ai uma possibilidade de emenda parlamentar pra gente melhorar as instalações né, eeee infelizmente vamu ter que conviver com essa né.

Carlos – É

João - Acho que é ministério publico mesmo o órgão da cidade

Carlos - Acho que é sim,

João - ministério publico sim, ministério ministério publico que tem, que eu tenho sido intimado pra ir lá né, (**TOSSE**) foi lá sobre essa situação.

Umas meninas novas né, umas promotoras de 30 e poucos anos tal né, iii como eu falei pra ela lá não porque né, que vinha acompanhado fazendo as medições né, mas não tem que ser pessoa especializada pra fazer as medições, o promotor essa é minha área, Risos, eu sou técnico em maquinas e motores (Risos), trabalho, trabalhei a minha vida toda com instrumento de medição com faquimetro, micrometro, esrperansogramo, neurometro, calibre de rosca, calibre de engrenagem, então o que estou fazendo estou fazendo consciente aqui, eeee infelizmente é difícil de manter né, mas, da licença um pouquinho deixa eu atender ali , se você quiser tem umas fotos.

[INTERRUPÇÃO DE ENTREVISTA]⁴²

Carlos - (**PAUSA**) Vamos continuar o nosso bate papo Risos, uuu rapais, (**PAUSA**) mais ai assim, hoje né, comparando assim com aquele misto aquela dificuldade e hoje essa dificuldade enfim, em função du du Ministério Publico, vizinhos que não querem ajudar e querem atrapalhar, quais são as as ideias para contornar essas si situações ai?

João - Olha (**PAUSA**) eu venho desde dodo retorno né, organizando a parte interna do Clube né, documentação estatuto né, diretoria né, conselho né, tudo registrado em cartório né, e as certidões né, regulamentando o Clube junto ao ao poder publico, municipal, estadual, federal né, eee pra você trabalhar com projeto precisa do governo federal né, qualquer projeto estadual federal você tem que ta né, ééé (**TOSSE**) numa situação normalizada com os órgãos públicos né, então ai nós temos estatutos registrados em cartório, atualizado de acordo com o código civil, a diretoria registrada em cartório, temos certidões redigidas pelos órgão, certidões federativas dada receita federal da receia estadual, da prefeitura municipal, da da caixa econômica enfim, todas as as certidões dos or órgão públicos do municipal, estadual e do federal, i isso nos ta propiciando trabalhar com projetos né,

Carlos - Huhum

João - nóss, além dos cursos né que já tivemos aqui, o curso da historia da África, o curso deddede preparação pra policia militar e segundo tempo nos é 2005 nós trabalhamos com...

Uma parceria com a ação comunitária do Brasil, ao desenvolvemos aqui um curso do de culinária com viés pra comida afro, (**PAUSA**) ééé em 2006 foi um curso de lanche rápido, também com parceria com, parceria com a ação comunitária do Brasil, a antes de 2004 tivemos um curso de parte dos profissionalizantes né com parceria da associação dos aposentados, e agora em 2008 pela primeira vez na historia do Palma, nos fomo a entidade gestora do projeto esporte e lazer da cidade como conhecia,

Carlos – huhum

João - O projeto né, trabalhamos com o esporte lazer da cidade. (**PAUSA**) Terminou agora em 10 de junho de 2009, nois já tamus com dois projetos com ponto de cultura, do ministério da cultura e o projeto de cultura né, é, o é, Dara ponto de cultura do projeto Dara eeee eeo de cultura e o NaNaori, o aao ponto de cultura já

⁴² Chegada de uns entregadores o que fez com que João Estanislau Laureano precisa-se parar para atende-los

saio no diário oficial né, e eu já fui convidado, convidado semana passada pra levar a documentação né, em torno já tá em fases de ééé de funcionami é aa ou seja né fase de de execução, né. Vai entrar em fase de execução. E o Dara né, e o, esse é o Dara, e o nana Nanaori que esse, projeto, Aleomane né, que é financiado pela CSN, que vai ser financiado pela CSN, estamos esperando ai a aprovação né, deste projeto e o objetivo do Clube é exatamente daqui pra frente trabalhar com projetos né, com projeto (**PAUSA**) cultural, esportivo que é a finalidade do Clube né, o Clube foi fundado com o objetivo de integrar o negro na sociedade né, sendo entidade de caráter cultural, recreativo, esportivo e e filantrópica pelo estatuto (**PAUSA**). Eee fora as dificuldades estamos ai sobrevivendo

Carlos – (Risos)

João - 45 anos de Clube Palmares (Risos)

Carlos – Acho que da época da fundação, uua ate hoje, vocês acham assim que agora estão, no caminho, estão praticamente podemos dizer assim, agora que vão trabalhar com projetos pra poder atender ainda melhor a criança a comunidade em geral ai, acha que ta indo pra missão cumprida vamos falar assim? (**PAUSA**)

João – Olha, (**PIGARRO**) (**PAUSA**) eu não disse, não diria missão cumprida porque pra mim, pelo que eu tenho passado pros diretores mais novos, pra mim Palmares é uma entidade perpetua, porque ele tem uumma proposta né, ééé que é integração hoje, nos falamos como discutiu política de promoção da igualdade racial, e a promoção da igualdade racial ela passa exatamente por esse viés, o negro, nós negros temos que assumir poder político, econômico né, e social do pais. Porque nós ainda estamos na base da pirâmide né. Nué temos ums poco no meio da pirâmide, no topo praticamente não temos ninguém né, enquanto nos não rompemos essa barreira (**TOSSE**) e chegarmos no topo da pirâmide nós nono nos nas posição de decisão né, nos ainda vamos continuar sofrendo com mais rigor maior, acho que o preconceito não vai acabar né, o preconceito é uma mazela dadadda da humanidade né. Que seja racial, que seja cultural, que seja deficiente né, então mais entendeu, você vai atenuar, amenizar né, as pessoas passam a te respeitar mais né, porque a imagem que passaram dadada para a população da nossa nossa historia dodo branco que ele pertence a uma raça superior e hoje a ciência, biologia a genética ta provando que não existe raça, existe espécie humana né. Então ser racista hoje é ser analfabeto, ignorante.

Mas como ainda tem muitas pessoas ignorantes e racistas né Carlos - (Ignorantes Risos) isso dos dois lados né, racismo tanto do branco quanto do negro né. O branco é muito mamais racista que o negro, existem alguns negros que eu diria que nem são racistas, revidam o racismo e nos nunca vamos poder ser chamados de racista porque nunca escravizamos ninguém, né. Intão o negro não pode ser considerado racista né, mais intão a sua pergunta missão cumprida não, nós estamos no caminho tem muita né tem muito o que caminhar ainda, estamos direcionando oo os versos nesse sentido ai de trabalhar com projeto cultural né, principalmente a cultura afro brasileira que é né, ela ainda sofre uma certa uma certa rejeição ate a pouco tempo era folclorico nos estamos reconhecendo que é cultura, né, (**ARRANQUE DE CARRO**) então e aqui é um espaço ai como você viu ai onde nós fazemos as nossas missas afros, nossa resta de poesias de raça né, ééé jongo, capoeira, maculele né, lá com os Clube deles não fazem isso, eles fazem o baile deles, as festa junina né, aqui não, nós ééé ééé desenvolvemos oooo como diria ééé Carlos - Uma programação mais explicita né) ééé, uma programação é mais voltado pra cultura afro brasileira né,

Carlos – Hum

João - Antes de ter esse compromisso né, e exatamente passa pros mais novos a necessidade de nós, nós nos pré ir nos preparando pra assumir poder, num é assim, ser uma enti entidade ou partido político totalmente negro, nos estamos (**PAUSA**) se somos um pais formados por brancos e negros então negros e os brancos tem que ta em todos os espaços dadad da sociedade né, e não só na periferia , hoje nos temos ai éé o negro ai esta numa deficiênciam com o cultural econômico muito grande com relação ao branco, cada 5 empregada domestica quatro são negras. 60% dudos trabalhadores da construção civil são negros né, tudo bem né, você não vai querer que todos os negros sejam engenheiros, médicos, mas nós precisamos ter um percentual maior de negro no topo da sociedade, medico, advogados né, Carlos - Com oportunidades) ee políticos né, tirar um pouco desses corruptos e colocar nosso negro lá, e falar olha você não pode fazer o que eles fizeram né Risos.

Carlos – É

João - Mas é isso ai ooo Carlos

Carlos – E assim falando das crianças, vocês estão com alguma ideia assim específicas pra fazer com que elas éééé de uma maneira diferenciada talvez assim

mais lúdico mais brincando que elas também possam fazer parte desse projeto dessa integração né da da cultura do nosso folclore no geral?

João – Olha toda nossa programação aqui ela éé, ela é aberta né

Carlos – Huhum

João - iiiii (**PAUSA**) a gente tem nana uma frequênciia muito grande de crianças, adolescentes e idosos aqui né, e quando você ver ali tem um parquinho né então os pais vem e trás aae, o Palmares é interessante você é a gente costuma dizer ai né 45 anos de Clube nunca teve uma briga aqui dentro, nos Clubes Típico e Leliz já teve mortes varias mortes dentro do Clube fora do Clube, aqui não você vê que existeuma uma, um dia vai ter (**BUZINA**) nos outros lugares tem, mas são (**BUZINA**) 45 anos que não teve né, intão ééé os pais nananas nossas atividades né, vem com a família. Palmares continua sendo uma entidade familiar né, cum cum os pais as crianças né

Carlos - Ta cumprindo com a função social,

João - Está cumprindo a função social) a integração né da comunidade) intão ééé eu ate tinha costume de comentar ai né, que teve um pagode aqui umas 600 pessoas né que dois negão ali dada da nossa rodade discutindo ai chegou um terceiro o aqui não é lugar de brigar não aqui é nossa casa (Risos), então eles eles mesmos fez que aqui é a casa deles éé o procedimento da casa deles né, graças a Deus nunca tivemos problemas aqui de de né de briga de roubo né. Mas você fez a pergunta especificamente sobre as crianças não tem nada voltado pra criança né. Hoje são você as nossas atividades são estruturais e esportivas né, este projeto aaa o último agora, o esporte e lazer, intão nos tivemos aqui, ééé ginástica né, eee dança de salão né. Tivemos essa a a análise específica aqui né, eeee tivemos capoeira né, um grupo de capoeira que deu pra manter o grupo né, esse projeto cultural exatamente nós fomu pensando em formar um grupo um coral de jovens né, e um grupo de dança né afro brasileira da Bento Munhos

Carlos – Uhm

João - né, alem do coral né do coral e tal né. Éé porque ééé não foi possível ainda você manter né grupos aqui, a gente não tem receita pra manter né esse grupo tem uma certa despesa qui num né, mais por isso a gente ta direcionando pra trabalhar com projeto, intão trabalhando com projeto você pode fazer alguma atividade voltada pra jovem, criança e adulto tendo recursos né, a esse é o objetivo

né ééé (**PAUSA**) espero que a gente venha concretiza esse objetivo né, daqui pra frente né, trabalhar com projetos né.

Carlos – Que afinal de contas, 50 anos de Clube ta chegando ai! Risos

João – É exatamente, tamus ai com 45 anos

Carlos – (Riso)

João - né e já vou, estou preparandu us us substitutos né, aoao da Palmares pra ter entidade perpetua né cias

Carlos - Meu Deus! (Risos), (**PAUSA**)

João - E eu assim que eu é disincarnar ou falecer e souber que você não deram (**SIRENE**) continuidade eu vou torcer o pé de alguém ai (**RISOS**) (**SIRENE**)

Carlos – Uaa mas no que depender da gente lá pros próximo (**SIRENE**) ficamos muito curiosos pra saber o que que vocês estão fazendo pra documentar isso daqui (**SIRENE**) pra não ficar apenas no Rio né, mas levar pro Paraná, levar pro Brasil inteiro isso que vocês estão fazendo na questão do lazer, da cultura da integração, é então nos (**PAUSA**) (**SIRENE**) compartilhamos com essa ideia, então foi por isso da ideia, mas infelizmente o professor Giuliano não pode vir mais também estaria junto né, daí a gente ia ser com a mesma mesma, mas assim cheia de ideias mais discussões né, eu fiquei muito, como falar, fiquei muito feliz, muito honrado dede te conhecer né, e espero que na festa dos 50 anos eu esteja presente aqui, nós vamos manter contato né,

João - Se Deus quiser

Carlos - e deixo aberto com respeito a você em fazer algumas considerações, mais algumas ideias, alguns sonhos futuros além dos projetos que você já falou, ou alguma coisa relacionado com esperanças, vamos falar assim.

João – Éé esperança como eu, comentei né, ééé a gente a gente dar continuidade desses projetos né como primeiro ano de de como (**PIOS DE PÁSSAROS**) gestor de projetos né a gente aprende muito com esses projetos né, iiiii espera daqui pra frente dar continuidade né e transformar o Clube Palmares realmente num ponto de cultura né (**PAUSA**) fazer o projeto ponto de cultura ser realmente um ponto de cultura, daí você vai ter condições, uma certa apoio, uma certa ajuda dadododo governo federal, do governo estadual né, pra gente poder desenvolver essa atividade com mais segurança, com mais é eficaiz né

Carlos – Estadual, federal e dos vizinhos Risos

João – Olha dos vizinhos, é exatamente éé eles vão entender, com o tempo já tão começando, veja bem , essa senhora que aliais era era ééé tentar um um uma aproximação eee eu fiz aqui um um chá da tarde e as convidei, falei pouco, falei pra ela das finalidades dos objetivos do Clube né né. Elas vieram né, eeee (**PAUSA**) e fizeram as conciderações e tal né, mas mesmo assim depois ainda veio uma multa né (**RISOS**) mas na no aniverss teve um casamento aqui dadada igreja evangélica e essa senhora que que abençoou o abaixo-assinado que foi a mais, a critica mais ferrenha do Palmares, ela estava aqui né, ela com o marido com a filha com cum o sogro né, balançando aqui nonono rítmoo dududu reguizinho né que depois dadada são evangélicas mais depois foi colocado a musica daí né de fankizinho deles ai né, então aos poucos estão né estão aproximando, creio que a a partir do momento que que começar a desenvolver mais essa parte cultural né, com esse projeto, ponto de cultura nós vamos ter curso de informática, curso dedede de dança, curso dedede vamos ter coral né, percussão pra começar a chamar a atenção pro né, e os filhos não é mesmo que essas se senhoras né as pessoas né nos persegue, continuem com essa esse (**PIOS DE PÁSSARO**) pensamentos retrogrado mais eu creio que os filhos vão vim com uma outra mentalidade né

Carlos - Se Deus quiser

João - eee hoje fazendo uma maior integração nus jovens né, maior compreensão nu éééé de que somos brasileiros né, e somos filhos da mesma espécie e temos que aprender a conviver em em sociedade né, e na medida que nós estamos também progredindo né, taaa diminuindo, essas, existe preconceito mais a gente vai ta recessendo vai né e eu creio que com o futuro nois vamu ter essas pessoas que hoje são os nos nossos algozes, sejam os nossos inimigos, ou sejam nossos amigos né. Eeeee mesmo que elas não queira frequentar mais os filhos, os netos se Deus quiser vão ter um um Palmares bem integrado, eee esse é o objetivo né, o objetivo prins primeiro do Palmares é a integração, não é a separação né, tivemu um numero maior de negro no fato social porque era uns marginalizados, mais o objetivo não era isso né, ate porque hoje dificilmente tem uma família negra que não tenha um branco né, um né, um filho casado com uma branca ou a filha casada cum branco se intendeu, intão você não pode ir mesmo, por questões ate de dede (**PAUSA**) de formação mesmo. O individuo racista como já dissemos não é, além dele ser um ignorante desinformado ele não acredita em Deus, não pode acreditar em Deus, na ciênciia e nem em si mesmo né. Porque você não tem

nenhuma comprovação científica nem biológica de que existe né, e porque você vai incistar numa coisa que naum tem como comprovar né

Carlos - Uhum.

Illi então a gente espera ter um mundo melhor, um (**PAUSA**) um Brasil né, bem mais plural né, (**RISOS**), mais é isso ai né Carlos mais você pode fazer perguntas se quiser se tiver ééé

Carlos – Éééé assim achei que era altamente assim importante ter vindo aqui né pra poder conhecer, é claro que na hora que eu chegar lá, que eu sentar pra conversar com o Giuliano as vezes vão aparecer mais coisas mais ideias, mais ai nós vamos aproveitar, vamu manter contato com o senhor, com o Jeferson

João - Aham

Carlos - pra pedir dúvidas, já acessamos lá oo blogue na internet, já vimos algumas coisas lá também né. Ééé tudo que puder né pra gente poder enriquecer esse esse documentário que a gente pretende fazer, isso acho que vai ser, vai ser de suma importância. E nós vamos estar entrando em contato constantemente, perguntando, sabendo de novas promoções ou querer saber dus dos projetos se deu tudo certo, pra fazer a laje como você falou, pra poder ampliar (**TOSSE**)

João - A é

Carlos - para poder continuar atendendo a comunidade como vocês estão atendendo.

João – Ééé o meu objetivo aqui é exatamente isso, colocar uma laje deixar esta parte aqui como está, aberto né, mais arejado,

Carlos – Uhum

João - pra qualquer tipo de atividade, fazer aqui um sambinha, festa junina, festa da igreja cum barraca e tal, e na parte de cima fazer um salão de eventos né,

Carlos - Nossa!

João - para alugar para festas de aniversários né, eee encontros né etc., etc. Um salão de eventos né, e isto é exatamente pra si pra você ter uma uma outra uma uma alternativa de receita né, porque nois ué não se consegue manter nenhuma entidade em Volta Redonda só com o quadro social né. Então se você tiver outras alternativas de receita né, de poder alugar né, como tem alugado quase todo final de semana apesar das instalações modestas né, mais dando uma melhorado a gente pode né, iiiiiii i continuar nessa nessa linha de pensamento.

(PAUSA) Fiz um movimento político de promoção de igualdade racial que é através da elevação sócio econômico em cultural do negro, uma maneira de integrar e de né, é através dessa dessa política, temos tido exatamente a, aliais você deve tá sabendo desse movimento que ta sendo feito lá nu no Rio Grande do Sul do levantamento que ta fazendo dos Clubes sociais negros, já ouviu falar não?

Carlos – Oo ele comentou com a gente.

João – Ééé um movimento muito importante nós já participamos de dois encontros, e esse terceiro agora, **(PAUSA)** o quarto não deu pra ir porque coincidiu com o aniversário do Palmares né mais eles estão com umas propostas muito interessantes né, esse último encontro éé, qualificação de gestores, interventor do lançamentos municipais, reconhecimento de Clubes sociais negro como patrimônio cultural da humanidade ééé implantação de ação da crimatina na área de educação né, então é um um movimento é um movimento **(PAUSA)** bem atuante sério né, que vai, acreedito eu uma repercussão muito boua nonono **(PAUSA)** na nu pais né, porque são crubis históricos tem Clubes aqui que de 2000, 1903 nu mundo veio né 1903 parece que é mais antigo ainda, esse aqui mundo velho, é de 1903 i a maioria desses Clubes já tão com quase 90 Clubes levantado né, ai você vê as fotos deles mais ou menos parecidas com as nossas né,

Carlos – (Riso)

João - eles éééé eles tão tendo o apoio **(PAUSA)** é significante da secretaria de formação de igualdade racial né, e o objetivo é exatamente é conseguir recursos pra entidades dos Clubes sociais mesmo, pros Clubes históricos né,a maioria deles esta está numa situação semelhante a do Palmares ou ate pior né. Muitos estão endividados né, ééé sede éé empenhoradas, ee sedes né **(PAUSA)** sem recursos de reformas né, enfim né, então eles estão através da secretaria de promoção de igualdade racial tão tentando levantar recursos pra praa reestruturar esses Clubes né, **(PAUSA)** e nós estamos lá também né, nos estamos **(PAUSA)** fazendo parte dessa **(PAUSA)** desse grupo né de **(PAUSA)** Clube social negro né, **(PAUSA)** esperamos que também seja contemplado esse titulo Carlos - Certeza) mais é isso ai **(BUZINA)**. Carlos - Deixa eu ver aqui)

João - lii parabenizar u u Giuliano pelo trabalho que ele ta fazendo

Carlos – (Riso)

João - foi importante ter conhecido ele lá em em Belo Horizonte né, estava perto um pouco perdido porque, muito jovem né, e adulto mesmo nana minha faixa

etária deveria ter uns dois ou três só e olhe lá né. De repente ele aproximou né, e queria conhecer a história do Palmares , ficou empolgado e tal, e foi muito bom pra mim

Carlos - É ele é assim, (Riso)

João ééé bom é, os contatos que eu tive com ele né conhecido né, em saber que tem pessoas jovens né, interessado em conhecer a verdadeira história dadada da população negra dude pessoas jovens brancas né, eu tenho tido várias várias alunas aqui dada universidade que vão fazer, fazer mono monografia né?

Carlos – Isso

João - Que vem estudar ai a história do negro né, na socieda na socie na sociedade igual unanime eu me propus interessante exatamente isso pras pessoa conhecer a realidade do Brasil né, iii foi bom ter conhecido.

Carlos - **(Risos)** E foi através do Giuliano que fiquei conhecendo teve um outro rapaz aqui que eu não recordo o nome dele né e agora você né?

Carlos – (Riso) é isso ai!).

[FINAL DO DEPOIMENTO].

ANEXO 2: Ficha técnica da Entrevista 02

Projeto: (Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Número da entrevista: 02

Entrevistado/a: Felipe Leonardo Zacarias Cesário (Instrutor de informática)

Nascimento: 21/11/1984

Local da entrevista: Clube Palmares, Av Roma Volta Redonda - RJ.

Entrevistador/a: Carlos Gomes de Oliveira

Data da entrevista: 19/11/2011

Transcrição: Carlos Gomes de Oliveira

Conferência Fidelidade: Carlos Gomes de Oliveira

Copidesque: Carlos Gomes de Oliveira

Pesquisa: Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Fitas: Gravador digital: Nokia X2-01

Total de gravação: 13 minutos e 02 segundos

Páginas Digitadas: 08.

Entrevista Felipe Leonardo Zacarias Cesário - Instrutor de informática do projeto Dará Palmares concedida ao Prof. Carlos - Gomes de Oliveira na sede do Clube Palmares de Volta Redonda, município do Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 2011.

Carlos - Dia 19, estamos aqui no Clube Palmares, e nós vamos falar a respeito do trabalho que é desenvolvido aqui. Por favor seu nome.

Felipe - É meu nome é Felipe

Carlos - É todo seu aqui nós estamos em casa.

Felipe - Eu sou responsável pela, pela parte di do trabalho que o projeto Dara Palmares desenvolve, junto com o governo federal e, né... e a gente trabalha com a oficina de inclusão digital porque justamente é o nome tratado para que o jovens, é jovens, jovens toda as faixa etária tenha acesso a nova a tecnologia que hoje demanda muito, que é a informática.

Então é, nas oficinas é nós trabalhamos com todas as faixas etárias e trabalhamos com as tecnologias atuais, mostrando pra eles um mundo, globalizado né e todas as tecnologias de informação. Nós trabalhamos edição de vídeos, trabalhamos edição de áudio, trabalhamos com sistemas atuais né disponibilizados, sistemas é gratuitos, né que também o próprio governo oferece a tendência mesmo é que o aluno que desenvolve na oficina, ele possa tanto ter o trabalho do conhecimento que ele vai tá adquirindo no momento como numa outra forma de complemento na vida dele. Então a gente é desenvolve todos esses conhecimentos né de informática, o período que a gente trabalha, né a gente já estamos chegando numa reta final, estamos começamos nos meados de junho, junho é trabalhamos na oficina com 20 alunos, 20 alunos num total é aí a gente trabalha né com a questão dessas tecnologias, mostrando pra eles como é que é a demanda de hoje. Né e a questão é isso mesmo.

Carlos - E como é que surgiu essa ideia, o Palmares foi atrás de você? Você tinha essa ideia de.. já e quis colocar em prática?

Felipe - Não não o Palmares, o Palmares, sempre bus além de um Clube ter u o foco no Negro na sociedade, ele também busca é implementar oficinas, atividades, né o resgate da cultura e essas coisas ... então quando , quando eu assim já fiz alguns trabalhos aqui, mas eu fui convidado, eu num, eu num, realmente não fui eu

que trouxe essa ideia, mas sim convidou, me convidou pra estar fazendo esse trabalho aqui, né como eu já conheço o pessoal, então a estava num momento certo então eu aceitei o convite e comecei a trabalhar com os alunos a tendência também é que eu sempre tive em mente que o próprio clube oferece, oferece oficinas assim para mostrar que não é somente é aquela visão limitada que muita gente tem, mas é que o Clube juntamente com o governo federal, o governo do estado do rio de Janeiro, tá apresentando várias oficinas né de a cultura, dança e a tecnologia que é o que tá hoje no mundo atual né, a tendência foi é se eu recebi o convite e acabei aceitando

Carlos - Você falou do Governo federal, como que ele ajuda, com equipamentos, qual que é parceria que existe?

Felipe - Bom é assim é a parte ééé burocrática, eu num eu num tenho assim tanto acesso assim da informação, só que pelo que eu sei, o próprio governo federal, né ele ele tem um projeto de chamado de ponto de cultura né prá como um próprio nome diz, aí o próprio governo pega provavelmente deve fornecer matérias para que as tó as todas a oficinas ocorram e aí dá-se cada o próprio de cultura como aqui não somente não existe somente o Dará Palmares, existe outros também , outras cidades. Aí o Governo Federal vem com o custo prá, prá ajudar a o ponto de cultura onde vai se implementada dar início aos projetos como o Dara Palmares tem aqui então, essa parte assim eu, eu pelo que eu assim , é o que eu sei, né a parte mais sem realmente o governo federal fornece material, porque sem material a gente não consegue trabalhar né logo, também né parcerias como tem a parceria du, d udu Colégio Estadual CEJA Paulo Freire onde fornece os materiais né são os micros né porque não daria prá tá nem todo nem todo material o governo federal fornece claro né eee então o material né essencial que é o computador nois ééé teve a parceria como Colégio né por isso que também tem a parceria do Estado do Rio de Janeiro que oferece o laboratório para ocorrer as oficinas, aí assim pode ta ocorrendo lá, e o governo federal vem com outros custo, né coisas mais burocráticas materiais né, como prá tar acontecendo nesses dias di 19 e no dia 20 onde vai ter o evento...Tá?

Carlos - A garotada assim eles consciênciia desse trabalho que vocês estão fazendo ou eles estão assim maravilhados, tão curtindo eee não tão percebendo na verdade a transformação que vocês estão fazendo na vida deles, através da introdução dessas benfeitorias, dessas tecnologias aí existentes.

Felipe - Sim... ééé Hoje ééé praticamenteee, assim todo, toda pessoa interessada ela sabe realmente que ééé a tecnologia é muito importante né, né quem um não hoje não aprende ,oooo tem o interesse de adquiri esse s conhecimentos ééé vai ficando um pouco para trás né porque hoje o mundo está muito acelerado em relação a tecnologia né, é muito muito rápido, mas os alunos eles também elesssss ééé posso lhe dizer que... e si ele mesmo próprio veio ao ao curso, com certeza ele tava super interessado estão super interessado também, são super ééé posso dizer que eles também muito motivados então eles , como veio a fazer o curso, já teve assim em mente, nossa todo mundo assim hoje procura fazer um esse trabalho, procura é aprender a mexer no computador, procura entender as tecnologia, então hoje eles né muitos muitos não, porque questões de incentivo né claro, mas se há incentivo ali ele vai ser interessado, vai tar interessado, mas ééé eles, eles. (pausa), posso dizer que eles tão super interessados né muitos alunos hoje eles não consegue fazer determinado curso por questão de incentivo, é uma coisa que, é o que o projeto Dara Palmares oferece, sem incentivo a gente não não não, não consegue. Muitas vezes num curso desse, pago, já é uma, uma, uma, como dizer, muitas vezes num pode ser ééé um aluno não consegue di qui num curso desses pago, mas tendo um incentivo vai aparecer interessados, e hoje muita gente está interessado. É isso.

Carlos - E como é que você se sente assim... Até ontem você era convidado.

Felipe - Hum hum...

Carlos - E o hoje você faz parte assim ativa dentro do Palmares

Felipe - Ahhhhh sim com certeza, ééé é um prazer imenso, né é o meu, é o meu primeiro é é a minha primeira ééé experiência diiii tá trabalhando cum cum turma né eu sempre trabalhei, sempre trabalhei com informática, mas nunca ééé tive é assim, até o momento mais assim oportunidade né sempre tem uma primeira vez, e então eu tou assim muito satisfeito, sempre tive em mente.

Carlos - Legal

Felipe - Di, di, di di, di poder passar por uma experiência dessas o que é tão interessante né muitas vezes é ummm nascimento de uma outra profissão né dentro da área né porque tem muita gente que gosta di, di por exemplo eu gosto di, tanto de adquirir o conhecimento, mas o mais importante não é deixar com o conhecimento morrer com você, e sim transferir esse conhecimento para que os demais para que assim eu siga em frente então eu tou adorando , gostei muito e

pretendo também daqui prá frente continuar, mas também ééé foi tipo uma porta, que se abriu prá mim, e mostra essa experiência como é que é o dia a dia de um Professor passando aquele conhecimento para os alunos né, então é muito interessante é uma coisa que também acho que todo mundo deveria dar ééé darr atenção, ouvir iiiiii (Pausa). Seria isso, sria atenção iiiii iiiii iiiii questão de (Pausa). Emocionado.

Carlos - Muito bem cara depois a gente edita. (Risos) ai ai ai , como diz, ao vivo, (Risos).

Felipe - Ééééé Seria assim uma questão do Professor, muitas vezes a gente quando faz alguma coisa na vida, a gente ééé deve conhecer 'que se chama aquela palavra dar valor né, então quando é gente passa pelas experiências a gente acaba, acaba, dando mais valor a essa profissão, que muitas vezes, é muitas vezes não é valorizada né, que o profissional que tá alí passando o conhecimento que eu acho que hoje tudo na vida que a gente tem que ter importância que é a formação da sociedade. Então ééé com esse projeto né é logicamente é uma experiência prá mim pessoal, mais uma experiência fantástica e que porque é a minha primeira vez e e assim caba dando lá no fundo que isso se torne daqui prá frente uma profissão dentro da minha área também, atuando dentro da informática.

Carlos - Perfeito... Cara Muito obrigado, ôô até, até não parei ainda, então queria agradecer então a sua participação, achei que tinha desligado, mas já que está ligado então agradecer então dizer que vai ser muito útil prá gente.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

ANEXO 3: Ficha técnica da Entrevista 03

Projeto: (Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Número da entrevista: 03

Entrevistado/a: Janayna Aparecida Silva (Instrutora de Dança Afro)

Nascimento: 03/08/1979

Local da entrevista: Clube Palmares, Av Roma Volta Redonda - RJ.

Entrevistador/a: Carlos Gomes de Oliveira

Data da entrevista: 19/11/2011

Transcrição: Carlos Gomes de Oliveira

Conferência Fidelidade: Carlos Gomes de Oliveira

Copidesque: Carlos Gomes de Oliveira

Pesquisa: Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Fitas: Gravador digital: Nokia X2-01

Total de gravação: 4 minutos e 24 segundos

Páginas Digitadas: 08.

Entrevista Com Janayna Santos Silva – Instrutora de Balé Afro do projeto Dará Palmares concedida ao Prof. Carlos Gomes de Oliveira na sede do Clube Palmares de Volta Redonda, município do Rio de Janeiro, no dia 19 de novembro de 2011.

Carlos - Começou, tranquila tá, bate papo, eu vou passar pra você, você segura, nós vamos falar com a Janayna - , que também ela desenvolve um trabalho educativo aqui dentro do Clube, ela trabalha com o grupo afro, um grupo de balé afro e vai contar um pouquinho prá gente da história dela. Todo seu.

Janayna - Bom como dando continuidade, meu nome é Janayna - estou muito orgulhosa de esta participando do grupo daqui do Palmares projeto Dara e na nossa na nossa, tudo começou como , eu vim fazer um trabalho aqui dentro do Palmares, onde eu vinha com o grupo afriaju que significa manter as tradições, e daqui o Seu Laureano gostou do grupo e fez a proposta pra a gente tá participando aqui du du Palmares no projeto.

Esse projeto a gente está trabalhando com as danças, nééé a dança afro Raiz, onde a gente conta também ééé sobre o afoxé, a gente fala sobre as origens das danças africanas, junto também da percussão com o Murilo, então estamos fazendo um trabalho muito interessante, muito legal, prá gente poder mesmo resgatar a nossa cultura, as nossas raízes, mostrar a beleza da dança afro, mostrar a roupa, mostrar também a postura, entendeu, então dentro desse conteúdo todo desse nosso trabalho que nós mostramos aqui no clube, foi aonde eu entrei pro Palmares.

Carlos - E como é que é grupo, ele é composto por crianças , adolescentes, adultos, como que é esse trabalho?

Janayna - Bem, o grupo hoje tá dividido entre jovens, adolescentes, é assim tamo pensando médio ééé quem sabe pra frente a gente tá também trazendo o jongo prá dentro do nosso grupo prá gente poder tá trabalhando também com a terceira idade, então hoje o grupo é jovens , adultos e crianças.

Carlos - E dentro dessa características, assim existem muitos grupos que fazem o mesmo trabalho que vocês ou você tem idéia apenas do seu grupo?

Janayna - Então a curiosidade é essa, aqui a região é muito carente, é muito carente, éééé nessa matéria, assim de dança. Tem só o meu grupo, na nossa região é só o nosso, não tem outro.

Carlos - E o que te levou a fazer parte de um grupo assim, desse tipo de trabalho.

Janayna - O que me levou foi a carência, de não ter assim ninguém para ter representando a cultura afro Brasileira com raiz mesmo, mostrar mesmo expandir, vestir a roupa ir prá rua lutar e resgatar a cultura, esse foi esse o meu foco, né eu quero fazer eu vou a luta estamos prá isso.

Carlos - E este trabalho você faz só aqui ou você também desenvolve em escola, ou você leva para outros locais?

Janayna - Bem devido o Projeto Dara Palmares, nós estamos trabalhando com todos os estilo de assim di da dança, a gente esta trabalhando nas escolas também...

Carlos - Legal!!!! Se sinta a vontade para você falar mais alguma coisa da questão da Raiz, da questão da cultura, representado pelo trabalho que você faz.

Carlos - Você acredita que se não fosse o espaço Palmares aqui, aonde que você poderia estar fazendo esse tipo de trabalho?

Janayna - Na realidade é só o Palmares mesmo, não aqui em volta Redonda é muito carente, é só mesmo aqui o Palmares prá tar dando essa, essa, né essa força prá gente tar mostrando nosso trabalho. Só o seu Laureano mesmo prá fazer isso para a gente.

Carlos - OK! Na hora que você lembrar de alguma outra coisa, me dá uma cutucada e me coloca prá gravar

Janayna - Ok...

Carlos - mais ainda. Temos muito tempo. Essa é a Janayna

[FINAL DO DEPOIMENTO]

ANEXO 4: Ficha técnica da Entrevista 04

Projeto: Garimpando Memórias (Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Número da entrevista: 03

Entrevistado/a: Josiane Virote Laureano (Diretora da Escola Paulo Freire)

Nascimento: 16/10/1971

Local da entrevista: Clube Palmares, Av Roma Volta Redonda - RJ.

Entrevistador/a: Carlos Gomes de Oliveira

Data da entrevista: 19/11/2011

Transcrição: Carlos Gomes de Oliveira

Conferência Fidelidade: Carlos Gomes de Oliveira

Copidesque: Carlos Gomes de Oliveira

Pesquisa: Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Fitas: Gravador digital: Nokia X2-01

Total de gravação: 5 minutos e 34 segundos

Páginas Digitadas: 04.

Entrevista Com a Professora e Socióloga Josiane Virotte Laureano, Diretora da Escola Paulo Freire, concedida ao Prof. Carlos Gomes de Oliveira na sede do Clube Palmares de Volta Redonda, município do Rio de Janeiro, no dia 21 de novembro de 2011.

Weida - A diretora da Escola Paulo Freire Josiane Virotte... Por favor. E a nossa Alunaaa?

Prof^a Josiane - Estou procurando! (Pausa)...

Prof^a Josiane - Boa tarde a todos e a todas... Eu estou procurando uma aluna lá da Escola e da oficina. (Pausa)... Bem... Eu estou aqui como representante do clube que faz a oficina da inclusão digital no projeto Dará Palmares. E essa oficina acontece dentro da unidade Centro de educação de jovens e adultos Paulo Freire, uma escola da rede estadual que é vizinha aqui do Palmares, e com quem a gente já vem estabelecendo uma parceria a alguma tempo.

(UM PULO NA GRAVAÇÃO).

Prof^a Josiane - Fazer esse papel, Porque já sendo o centro de educação de jovens e adultos, é um centro aberto, é uma escola aberta, é uma escola com educação semi presencial então aberto justamente para esse público jovem e adulto que tem um perfil diferente, que saiu das escolas, foi prá sua vida né, foi para um mercado de trabalho cresceu e hoje sentindo a necessidade de resgatar a sua escolarização, ele procura uma escola que o atenda mas, dentro de uma perspectiva de vida de adulto, então a realidade de uma sala de aula já não pode ser mais tão fácil né...

Então a gente tem essa esse privilégio de dentro da rede estadual, hoje estar dirigindo essa unidade né, que ela como escola, né que pros mais de 19.000 alunos que já passaram prá lá.

É realmente uma proposta muito interessante e agora se associa ao Palmares nesse projeto prá estar desenvolvendo a sua oficina de inclusão digital. Então são duas turmas com 20 alunos todas as quintas e sextas feiras né, as oficinas acontecem de 6 às 8 horas da noite e esse alunos chegaram de zero na informática e hoje vocês vão poder estar ééé apreciando né um pouco do trabalho que eles já tem condições de estar fazendo né. Antes até do trabalho que vai ser apresentado, é nós temos o os do, o folder nééé, o prospecto né o panfleto do

projeto que foi (**Som de música alta**) organizado junto com os alunos da oficina eles participaram ativamente na produção do material, nééé esse material se tornou um banner nééé que a escola teve a satisfação de estar entregando para o Palmares como o símbolo desse momento, dessa oficina, do que aconteceu lá, e fica aqui comooooo, como uma informação pra esse (**Som de música alta**) público de um Palmares que a gente sabe que é tão grande, nééé a gente ainda tá na parte mais éééééé, intelectual nééé digamos assim do evento mas quando começar das umas 4, 5, 6 horas, tem dia que a gente vê 500 pessoas aqui dentro e as vezes nem todos tendo uma exata noção do que foi o Palmares e do que está acontecendo aqui hoje além nééé dessa tradicional roda de samba que é muito importante sim, como a Janayna diz, nééé a nossa cultura é a nossa raiz.

Mas as outras coisas que estão pro Palmares vem desenvolvendo. Então a escola nééé junto ééé quis trazer o trabalho dos alunos e deixar aqui como marca, o Palmares de 46 anos atrás e o palmares de hoje representado por essas oficinas, por essas atividades.

Então o Professor Felipe pediu prá que a gente fizesse uuu...Educador néé ele não é Professor', e ele lembra bem isso. "Eu não sou Professor, nééé eu sou é orientador eu sou um educador." Pediu prá que fizesse essa apresentação junto com vocês e a gente tinha duas alunas aqui massa também podem ter tido algum motivo prá tar se retirando nééé', eu não havia comentado que elas estariam participando aqui junto comigo da apresentação.

Então o que vocês vão ver agora é isso, um vídeo que eles também fizeram a pesquisa nééé pesq eles montaram todo esse material néé, os primeiros caminhos aí dos, dos softwere, de de de elaboração de de texto, nééé de, de de di, folde, folder, de slides, de materiais visuais, também agora acompanham um vídeo que eles trouxeram para vocês.

Então é com muito realmente prazer que a gente faz isso, é uma satisfação muito grande esses trabalhos estar acontecendo tão bem na escola e a gente quer dar, parabenizar nééé ao clube, a toda a organização nééé desse projeto, desse evento, e que venham muitas ainda pela frente e algumas pessoas já tinham me perguntado sobre as oficinas, Felipe falou que a turma encerra agora no fi essa turma encerra em dezembro, cada turma tem um trabalho de 5 meses e a partir de fevereiro do ano que vem ele recomeça com outras turmas.

Então quem for da comunidade, quem conhecer qualquer pessoas que queira participar também, independente de estar aqui tão próximo né, querendo vir a essas oficinas, em janeiro recomeçam o trabalho da oficina de inclusão digital, tá bom???

Então muito obrigada, muito prazer e é com muita, muito boa tarde e agora vocês acompanham ah o material visual que eles produziram.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

ANEXO 5: Ficha técnica da Entrevista 05

Projeto: (Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Número da entrevista: 05

Entrevistados: João Estanislau Laureano, Presidente do clube Palmares.

Nascimento: 07/03/1934

Weida Virote Bispo, Coordenadora pedagógica do Clube Palmares

Nascimento: 20/11/1969

Murilo Alves de Souza, Instrutor de percussão. do Clube Palmares

Nascimento: 28/12/1973

Local da entrevista: Clube Palmares, Av Roma Volta Redonda - RJ.

Entrevistador/a: Carlos Gomes de Oliveira

Data da entrevista: 19/11/2011

Transcrição, Conferência Fidelidade: Carlos Gomes de Oliveira

Copidesque: Carlos Gomes de Oliveira

Pesquisa: Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Fitas: Gravador digital: Nokia X2-01

Total de gravação: 6 minutos e 8 segundos

Páginas Digitadas: 04.

Entrevista Com João Estanislau Laureano, Presidente do Clube Palmares de Volta Redonda , Weida , coordenadora pedagógica do

Projeto Dara Palmares e Murilo Instrutor de percussão, concedida ao Prof. Carlos Gomes de Oliveira na sede do Clube Palmares de Volta Redonda, município do Rio de Janeiro, no dia 21 de novembro de 2011.

João - Esse ponto precisava ser lançado prá que a comunidade tomasse conhecimento de todo esse projeto é escolhemos o 20 de novembro que seria a data propícia né, e é a data que também comemoramos a morte de zumbi dos Palmares. O Palmares tem essa afinidade com essa data o próprio nome já (Pigarro) já se justifica né, e dentro dessa proposta de fazer esse projeto é lançar o projeto junto com o aniversário, nós fizemos uma programação bem abrangente, a bem da verdade ficou a critério da Weida né monitora do projeto, professor Geraldo que é o professor de história do projeto, está faltando o Felipe que é o professor de ... (buzina)

Weida - Informática

João - Informática né, a Janayna, alias eu estamos chamando de professores são educadores, o projeto chama-se educadores, Janayna que é educadora de dança afro, segunda etapa nós vamos ter a dança dos orixás (corte no áudio) Murilo que é educador de percussão, então a proposta básica é essa, lançar o projeto dentro e uma data tão significativa para todos nós. É isso né???

Weida - É isso mesmo (Risos).

E esse projeto é claro quando nós começamos um projeto nós precisamos lógico da, da valorização de todas as pessoas né que compõem o projeto é essa integração entre as oficinas deve acontecer é os participantes as pessoas que compõem o projeto elas são assim, elas vem de encontro com o trabalho que eles já conhecem e começam a resgatar essa cultura que as vezes, lá trás foi perdida né, ficou perdida, aí me recordo dos tempos de ainda pequena ainda de aula né, lá no colégio nós não tínhamos essa passividade de estar falando da nossa cultura né?

Muitas das vezes essa, essa nossa cultura, ela foi é, é deixada de lado, é muitos livros didáticos nem sequer mostravam a, a, a mínima parte do que tem, tem a nossa história do que é a nossa história, a beleza da nossa história né.

Então nós estamos aqui numa diversidade nessa roda, justamente para isso né? Para valorizar todas as etnias que nós temos e que nós precisamos cultuar né? Esse esse poder que nós temos em nossas mãos né? Nossos antepassados eles é, é, sossossofreram né? E prá tentar essa, essa finalidade é que nós estamos aqui

na verdade nós estamos até mesmo que iniciando né? Um trabalho né? Muitas pessoas, lógico vem de muito tempo já conversando sobre isso, mais prá que a gente chegue agora eé comece a falar mais, falar mais com as nossas crianças e através das nossas crianças é que nós vamos realmente né? Mostar para esse mundo né? Para que viemos. E com como nós temos visto crianças né? Temos duas lindas aqui e mais outra e uma alí não é mesmo? E essas crianças, elas tem muito a nos dizer né? E tenho é eu tenho esse trabalho feito dentro de sala de aula com crianças de 6 anos, 7 anos que me dão um retorno muito significativo, muito emocionante, mas que é, é muito importante que nós precisamos mostrar isso prá eles, mostrar essa diversidade, mostrar que o mundo é assim, cada um tem a sua cultura, mas que com cada cultura de cada um , nós podemos é, é dar mais beleza , mas significado na nossa vida, não é mesmo?

Então agora nós vamos assistir uma apresentação de afoxé. Não é isso.

Murilo - Está sendo feito a abertura da comemoração do 20 de novembro, e amanhã nós teremos a apresentação do afoxé da, do projeto Dará Palmares. O que é o Afoxé? né? Afoxé é um candomblé de rua, candomblé de carnaval, (tosse), blocos carnavalescos de Salvador. Ééé foi uma cultura muito forte no País, Rio, Pernambuco. Então todo ritual tem um começo porque é assim e sempre na saída do Afoxé tem o ritual do padê que é prá pedir pro senhor dos caminhos , é que a festividade, que o evento seja bom, entendeu, de procissão, prá que não venham baderneiros entre nós pessoas com más intenções, então essa é a apresentação que faremos hoje.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

ANEXO 6: Ficha técnica da Entrevista 06

Projeto: (Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Número da entrevista: 06

Entrevistado/a: José Geraldo da Costa

Nascimento: 15/12/1965

Local da entrevista: Clube Palmares, Av Roma Volta Redonda - RJ.

Entrevistador/a: Carlos Gomes de Oliveira

Data da entrevista: 19/11/2011

Transcrição, Conferência Fidelidade: Carlos Gomes de Oliveira

Copidesque: Carlos Gomes de Oliveira

Pesquisa: Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Fitas: Gravador digital: Nokia X2-01

Total de gravação: 16 minutos e 42 segundos

Páginas Digitadas: 07.

Palestra com José Geraldo da Costa (Professor de História) Colaborador do Clube, concedida ao Prof. Carlos Gomes de Oliveira, salão de eventos do Clube Palmares no dia 20/11/2011.

Weida - Prof Geraldinho agora vai ter uma, uma breve conversa né, com todos nós aqui, falando sobre a o dia da consciência negra, esse, essa essa época tão importante para nós.

Prof. Geraldo - Gente eu tenho um péssimo defeito, eu não sei falar sentado. (risos), senão eu passo mau. Ééé, primeiramente eu gostaria de agradecer a coordenação, ao (inaudível) ao João.

Já que os trabalhos estão devidamente abertos, a gente pede permissão tá, a gente pede permissão aos mais velhos, a gente pede permissão aso nossos Pais, e foi me dado a tarefa pra gente falar um pouco sobre a temática do trabalho, né do dia nacional de consciência negra, mas antes eu quero colocar duas coisas, (pausa). Eu comecei assim a frequentar assiduamente o Palmares, no ano de 1987 as 24 anos, mas o Palmares já tinha sido fundado anteriormente em 65 e a 22 anos o Palmares já acontecia.

Que eu sou de 65, só que eu sou de dezembro, Palmares foi fundado em 31 de Janeiro, então quer dizer, o Palmares, néé? 47 anos e 10 meses a mais do que eu, é uma trajetória muito importante, e recuando um pouco mais de tempo, nós tivemos organizações da frente negra, que foi uma organização que surgiu nos anos 30, na década de 40, que abordava essa questão da discriminação, da desestruturação da família negra anteriormente e afrente negra no inicio do século, se tinha em torno de alguns jornais, um grupo de militantes que abordava essa questão denunciava a questão do (inaudível).

Anteriormente nós tivemos formas, varias formas de resistência ao escravismo no Brasil, o quilombo era um deles, mas não somente o quilombo, as fugas, queimadas, resistência religiosa, resistência cultural, eu tô vendo aqui algumas crianças, uma das formas mais perversas do escravismo, (PAUSA) ééé (Tosse) (inaudível) com um povo, foi quando algumas daquelas mulheres negras naquele período, para não ver seus filhos, viverem como escravizados, ou abortavam ou suicidavam, ou matavam os filhos logo cedo.

Então, é dessa trajetória que nós estamos falando, reafirmando porque toda a civilização antiga, aqui o professor Plínio né? Walter, o nosso mestre aqui, toda as civilizações antigas, os Hebreus, judaicos, os chineses eles celebram as suas

memórias, e nós temos que celebrar as nossas memória de negros para que possamos olhar para o nosso futuro e termos referência.

Uma Mãe, chegar ao ponto de assassinar o filho né! para que ele num... isso é grave! A sociedade brasileira deve!!! Muito!!! aos afros brasileiros. Pelo projeto de escravismo que desestruturou as comunidades africanas que lá existiam, chega aqui, impõem todo um processo de dominação, que no século passado já oficialmente tem a dominação da escravidão, (inaudível) na nossa desestruturação. As primeiras leis no Brasil, já republicano, se vocês olharem lá no código penal, foram montados no sentido por exemplo de reprimir as manifestações afrodescendentes .

A nossas famílias sofreram um processo sério de desestruturação, e aí começou-se a montar no estado brasileiro um conjunto de propaganda onde ser **branco e rico** é que era o modelo ideal. Começou-se a trabalhar ideologicamente de uma forma mais refinada, no sentido de inculcar no negro o sentido de cuorização.

Nós tínhamos um conjunto de leis desfavoráveis a nós e num processo sério de desagregação e dessus, desestruturação familiar, e um processo ideológico e psicológico de inculcar no negro, uma ideia de inferioridade e o mais grave disso, que isso era tocado, esse projeto era tocado pelo poder público, o poder público se assenhoreou dessas ideias e implementou ações de estado que redundaram em prejuízo psicológico, material aos afrodescendentes.

Quando Getúlio Vargas chega ao poder, trazendo ares de modernidade para o País, tá lá no seu projeto de educação a lá! (apontando para a sua mão com o se estivesse escrito nela).

“ A educação brasileira segui, seguirá segundo os princípios da eugenia”.

Isso antes de Hitler, os nazistas na Alemanha se guiaram nesse princípio da eugenia, esse princípios da eugenia falando de uma forma bem clara. Era um processo, um projeto, um conjunto de procedimentos que, segundo os adeptos dessa ideia, visava o que? Aperfeiçoar a raça humana, retirar da espécie humana os elementos indesejáveis. E o Sr. Getúlio Vargas dizia que a educação, o processo educacional no Brasil iria se orientar segundo os princípios eugênicos.

Mas na frente quando Getúlio Vargas é retirado do poder, entra um outro, o General Eurico Gaspar Dutra que baixa uma lei interna nas forças armadas em que

proibia os negros de terem acesso aos escalões superiores nas forças armadas. Isso é história (**Batendo na Mão**), está documentado..

A lei de vadiagem. **Porque essa Lei?** (pausa).

No Brasil, é popularmentee anunciado aí fora que nós temos liberdade religiosa, que todos os cultos, todos os credos tem oportunidade, oportunidade no Brasil desde a. Mas o único segmento religioso, que até a constituição de 1988 quando foi proclamada, pro, pro, é aprovada e proclamada a atual constituição que rege no Brasil, e a Carolina está aqui e não me deixa mentir, era exigido um alvará de Polícia, (Batendo na mão mostrando), para se tocar um centro. Lembra disso? Tinha que ter lá na parede lá um alvará, era a polícia que te autorizava, se você poderia ter um centro ou não, se você poderia tocar. Onde já se viu, um objeto de fé religiosa ser objeto de arbítrio da polícia.

A constituição de 88 caiu! Até 88 isso (Inaudível). O que que eu estou querendo dizer com isso meu camarada, amigo. O estado brasileiro, eu responsabilizo o estado, o poder público, ele adotou um conjunto de procedimentos, que violaram a integridade de uma porção importante da sociedade brasileira que são os jovens e mulheres e crianças afrodescendentes. Não se tinha um projeto de nação que incluía, um projeto de nação que excluía.

E junto com isso, junto com a exclusão social, psicológica, moral, nós temos todo esse estado de degradação, então quando (Falha no áudio) Prof. Amauri bem coloca. (Falha no áudio), bem mesmo, e é um movimento de consciência negra, (Falha no áudio) movimento que luta por igualdade, por justiça.

Hoje a ciência ela né! Através de vários projetos aí, reafirma não existe raças humanas, raças biológicas, não existe raças humanas, é alguns falam “então o movimento negro está equivocado em falar em racismo coisa e tal!”. Não! Nós sempre afirmamos, já bem antes da ciência agora, atestar o que nós já denunciávamos, que a questão, o conceito de raça foi uma construção política, de dominação, uma construção para legitimar práticas de exclusão.

Então quando nós recorremos nessa discussão, de racismo, é para desconstruir esse conceito e que diz que há seres humanos superiores e seres humanos inferiores e que portanto é legítimo o negro, o indígena e outros segmentos correlatos, viverem da forma que a sua comunidade fez. “O Negro é inferior”, então a Polícia pode baixar o pau. Você prepara as pessoas

psicologicamente para ela aceitar essa condição de vida que lhes é imposta, inclusive o próprio negro.

Então há toda uma utilidade ideológica no, no, no, no poder público, na mídia, ta certo? Que incuti isso ao nosso povo. Dirige essa campanha o tempo todo no nosso povo. Então quando nós discutimos essa, essa questão da consciência, dessa questão da promoção da igualdade, nós não queremos... (Pigarro), uma revanche, nós estamos dizendo o seguinte, o Brasil só vai dar certo quando todos estiverem incluídos. Não uma pequena parcela. Não uma pequena parcela.

Não queremos que o pess, povo de Copacabana seja tratado como o pessoal do buraco quente, não, nós queremos que o pessoal do Buraco quente seja tratado com dignidade como o pessoal de Copacabana. Ok? Não queremos igualar por baixo, queremos respeito, reconhecimento de direito, reconhecimento de diversidade, e reconhecimento é o seguinte... O negro construiu esse país. Ele precisa ter a sua parte.

Aí vem as políticas inclusivas que são várias. As cotas são apenas uns dos aspectos das políticas de ações afirmativas. Nós temos políticas de ações afirmativas que podem ser aplicadas na área da saúde, de educação, geração de emprego, renda, do acesso a terra, boa parte dos camponeses, por exemplo, nos canaviais do nordeste, os bôia fria são negros.

As políticas de ações afirmativas são um conjunto amplo, porque não basta o estado me dizer que teve culpa e que reconhece a sua culpa no processo. Bem! Então vamos recuperar esse tempo perdido, você recupera esse tempo perdido com ações, no campo educacional, artístico, cultura, psicológico, certo, no campo da religiosidade porque essa nossa religiosidade ainda continua tendo problemas, eu pertenço a uma casa, de Axé no Rio, que constantemente tem problemas, de enfrentamento, a gente tá lá as ilarixas tá lá para iniciar os nossos trabalhos, tá um grupo ligado a uma orientação religiosa, expulsando o demônio na frente da casa. Afrontando e vira meche a gente tá vendo, ritos ou de umbanda ou candom...sendo invadidos ao ponto que maioricha na Bahia enfartar, onde foi criado o dia nacional de luta contra a intolerância religiosa e as pessoas estão vendo isso e estão achando isso normal, isso não é normal.

O negro precisa começar a se incomodar com isso, porque um dos principais projetos do racismo é fazer com que o negro não se incomode e incorpore o discurso racista e até tem razão. O Negro tem que se incomodar. Se

incomodar. Se nós somos maioria, nós temos que fazer valer essa maioria. Porque nós não somos maioria no parlamento? Também não é colocando qualquer negro. Cadê os negros coerentes que não se apresentam para a luta? Nós somos maioria, a maioria dos votos somos nós.

Ai muitos dos nossos vão votar por exemplo, em lideranças religiosas que nos perseguem. Olha só que paradoxo. Os cara passa 4 anos metendo o pau na gente, nas redes de televisões por aí, e o nosso povo na hora de votar, aí vai e vota nos cara. O que que tá havendo com o movimento? O que que está havendo conosco? Isso aqui era para estar lotado. Mas conforme a Weida falou isso é um processo de caminhada, processo de regimentação de força, e que nós somos poucos aqui, mas nós somos muitos. Né?

E é isso, é um papo rápido, essa primeira reflexão, amanhã a gente vai desenvolver um pouco melhor esses assuntos, tratando do tema central não é? Que é a beleza da diversidade.

No mais camaradas, eu espero (Bateu uma Palma) que vocês tenham se incomodado com essa provocação que eu fiz.

Ok! Obrigado. (Aplausos).

[FINAL DO DEPOIMENTO]

ANEXO 7: Ficha técnica da Entrevista 07

Projeto: (Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Número da entrevista: 07

Entrevistado/a: Julho Camilo. (Julinho dos Palmares)

Nascimento: 15/04/1948

Local da entrevista: Clube Palmares, Av Roma Volta Redonda - RJ.

Entrevistador/a: Carlos Gomes de Oliveira

Data da entrevista: 19/11/2011

Transcrição, Conferência Fidelidade: Carlos Gomes de Oliveira

Copidesque: Carlos Gomes de Oliveira

Pesquisa: Lazer No Preto e Branco: A Gestão da Integração do Negro / A Animação Sociocultural no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ.)

Fitas: Gravador digital: Nokia X2-01

Total de gravação: 42minutos e 7 segundos

Páginas Digitadas: 18.

Entrevista com Julio (Músico) Colaborador do Clube concedida ao Prof. Carlos Gomes de Oliveira, na casa do entrevistado.

DATA: 19/11/2011.

Julinho - Isso Veio da minha cabeça né... que ver a coisa começou assim óó!
(MÚSICA). Meu caquinho de mãe.

*Eu queria trabalhar no estrangeiro, para dar para minha mãe vida melhor,
 mas minha mãe quis ??? companheiro, ficou triste que seu pranto me deu dó.
 Ela disse que para mãe vida melhor, é ver toda sua prole ao seu redor,
 Tem jovem que foi, e seu deu bem, mas tem também quem se deu pior,
 Vou ficar aqui, fazer desse lugar, um lugar para se viver melhor,
 Pois minha mãe é meu carinho, é minha razão maior,
 Pois eu lembro as suas frases e minha garganta dá nó,
 Por mais que da vida eu apanhe, por mais que a vida me arranhe,
 Mas meu caquinho de maaãee, eu não posso deixar sóóó.
 Mas meu caquinho de maaãee, eu não posso deixar sóóó.*

Essa música só existe porque o, porque o, ocorreu o fato.

Carlos - **(Risos)**

Julinho - O violão fica horrível quando o tempo muda, é porque desafina.

Carlos - Isso é o famoso inspiração né cara?

Julinho - Ééééé. Para mim é coisa de Deus. Para mim é coisa divina, Eu acho que eu, eu, Eu acho que sou apenas um instrumento, eu acredito nisso assim, porque se fosse fácil fazer, qualquer um fazia. (Risos). Então eu acho que eu sou um instrumento. **(Risos)**, Para mim a minha música, é para mim a música é um dom de Deus, a arte de um modo geral é um dom de Deus.

(ACORDES DE VIOLÃO).

Quando Deus dá o dom , ele quer troca cara. (Risos). Por isso que eu faço música para criança. E quando eu faço música para criança eu estou, eu acho que eu estou agradando a Deus. Eu estou agradecendo ao dom que ele me deu, porque eu tenho certeza, Deus não faz graça de graça.

Carlos - **(Risos).**

Julinho - Quando ele faz uma graça ele quer... ele quer, sei lá, que de alguma forma nem que seja comportamentalmente falando você retribua.

Então a revolta das pinturas cara, eu levei 20 anos para fazer, a mais ou menos, é 20 anos eu levei para fazer! Eu tive a ideia em 78 a mus a foi em 78, foi em 98 que eu consegui fazer essa música.

Por causa de que a Eu fiz a letra em 78, ficava olhando a letra e a melodia não vinha, não vinha. Levou 20 anos.

Que a ideia, eu ví uma exposição na televisão que reunia Di Cavalcanti e Portinari. TV E não sei! Na época quando eu vi. Eu fiquei vendo falei puxa vida eu vou botar aquele do, do Portinari fugindo com a mulata do Di Cavalcanti.

Carlos - (Risos).

Julinho - A revolta das pinturas, eles fogem cara! Eles fogem, isso ficou na minha cabeça, eu vou fazer, eu vou fazer mas, mas a, a, a música a melodia não vinha, a letra eu fiz rapidinho, mas a melodia não vinha. E não podia ser qualquer melodia. Entendeu? Ééé. Vamos ver se eu vou me lembrar da melodia.

(MÚSICA). A Revolta das Pinturas.

Julinho -

*Eu estava pintado no quadro ali ao lado, carregando nas costas uma saca de café,
Foi quando olhei para o seu quadro, aí eu me encantei, pela pintura que é você
mulher,*

*Dessa logo desse quadro, venha aqui para o meu lado, ouvir o samba que eu te fiz,
Nós que sempre fomos massacrados, vamos pintar um outro quadro social nesse
País.*

*Eu já estou cansado e revoltado, não me enquadro nesse quadro,
mas me enquadro em seus quadris.*

*Vamos sair por esses campos verdejantes, vamos cantar e rolar um lugar **de ...
distantes**,*

Negra linda do Di Cavalcanti, eu fugi de um Portinari para ser o teu Amante.

*Eu não resisto a este olhar insinuante, tem as curvas deste corpo com um.....
protuberante,*

Negra linda do Di Cavalcanti, eu fugi de um Portinari para ser o teu Amante.

*E quando o dono dos quadros chegar, e se depara com as molduras vaziaas,
Vai que pensar que enlouqueceu, ou que realmente bebeu, em demasia.*

*Não vai entender a revolta das pinturas, nessa grande aventuraaaaa, em amor e
poesia.*

*Vamos sair por esses campos verdejantes, vamos cantar e rolar um lugar **de ...
distantes**,*

Negra linda do Di Cavalcanti, eu fugi de um Portinari para ser o teu Amante.

*Eu não resisto a este olhar insinuante, tem as curvas deste corpo com um.....
protuberante,*

Negra linda do Di Cavalcanti, eu fugi de um Portinari para ser o teu Amante.

(ACORDES DE VIOLÃO).

Carlos - Nossa!!!

Julinho - Essa é a revolta das pinturas

Carlos - Esse você não gravou, você nummmmm?

Julinho - Eu gravei uma vez mas num gostei, porque faltou flauta, faltou uns bandolins, entendeu? Eu não tinha na, na época recursos para fazer isso. Mas depois eu quero gravar com flauta, bandolins e tudo.

(ACERTANDO O TOM DO VIOLÃO).

Carlos - Você não pensou aqui também fazer uma escola de música para, para criançada? Sei lá, ensinar...

Julinho - Eu gostaria de fazer isso Cara.

Carlos - (Risos).

Julinho - Na , na realidade, quer dizer, não sei nem como falar isso, eu não tenho... acesso ao Palmares. É isso eu não tenho acesso.

Carlos - Estranho!

Julinho - Sério! Eu não tenho acesso ao Palmares. Toda programação do Palmares meu nome não entra cara, nem aniversário do Clube, nem programação de nada, meu nome não entra.

(ACORDES DE VIOLÃO).

Então eu toco esses projetos porque eu estou vendo (???) que tá gravando cara, problema de saúde, eu vou ter que fazer esse, esse livro, esse documentário, (Tosse), e fazer mais um cd para criança, tá. Quero fazer mais um cd para criança, e um cd de samba, ééé, talvez um de mpb que daí eu vou estar lançando 4 cd

Carlos - **(Risos).** A gente percebe assim que você fala fazer um cd, mas na hora que você fala fazer um cd de criança, o seu olho brilha. Seu negócio é crianças?

Julinho - É!

Carlos - De repente você está passando isso para crianças que te, ensinando música para elas tentando passar esse, esse dom, tentar descobrir outras crianças que também tenham esse dom, aí né.

Julinho - Eu faço isso, quer dizer, de vez em quando os professores me chamam para ir nos colégios eu canto, e de graça cara, hoje eu não pago mais passagem quer dizer! Então eu vou no colégio e canto. Hum. **(ACORDES DE VIOLÃO).**

Por exemplo acab eu fiz, eu fiz a que música para criança não é fácil cara, é fácil fazer, mas difícil é criança gostar, tem que fazer uma coisa que se consiga entrar no volume dela cara. Por exemplo eu queria, eu queria falar sobre bullyng, sobre não soltar balão não ir, é, bullyng, sobre não soltar balão essas coisas, por

que é . Mas como eu vou falar isso? Eu tive que fazer uma estratégia para chamar a atenção da criança para aquilo que você quer dizer, que se você for direto no assunto você não, por exemplo eu. (**ACORDES DE VIOLÃO**). Uma coisa assim para poder falar das coisas que eu queria.

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuji, fuji.*

*A minha mãe não me bate, meu pai também, me bate não,
Eles não brigam eles não me batem, por isso que eu não bato no meu cão.
Sou um menino que trata as meninas com carinho, respeito e admiração,
É por isso que lá na escola todas elas querem o meu coração.*

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuji, fuji.*

*Fui numa festa junina e era dia de São João,
Lá tinha muitas barraquinhas, comida quadrilhas muita animação,
Todo mundo se divertia mas só não podia soltar balão,
Ele é bonito mas quando ele cai e só destruição – Mas eu não solto não!*

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuji, fuji.*

*Eu soltava pipa lá no morro para ficar bem longe da fiação,
Eu só solto pipa sem cerol para não machucar nenhum cidadão,
Pisei num cocô de cachorro, caí de bunda no chão,
Mamãe pensou que eu tinha brigado, porque sujei todo o meu calção – Não sou de briga não!*

*Comi uma barata, e nem nojo eu senti,
Era de chocolate, foi por isso que eu comi,
Vi uma jararaca, a meu Deus como eu tremi,
Não era de brinquedo, eu fiquei com medo fuji, fuji.*

Julinho - Porque a barata? Tem nada a ver com o resto da mensagem, para atrair a atenção da criança, uma coisa diferente para atrair a atenção da criança daquilo que ela, criança gosta dessas coisas, (**FALHA NO AUDIO**). Um chamarisco,

um chamariz, uma coisa diferente para ela prestar atenção na letra, igual a do Paraíba do sul. Você tem esse cd infantil né?

Carlos - Isso.

(MÚSICA). O Rio Paraíba do Sul

Julinho -

*O Rio Paraíba do Sul, a gente por favor
Eu estou com esse cheiro de pum, a culpa é de quem me poluiu.*

A criançada só presta atenção na música por causa do cheiro de pum, aí depois você passa o restante da mensagem. Tem que ter essas estratégias.

Carlos - Mais isso é uma coisa, eu sou professor eu vou falar, eu não tenho esse, esse, isso que você consegue fazer, isso chama é didática, você coloca um tema cômico, que a criança se liga, mas você passa a mensagem.

FINAL DO VÍDEO 01.

Julinho - Mas quando você fala que é a questão, é a didática, essa didática que eu uso nas minhas músicas não é só para criança não.

Por exemplo eu queria, **(ACORDES DE VIOLÃO)**. Eu queria falar pra, para pessoas de um modo geral, quero dizer, essa coisa de, de conscientização cara, isso é muito complexo se, se achar que pode conscientizar as pessoas assim, eu estou falando eu estou te conscientizando, não é bem... Se você quiser conscientizar alguém você tem que fazer primeiro fazer com que a pessoa reflita, né, senão fica uma coisa meio impositiva. Eu vou te conscientizar! Se tá entendendo?

Não fica um negócio meio impositivo? Meio prepotente, Meio ahh..

Carlos - Será que eu quero? (Risos).

Julinho - Exatamente, (Risos). Então quer dizer, eu queria chamar a atenção da, da da mulher, da mulher para, pelo menos durante a gravidez para num, num, usar droga, principalmente as drogas do cigarro, num beber, pelo menos durante a gravidez porque o feto não tem para onde correr cara ele não tem defesa.

Isso aí, é, é, ai a virgem Maria grávida é uma música que eu fiz para falar sobre isso. Mas como é que eu vou falar sobre isso? Eu vou, Eu vou apelar para virgem Maria quer dizer, a virgem Maria grávida. Porque eu vi uma mulher, uma vez entrando num bar, ela estava grávida assim, barrigão, né e pediu uma caipirinha, tomou uma caipirinha e em seguida acendeu um cigarro e eu fiquei apavorado com aquilo.

Como é que eu vou chegar para uma mulher e falar que ela está errada? E ela com o marido dela lá do lado. o cara pode...

Carlos - Se o Marido não fala!

Julinho - O ca, o cara pode me bater, pô dando uns cacarecos aí na minha mulher.

Quer dizer essa mulher talvez nem conheça essa música, mas ficou na minha cabeça, eu falei pocha eu queria fazer alguma coisa nesse sentido né?

Mas como chamar a atenção das pessoas para, para esse problema de, de fumar né durante a gravidez, de beber, de, de usar qualquer tipo de droga, Como chamar a atenção? De um jeito que sensibilize, para, para conscientizar primeiro você tem que sensibilizar cara, sensibilizando você provoca a reflexão. É isso!

Ai eu apelei para virgem Maria grávida assim.

(MÚSICA). *Virgem Maria grávida.*

*Feliz foi quem pode ver, a Virgem Maria grávida,
Passeando soridente, tão pura como uma flor,
Colhendo lírios vermelhos, pelos jardins do Senhor.*

*Salve Mariaaaa, criatura do Deus criador,
Mãe do Messias e ele nos enviou.*

*Feliz foi quem pode ver, a Mulher Maria mãe,
Amamentando o neném Cristo, numa tarde de calor,
Ah como eu queria ter visto, esse gesto de amor.*

*Salve Mariaaaa, criatura do Deus criador,
Mãe do Messias e ele nos enviou.*

*E o menino era muito amado, era bem levado, lindo inteligente,
A grávida Maria linda ensinou para gente que a gravidez tem que ser respeitada
plenamente,
Qualquer droga consumida numa gravidez, o feto é quem sente,
O álcool e o fumo é um desafeto que afeta o feto indefeso e inocente.*

*Salve Mariaaaa, criatura do Deus criador,
Mãe do Messias e ele nos enviou.*

*Danda, dada, Jesus Nenen, canestava José em Belém,
Danda, mamãe, Maria já vem para amamentar o Jesus neném.*

*Seja em berço de ouro ou de palha, aqui ou em Jerusalém,
Todo bebê pela pureza que tem, também é um Jesus neném.*

Carlos - Olha aí ô! Essa foi com um fundo de educação.

Julinho - É...

Carlos - Quer dizer, chegou com jeito, se fala com jeito

Julinho - Ahahã.

Carlos - Dependendo do ambiente que você esteja, se você perceber que tenha algumas grávidas, você já...

Julinho - Nós é... Eu tenho feito isso assim de vez em quando, assim quando tem visto aí canto né? Hum as vezes as pessoas saem lá, saem lá pro canto pô quer dizer! Provoca a reflexão cara mas para provocar a reflexão você tem que sensibilizar, criança então se você não sensibilizar, se ela não achar engraçado primeiro é.. e criança não mente, né cara? Se ela não gostar da música ela vira as costas e vai embora

Carlos - E isso você tá chegando, dando a tua mensagem, com jeitinho, sem chegar batendo!

Julinho - Sem chegar batendo. Né?

Carlos - Exato!

Julinho - Tá provado que bater não adianta, incentivo nenhum cara, tem di...

É mais fácil hé você conseguir, acariciando né u, a mente das pessoas, carícia mental né? Cara, espiritual. Mas eu tenho o out. Ess essa música tá até gravada cara eu tem, eu tenho ela gravada que é o Manhã de amor. Né? Eu falo, tem a Virgem Maria grávida, tem a música da escola superior de padres, um cd bem assim para..(silêncio). Tem umas mensagens sobre sindro, síndrome de down, sobre a AIDS né? Hu, falando em humanes. A música eu gravei em 95, é tanta coisa que as vezes eu nem lembro cara.

Carlos - (Risos)... **(ACORDES DE VIOLÃO)**. É por isso que o livro vai ser importante.

Julinho - Pois é, eu tenho muita coisa cara.

Carlos - Quando você faz pouca coisa é fácil de lembrar, ah, foi tal... Agora quando você tem muita história para contar...

Julinho - Ééé porque o repertório infantil então é muito grande, ele tem muita coisa que eu não me, me, me lembro direito. Sambas eu tenho muitos sambas. Para fazer esse cd que você tem que é o diversidade musical cara, eu tive que abdicar de um monte de coisa quer diz. O povo cobrando, porque que você não gravou aquela? Relez mulher de badimarc, num gravou, ih, tã revolta das pinturas, que estava tentando praticar assim, não gravou o, o pretinho básico, uh, senão é o pessoal que tá te falando no início da história da buzinada no chacrinha.

Eu quero gravar um cd de mpb, nenhuma dessas músicas que eu cantei aqui, quer dizer então outras músicas que eu tenho, são mais de mpb, mas o nome vai chamar, não sei se o nome do cd, Cenário pessoal, não sei mas o documentário vai chamar, o livro também talvez o cd. Então ele fala exatamente da buzinada no Chacrinha, viu, ela fala ela fala do trauma, a música fala do trauma. Quer dizer...

(ACORDES DE VIOLÃO).

(MÚSICA). *Cenário pessoal.*

Você lembra né?

Faz muito tempo que eu não canto.

*Nem mesmo 16 anos em tinha, morava em Barra do Piraí onde eu nasci,
Então fui buzinado no programa do Chacrinha, o meu cinema pessoal começou bem
alí,*

*Ouvi muitas ofensas e maldosas piadinhas, jurei que nunca eu iria desistir,
E a minha cidade a minha pérola tão linda, um dia ainda iria me aplaudir.*

*Sem físico de atleta nem diploma superior, eu não passo é de um poeta com
sintomas de amor,*

*Sem beleza externa, uma exigência eterna, nesse país que diz que não se
discrimina a cor,*

Caetano, Gil, Caymi, veneram a Bahia, Milton canta minas com fé e devoção,

*Já que Papai do céu me deu o dom da poesia, meu vale do Paraíba eu canto com
devoção.*

*Eu sou um fruto humano desse vale, amargo e doce por conta de tudo que vivi,
Nem a morte fará com que me cale, Minhas canções vão ficar por aí...*

Eu vou cantar para espantar os males, e alegrar este povo daqui,

*Eu canto os camisares, pelos bares pelos lares minha missão de artista eu vou
cumprir.*

*Não é só uma canção, é verdade meu senhor, eu sou aquele menino que queria ser
cantor.*

*Sem físico de atleta nem diploma superior, eu não passo é de um poeta com
sintomas de amor,*

*Sem beleza externa, uma exigência eterna, nesse país que diz que não se
discrimina a cor,*

Caetano, Gil, Caymi, veneram a Bahia, Milton canta minas com fé e devoção,

*Já que Papai do céu me deu o dom da poesia, meu vale do Paraíba eu canto com
coração*

*Eu sou um fruto humano desse vale, amargo e doce por causa de tudo que vivi,
Nem a morte fará com que me cale, eu viro lenda que nem um Saci...*

Eu vou cantar para espantar os males, e alegrar este povo daqui,

*Eu canto os camisares, pelos bares pelos lares minha missão de artista eu vou
cumprir.*

Eu sou um fruto humano desse vale...

Quer dizer aa... A música só existe porque aconteceu o fato né? Aconteceu a história realmente.

Carlos - E mesmo com tudo que você passou, você ainda canta o amor ao vale.

Julinho - É. Hum, Hum, não tem outro jeito cara!

(ACORDES DE VIOLÃO).

Se eu não tiver no mundo para amar, cara para, para transformar, para quer estar né?

Sei lá! **(ACORDES DE VIOLÃO).**

Mas eu quero é realmente é fazer um cd para criança, isso é quer dizer, para mim é, é prioridade.

Deixar aí que quando eu morrer fica aí para professoras usar nas escolas aí, elas já pirateiam mesmo, né?

Carlos - (Risos).

Julinho - Se eu vendo um quer dizer, es, espalha, tem uns mil espalhados por aí eu vendi uns 10.

Carlos - (Risos).

Julinho - Se tão pirateando é porque gostam né cara? Está sendo útil para dar aula né? Com ele. As professoras que usam para dar para crianças né? Sobre meio ambiente.

Carlos - Já que as professoras usam tanto assim, pirateiam assim, ééé de repente elas poderiam te ajudar serem suas parceiras, para conseguir de repente uma ajuda da secretaria de educação, para bancar os custos de produção desse material. (Risos)

Julinho - Pois é!

Carlos - (Risos)

Julinho - Isso é complicado né cara, é complicado isso.

Carlos - É porque exige vontade né, se as pessoas do lado de lá realmente tiverem vontade de te ajudar nisso. Né?

Julinho - É!

Carlos - Mas enquanto isso eles falam... Não as meninas estão dando um jeito lá, elas estão pirateando.

Julinho - É assim mesmo né?

Carlos - Mais fácil.

Julinho - É mais fácil! **(ACORDES DE VIOLÃO).**

Carlos - Como é que tá aqui? (com relação a gravação). Beleza.

Julinho - **(ACORDES DE VIOLÃO).**

Carlos - Vamos lá! (acertando a filmadora).

Julinho - **(ACORDES DE VIOLÃO).**

Carlos - Você já colocou uma meta, estabeleceu ummm um prazo de você estar fazendo esse cd infantil aí?

Julinho - Na verdade eu queria que fosse um DVD! Rum!

Carlos - É!

Julinho - Queria que fosse um DVD cara! Alias vou tentar ver se eu faço um DVD.

As Crianças eu saio catando cara, saio catando filho de vizinho, empresta seu filho?

Carlos - (Risos)

Julinho - Me empresta, e é legal quer dizer, essa relação que eu tenho aqui, mas aqui no bairro aqui, ná...tem mãe que pô...manda a criança, nem vai junto cara quer dizer, me emociona que pô. Tá como Julinho - ...Tá entendendo? E quando eu preciso de criança para gravar no estúdio assim eu, vai... as, as, sa, sa, pedindo emprestado com os amigos né?

Carlos - (Risos).

Julinho - Empresta seu filho coisa e tal. Aí sai com as crianças, vai pro estúdio e grava quer dizer, e as vezes, vai, vai de 10 crianças e só vaí um 2 responsável porque as mães as pessoas confiam, né? Tá com o Julinho - . E isso é legal cara, me conhecem né. Moro aqui a mas de 30 anos aqui no bairro.

Então eu quero fazer um DVD, mas DVD já é mais caro, é difícil cara, mais difícil.

Carlos - Você está com a ideia de fazer assim com, realmente equipamentos profissionais? Ou um DVD de repente se for mas caseiro, porque daí é mais fácil até né? Mas...

Julinho - Se fosse profissional mesmo seria ótimo

Carlos - Ééé, exato!

Julinho - Mass, quer dizer! Profissional você teria que fazer com um coral de crianças, crianças que já canta, eu não gosto di...Eu gosto disso, seria ideal se eu arrumasse um coral de crianças, um coral já ensaiado, mas eu acho muito legal quando você bota criança.

Carlos - Fica natural

Julinho - Que nunca cantou, fica natural, fica no espontâneo, eu acho legal isso cara . Eu gostaria de. Eu que fazer assim, quero dizer cum. Pego as crianças, ensaio. Umas 15 crianças, ensaio, vamos cantar essas musicas. Quer dizer, um umas aquelas coisa que tem mensagens de natal, né? As coisas de natal, alternativo que eu faço, o livro! De incentivo a leitura, se tem esse Cd que tem o livro.

Carlos - Aha! Ummm isso.

Julinho - Aha!

Carlos - Mas eu não piratiei. (Risos).

Eu tenho porque eu... Ali! (Risos).

Julinho - Mas de repente você vai ser obrigado a fazer isso, né dizer, você está lá onde você mora e alguém fala o pocha eu queria emprestado esse Cd. Você, você não tem como comprar de mim, vir em volta Redonda comprar, então você é obrigado a fazer a cópia, então não vai ter jeito. E esse Cd é para servir as pessoas né cara, não adianta eu querer fazer um Cd para mim cara! Para servir as pessoas quer dizer, esse é o mesmo Cd que eu faço para crianças, porque... pelo amor de Deus cara. Eu acho que, eu sinto assimmm um, um Dom Quixote cara, tropical, Dom quixote da Cara preta,

Carlos - (Risos)

Julinho - Tropical, é brigando contra a, essas coisas esses, esses funks no estou falando do ritmo, essas coisa que tá aí, tocando, direto nas cabeças das crianças e, criança nem consegue aprender a cantar ouvindo funk, porque não tem melodia naquilo entendeu?

Se, se tá me entendendo o que eu estou dizendo? Funk não tem melodia.

Carlos - E ainda também não tá levando a assim não tá levando uma mensagem, não tá conseguindo transmitir um nada, não é educativo, não ééé...

Julinho - Pois é!, É o contrário cara! E ainda incentiva umas coisas...

Carlos - Uhummm.

Julinho - Eu acho que incentiva o ero, ero, erotismo fora do tempo, tá, a erotização da criança. Eu e, acho que o funk serve para isso, incentivar, essa coisa da sexualidade. Erotiza mesmo cara fora do tempo, eu acho que... Não sei cara eu acho que a gente tá queimando as etapas cara! Tá forçando muito a barra, em cima das crianças.

E o funk, esse funk que eu estou falando é do ritmo funk, da mensagem que é passada, ééé, para mim é um mau.

Já que eu uu sou dom quixote, não vou conseguir vencer, mas tento, eu faço uma coisa alternativa cara, faço uma música alternativa. Quer dizer, eu não estou fazendo coisa ruim para criança, minha música pode ser até caretinha, mas, tem conteúdo pedagógico entendeu? , didático. Que fabricar artista é muito fácil, né cara, é investir, se alguém quisesse investir nas minha música, (Risos), Né é botar aí para, num éé? Divulgar a nível da alta mídia para criançada passar a conhecer né? Pra coisa, que existe alguma coisa além de funk, ão só, existe vida além de funk, (Risos), desse funk que tá aí né?

Carlos - Mas o interessante á assim é você perceber, que... tá servindo, sua música ela tá tendo uma utilidade, se ela não tivesse uma utilidade, nem cópia o pessoal iria fazer, você tá percebendo isso.

Julinho - Hahã...

Carlos - Então é sinal que você está conseguindo plantar aquela sementinha, ela está conseguindo dar aquela mensagem éé.

Julinho - É que. Que, que, que, talvez eu nem vá ver o abc, mas daqui um tempo, vai disseminando, o pessoal vai passando. Ó, existe uma coisa assim.

Carlos - De repente até você não esteja vendo acontecer, mas já está acontecendo!

Julinho - É!

Carlos - Certeza,

Julinho - Hahã!

Carlos - Porque são várias professoras, são várias vezes que você já fez isso e com certeza chega, para um, mas já chegou, o outro lado.

Julinho - É!,

Carlos - Mais um

Julinho - Hahã! Aí tem umas coisas que eu re, eu quero gravar, esse DVD eu vou ter que gravar tudo né? Esse DVD nem dá para gravar tudo. Um DVD não

pode passar de 1 hora porque enjoa, que ééé muita música, a vou ter que escolher aquelas de mais conteúdo né.

Carlos - Ou dividir um repertório muito bem dividido pra ficar começo, meio e fim.

Julinho - É!,

Carlos - E fazer dois!

Julinho - É!,

Carlos - O problema é fazer um, fazer o primeiro.

Julinho - (Risos). É é mesmo é verdade.

Carlos - Depois que você faz o primeiro, ai você aprende como é que é. “*É não era assim tão difícil*”

Julinho - Hahã!

Carlos - A gente ficava... Nos temos que ser mais cara de pau rapaz, porque você pega aí esses fabricado aí, que os cara vão lá num, bom com dinheiro né!

Aluga um teatro lá, coloca uns rostinhos bonito lá, iluminação, (Estalar de dedos).

Julinho - É!,

Carlos - Coloca 3 câmeras, as vezes nem é tão profissional, aí depois só faz a edição, pega uma imagem dessa daqui,

Julinho - Hahã!

Carlos - Daqui, aqui, e deixa o letreiro comer solto,

Julinho - Hahã!

Carlos - E manda.

Julinho - É.

E mesmo cara!

Carlos - E a gente fica querendo fazer muuuuito certinho,

Julinho - Sem recurso, né sem recursos,

Carlos - E de repente o esperto vai fazer.

Julinho - Hu hummm.

É eu vou, eu vou fazer esse DVD, nem que seja com câmera mas modesta, mas eu tenho espaço para fazer, que é o teatro da CEMES, que eles me cedem o teatro,

Carlos - Hu hummm.

Julinho - eles me conhecem, eu já fiz muito show , eles respeitam o meu trabalho. Ainda mais se eu disser é para criança quero fazer um DVD aíiiii. Eles

arranjam uma data para mim com certeza, que eu, que eu já, câmeras, câmeras umas 2 câmeras umas 3, mas 2 câmeras, 3!, né? E ensaiar as crianças.

Carlos - Que se fosse para fazer um DVD especificamente pro público adulto, é só produzir o espaço aqui e você poderia fazer aqui mesmo no Espaço Palmares qui sem, sem problemas, mas para criança, o ambiente, cor, vermelho, azul, amarelo, aquelas cores primárias para chamar, é...

Julinho - É tem que ser num local fechado né?

Carlos - É...

Julinho - Um ambiente fechado. É num teatro é legal cara.

Mas eu estou com isso na cabeça cara! A intenção de fazer, Deus tá vendo que que eu quero fazer um,

Carlos - Hu hummm.

Julinho - DVD para, para criança, ele tá vendo, (Risos) a parte dele ele pá fez, me deu inspiração,

Carlos - (Risos)

Julinho - Não posso ficar cobrando muito de Deus não que o meu caso aqui né? O né? O mais difícil eu te dei que é o dom de fazer, então, agora é com os homens. (Risos)

Carlos - Eu estava vendo Dom, você tocando violão rapaz, que coisa

Isso... como é que surgiu isso daí assim?

Julinho - Bom, eu, eu aprendi, eu, eu não toco certo, os acordes certos porque eu aprendi sozinho!

Carlos - Ah! Brincou?

Julinho - Eu aprendi sozinho Éééé.

Tem uns amigo meu que é violinista de (Difaz Cerão Silva) mora aqui em frente, muito bom, ele tá tocando nesse CD que você comprou,

Carlos - Hu hummm.

Julinho - O diversidade musical. Ele fala “*Julinho - eu não sei como você consegue fazer uma escala completa se você não sabe o que é isso!*”

Carlos - É tudo, é uu.

Julinho - É es, es.

Carlos - Você sabe o.

Julinho - É uma escala completa na música tal, “*tum, tuburu tum*”.

E você não sabe o que que é isso. Eu falei é.. Se você não sabe, como é que vou... Se você que é o professor não sabe como é que eu sei, como é que eu vou saber? Cara!

Carlos - (Risos)

Julinho - Então é, de ouvido né? Uu eu aprendi a tocar de ouvido, eu tive que aprender a tocar violão! Eu tive que aprender, igual aprender a ler! Eu tive... Eu só aprendi a ler! Eu só aprendi a ler e saí da escola! Eu não sei mais nada! Eu não tenho curso nenhum cara. Não tenho. Não tenho o primário. Não tenho...

Carlos - Aí que a gente acha legal. E aí hoje você vai para escola pra ensinar. Olha aí!

Julinho - Pois é! Tem uma professora que me chama de educador. Hu humm!

Carlos - Mas você é!

Julinho - E quando as crianças descobrirem que o tio pretinho num, nem estudou, Hu humm! Eles vão ficar, Hu humm! Assustadas né quer dizer.

Na verdade eu só entrei para, eu entrei para, eu forcei a barra pro meu Pai me, me pagar uma professora para, pra eu aprender a ler, porque eu queria ler gibi e queria ler legenda de cinema, eu era desde criança eu era apaixonado por cinema. Pô eu ia pro cinema, eee não sabia ler cara mais, doido por cinema, mas não sabia ler legenda, cinema americano quer dizer... E o meu Pai também como eu te falei, ele era Espírita, Candom era, Umbandista, ele precisava de alguém pra escre... ele ti, ele tinha que pagar alguém para escrever as receitas dele, que ele dava pro consulentes né? Então foi interessante ele pagou uma professora para, para, para me ensinar a ler, que ele queria que eu escrevesse as receitas, os banhos, as receitas, e eu... fui aprender com essa professora a Dona Reni, dona Reni.

Mas como eu não gostava de matemática, eu não queria aprender nada, eu não queria, eu não queria saber do resto cara. Ela desistiu de mim! Ela desistiu! Ela só, ela falou,

“já que você não quer fazer matemática, num você não aprende”.

Eu falei, eu quero aprender a ler, eu quero ler. Ai eu aprendi a ler, ela me ensinou a ler, ler, escrever, bola, peão totó,

Carlos - (Risos).

Julinho - E eu aprendi, o res... o resto cara, eu tive que, depois eu tentei mais uma vez estudar a noite no, no Grupo Escolar Barra do Piraí, mas acho que eu

não passei de 3 meses, acho que eu ía mais para fazer bagunça, para, o só um, meu Pai não acompanhava, né um homem analfabeto, simples, quer dizer, nem sabia o que eu fazendo lá, e eu saí, mas eu aprendi a saí mas aí, eu comecei a ler gibi, (**ACORDES DE VIOLÃO**) viciado em gibi cara eu lia muito gibi e com isso fui desenvolvendo o dom de ler. É COM GIBI QUE SE APRENDE. É LENDO QUE SE APRENDE A LER, cara, eu descobri que para aprender a ler você tem que ler, é com gibi que a criança vai aprender cara!

Gibi, cara, gibi, eu comecei a ler gibi, ler gibi, ee aprendi as palavras certas, ai acho que escrevi as palavras certas, graças as leituras do gibi.

Passei a ler, antigamente exis, existia a foto novela.

Carlos - Foto novela , isso.

Julinho - Existia a foto novela, passei a ler foto novela. Capricho, Grande Hotel, aquelas revistas, e, revista do rádio. Eu era muito ligado a essas coisas que trazia notícia de artista então eu lia a revista do rádio e outra revista chamado intervalo que trazia a notícia dos artistas quer dizer a gente não tin, a tin acesso a televisão. Então eu comecei a ler, eu passei a ler livros quer dizer, eu li Dom Quixote, eu li... mas tarde eu li muito eu li sobre a revo, sobre a revolução cubana, sobre, ditadura, entendeu, um monte de coisa de Frei Beto, de Fernando Moraes, eu li Olga, eu li um monte aí eu comecei a ler!

Então a minha história é essa quer dizer eu não aprendi matemática,

Carlos - Hu Hummm!

Julinho - Física. Matemática! Não aprendi mais nem matemática,

Carlos - (Risos)

Julinho - Aprendi a ler e e acultura sempre gostei de música de cultura e de cinema, sempre gostei de cinema, e música, minha cabeça girava só em torno de arte. Tanto é que na minha idade, com 16 anos, meu Pai me dava um dinheiro que eu escrevia as receitas pra ele, e eu pagava o cinema para, para moçada do bairro assim para uns 10, todo domingo eu pagava a matine para todo mundo , eu já fazia política ganhava e não sabia,

Carlos - (Risos)

Julinho - fazia política e não sabia que estava fazendo política, da por eu pagar o cinema para todo mundo, pagar o drop's, né, também que era o drop's uma bala assim, e pipoca, eu era protegido, quer dizer, ninguém me batia, ninguém deixava ninguém me bater, eu era filho do seu Olavo além disso, quer dizer, é tinha

essas coisas sabe essa visão de ter essa proteção do pessoal do bairro, da do pessoal que não era mole, tá, a molecada não era fácil não.

E, a é, voltando a falar do negócio de cinema, eu pagava matine para todo mundo pra gente ver filme de faroeste, Tarzan, né, os casos dá u, da au da época né, massister , Hércules,

Carlos - Massister,

Julinho - Então quer dizer, os meus amigos só queriam ver essas coisas, realmente, mas eu ia no cinema, então ninguém entendia porque que eu ia no cinema para assistir...

(Visita). O amigão!

Julinho - O vento levou.

Após uma interrupção de um amigo do Julinho. Ele não apresentou.

INÍCIO DO VÍDEO 03 DO JULINHO - DOS PALMARES.

Julinho - Tem uns jovens que querem fazer uns, querem fazer uns, querem fazer umas pesquisas, gente bem jovem, que gosta de samba de raiz, hoje eu vou num samba, a partir de 4 horas, pessoal que toca um samba de raiz, é um bar alternativo, eles passam filmes, tem, quarta feira rola poesia, muito poeta bom cara, os jovens que você olha assim pô, se pensa que é mais um nass mas com uma cabeça boa cara. E hoje tem samba quer dizer, os amigos meus tocam lá, eu vou sempre dou uma canja, canto alguma coisa minha eles já cantam samba meu. Então esse CD de samba que eu quero fazer, preciso fazer se Deus quiser, é para deixar para essa juventude que gosta do meu samba, eles querem tocar isso, eles querem cantar isso, entendeu, eles querem cantar isso.

O Julio, ensina para gente, vem gravar um CD de samba para gente aprender, e eu vou ter que fazer isso!

Então o du, da criança tem que sair junto, já ta quase tudo

Carlos - (Risos).

Julinho - Tempo no tempo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

ANEXO 8: Termos de consentimento.



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Ielips Leonardo Zucarias Cesário CPF n° 105.445.887-28, fornei entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, de fevereiro de 2012.

Assinatura.

Endereço: Rua agron. Iopes, constelação nº 107 Complemento BL 2004 B Sta. Cruz

Cidade: Volta Redonda

CEP: 27288-050

Tel: (24) 3241-6206

E-mail: Uype2000@Hotmail.com



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Murilo Alves de Souza, CPF nº 081051937-25, forneci entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, 09 de fevereiro de 2012.

Murilo Alves de Souza.
Assinatura.

Endereço: R. Servidão Colorado nº 22 Complemento Tres poços

Cidade: Volta Redonda

CEP: 27240-650

Tel: (24) 3340 0458

E-mail: souza.murilo@hotmail.com.



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Julio Ganski CPF nº 234
296 967 - 312, forneci entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, de fevereiro de 2012.

Assinatura.

Endereço: Rua Paris, nº 1 Nº

Cidade: Volta Redonda Volta Redonda

CEP: 27265 140

Tel: (24) 9135 4410

E-mail: clubepalmares@hotmail.com

Complemento CLUBE PALMARES
BAIRRO JARDIM EUROPA



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Josianne Sirkle Laureano CPF n° 02125728737, forneci entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, de fevereiro de 2012.

Assinatura.

Endereço: Rua 543

Nº 2 Complemento A

Cidade: Volta Redonda

CEP: 27266-050

Tel: (24) 3347 2223

E-mail: josirrote@bol.com.br



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu José Geraldo da Costa CPF nº 927.237.057-49, forneci entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, 10 de fevereiro de 2012.

José Geraldo da Costa
Assinatura.

Endereço: Rua 336

Nº 177 Complemento Bairro Monte Castelo

Cidade: Volta Redonda

CEP: 27180

Tel: (24) 88555240

E-mail: Geraldinho.história@hotmail.com



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu José Estanislau Laureano CPF n° 010 179 787/80, forneço entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, de fevereiro de 2012.

Assinatura

Endereço: Rua 552

Nº 130 Complemento Jardim Paraíba

Cidade: Volta Redonda RJ

CEP: 27915-110

Tel: (24) 3347-9923

E-mail: clubepalmores @ hotmail.com



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde

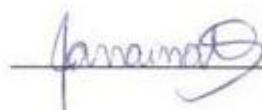


Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Janaina Aparecida da Silva CPF nº 103.718.747-42, forneci entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, 10 de fevereiro de 2012.


Assinatura.

Endereço: Rua Votorantim

Nº 947 Complemento Tér Pocas

Cidade: Volta Redonda

CEP: 103.718.747-42

Tel: (24) 98366122

E-mail: Naiana.silva13@hotmail.com



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências da Saúde



Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação Física e Esporte

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Weida Virote Bispo CPF nº 003.861.527-48, forneci entrevista a Carlos Gomes de Oliveira sobre minha história no Clube Palmares, como forma de produzir a memória dessa entidade, estando ciente de que posso requerer anonimato da minha fala e dos documentos cedidos à pesquisa. Também, por parte do pesquisador, tenho o direito a receber o trabalho de pesquisa concluído no endereço abaixo discriminado por mim, caso seja meu interesse.

Volta Redonda, 10 de fevereiro de 2012.

Weida Virote Bispo
Assinatura.

Endereço: Rua Edson Passos Nº 101 Complemento 304 Bairro: Aterrado
Cidade: Volta Redonda
CEP: (550) 24115550
Tel: (24) 92254363
E-mail: weida.vbp@yahoo.com.br